



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
Rua Barão de Geremoabo, nº 147 – CEP 40170-290 – Campus Universitário
Ondina – Salvador-BA. Tel./Fax: (71) 3283-6256 –
Site:<http://www.ppglinc.lettras.ufba.br/>
E-mail: pglinc@ufba.br

FERNANDA OLIVEIRA SILVA

**UM OLHAR PARA A VARIAÇÃO MORFOLÓGICA NA BASE DE DADOS DO
PROJETO ALiB**
Investigando os campos semânticos “Profissões e Ocupações” e “Convívio e Comportamento
Social”.

Salvador
2024

FERNANDA OLIVEIRA SILVA

**UM OLHAR PARA A VARIAÇÃO MORFOLÓGICA NA BASE DE DADOS DO
PROJETO ALiB**

Investigando os campos semânticos “Profissões e Ocupações” e “Convívio e Comportamento Social”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva

Coorientador: Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto

Salvador
2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

OLIVEIRA SILVA, FERNANDA

UM OLHAR PARA A VARIAÇÃO MORFOLÓGICA NA BASE DE
DADOS DO PROJETO ALiB: INVESTIGANDO OS CAMPOS
SEMÂNTICOS ?PROFISSÕES E OCUPAÇÕES? E ?CONVÍVIO E
COMPORTEAMENTO SOCIAL?. / FERNANDA OLIVEIRA SILVA. --
SALVADOR, 2024.

117 f.

Orientador: Maria Cristina Vieira de Figueiredo
Silva.

Coorientador: Natival Almeida Simões Neto.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós- Graduação em
Língua e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,
Universidade Federal da Bahia, 2024.

1. Nomes de agente. 2. Processos de formação de
palavras. 3. Comportamento linguístico. 4. Projeto
ALiB. I. Figueiredo Silva, Maria Cristina Vieira de.
II. Simões Neto, Natival Almeida . III. Título.

FERNANDA OLIVEIRA SILVA

**UM OLHAR PARA A VARIAÇÃO MORFOLÓGICA NA BASE DE DADOS DO
PROJETO ALiB**

Investigando os campos semânticos “Profissões e Ocupações” e “Convívio e Comportamento Social”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Língua e Cultura, avaliada pelos seguintes membros:

Professora Doutora Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva –UFBA(Orientadora)

Professora Doutora Sandra Pereira Cerqueira Prudencio - UFBA

Professor Doutor Rafael Dias
Minussi -UNIFESP

Dedico esse trabalho aos seres de luz que sempre estiveram ao meu lado, tanto do mundo material quanto espiritual, que nunca soltaram a minha mão e que muito me acolheram em diversos momentos difíceis, me recordando sempre que eu não ando só.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Grande Arquiteto do Universo, que nos criou e guiou até aqui, que mostra sua presença nas grandes e pequenas coisas, não interessando qual nome possamos dar a ele, nunca me faltou e desamparou.

Em segundo lugar agradeço a minha família, que é parte de quem eu sou, eu não chegaria até este momento sem o cuidado e o amor deles.

Muito obrigada paiinho e mainha pelo dom da vida e por terem feito o melhor que podiam por mim. A minha vó Bela e Dack por tanto cuidarem de minha infância.

Aos meus irmãos Cauã e Clara, minhas pessoas no mundo, por todo afeto que me dão.

A meu sobrinho Téo que com seu riso e seu olhar terno me recarregam tanto.

Agradeço muito a Carol, Bina você sempre foi um exemplo na minha vida e uma das pessoas que mais me motivam na trajetória acadêmica e fora dela.

Aos meus tios que sempre estiveram na torcida por mim: Sandra, Vinícius, Marciene, Isabela, Ray, gratidão.

Aos meus cunhados, Ivan e Lívia, que sempre foram tão carinhosos comigo.

A minha prima e comadre Tay tão presente na minha vida e na minha jornada e que me deu um presente que tem pouco mais de um metro de altura, Ayla, mas por quem tenho um amor sem tamanho.

A minha amiga, parceira e companheira que mesmo tendo chegado na reta final deste projeto foi e é uma rede de suporte maravilhosa, Hanna você é incrível.

Meu muito obrigada também aos meus amigos que por tantas vezes me impulsionaram e acreditaram no meu potencial; minhas aventureiras Carol, Maísa, Juli, Nessa, Jana. Meu dark room Keu, Lidi, Anna, Malu. Minhas cascas de bala Renatinha, Pauli, Thi, Édipo, que por tantas vezes enxugaram minhas lágrimas e fizeram rir.

Aos meus professores, fonte de conhecimento, inspiração e resiliência. Em especial a minha orientadora Prof^ª. Dra. Maria Cristina Figueiredo, que se fez sempre tão presente e sempre me provocou a melhorar e me desenvolver como pesquisadora e pessoa. Ao meu coorientador Prof. Dr. Natival, com quem tive o privilégio de partilhar um grupo de pesquisa e uma graduação, e que sempre foi um exemplo para mim de aluno, professor e pesquisador.

À banca, que tão gentilmente aceitou o desafio de construir um trabalho melhor, vindo de longe para isso, no caso do Prof. Dr. Rafael Minussi, e acompanhando de tão perto a Prof^ª.

Dra. Sandra Prudencio, com quem pude construir um trabalho de pesquisa anterior, que se desdobrou nesta dissertação de mestrado.

Agradeço, ainda, aos que não estão mais presentes, que foram levados a um certo tempo, minha vó Dite, meu avô Fernando. Aos que me deixaram mais recentemente, Damião, vô Tapera, tia Adinha, Dedê, Linho, mas que certamente continuam olhando por mim.

E, por fim, aos conhecidos e desconhecidos que cruzaram o meu caminho, me ensinando sobre os dons da empatia, do cuidado e da caridade.

“Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” Antoine de Saint-Exupery.

“A linguagem é uma pele: fricciono minha
linguagem contra o outro. Como se eu tivesse
palavras à guisa de dedos, ou dedos na ponta de
minhas palavras.”

(Roland Barthes)

OLIVEIRA SILVA, F. **Um olhar para a variação morfológica na base de dados do Projeto ALiB:** investigando os campos semânticos “profissões e ocupações” e “convívio e comportamento social”. 2024. Orientadora: Prof^ª. Dra Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva. Coorientador: Prof. Dr. Nival Almeida Simões Neto. 117f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

RESUMO

Este trabalho quantitativo visa contribuir com a descrição morfológica do português brasileiro, com foco em colaborar com as pesquisas do campo da linguística. Esse processo se estabelece por meio da coleta e análise de dados de entrevistas orais realizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Figuram como colaboradores nesta amostra 92 falantes de 22 localidades do estado da Bahia, que foram selecionados através de parâmetros previamente estabelecidos pelo Projeto. O enfoque nesta pesquisa foi o processo de formação de palavras, utilizando como recorte os nomes de agentes de atividades profissionais, que figuraram entre as respostas dadas para seis Questões Semântico Lexicais do Atlas. À luz do que informa Basilio (1987) combinações são utilizadas nas formações de palavras, por meio de regras, que são responsáveis por preservar a economicidade da língua, contudo, as razões pelas quais selecionamos um tipo de combinação em detrimento de outra ainda guarda alguns mistérios. Nos debruçamos nesta investigação sobre o “mistério das combinações”, de modo que analisamos quais as características dos processos formativos e das formações de nomes agentivos realizadas pelos falantes baianos nas entrevistas. De acordo com os autores de referência no trabalho a nomeação se dá principalmente por meio da derivação, que é listada como processo mais prototípico para formar nomes de agente, mas também verificamos que foi bastante empregada a composição, processo que não figurava entre os teóricos de referência como mais produtivo para esse fim, porém foram registrados outros modos de nomeação, como o uso de sintagmas e as formas simples. Os dados atestados foram analisados em termos de dois tipos de processos de formação, que foram verificados como mais produtivos no corpus, a derivação e a composição. A análise se constituiu por meio das características morfológicas desses nomes, correlacionando-os com a leitura denotada pelas formações, e contrastando-os, ainda, com o fator idade, de modo a verificar se este seria um fator que mantém algum tipo de correlação na seleção do processo formação de palavras. As questões foram sintetizadas em quadros que organizaram e quantificaram os processos, gerando ao final gráficos que ilustraram o comportamento dos participantes do Atlas, evidenciando que há alguns sufixos que são mais prototípicos para formar agentivos, como o -eiro e o -dor, um tipo de composto também figura entre os dados como mais produtivo, o composto sintático.

Palavras-Chave: Nomes de agente. Processos de formação de palavras. Comportamento linguístico. Projeto ALiB.

OLIVEIRA SILVA, F. **Um olhar para a variação morfológica na base de dados do Projeto ALiB:** investigando os campos semânticos “profissões e ocupações” e “convívio e comportamento social”. 2024. Orientadora: Prof^ª. Dra Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva. Coorientador: Prof. Dr. Nival Almeida Simões Neto. 117f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

ABSTRACT

This quantitative-qualitative work aims to contribute to the morphological description of the Brazilian Portuguese, with a focus on collaborating with research in the field of linguistics. This process is established through the collection and analysis of data from oral interviews conducted by the Linguistic Atlas of Brazil Project. This sample includes 92 speakers from 22 locations in the state of Bahia, who were selected through parameters previously established by the Project. The focus of this research was the process of word formation, using as cutouts the names of agents of professional activities, which were among the answers given to six Lexical Semantic Questions of the Atlas. In the light of what Basilio (1987) informs, combinations are used in the formation of words, by means of rules, which are responsible for preserving the economy of the language, however, the reasons why we select one type of combination over another still holds some mysteries. In this investigation, we focus on the "mystery of combinations", so that we analyze the characteristics of the formative processes and the formation of agentive names carried out by the Bahian speakers in the interviews. According to the authors of reference in the work, the naming occurs mainly through derivation, which is listed as the most prototypical process to form agent names, but we also found that composition was widely used, a process that did not figure among the reference theorists as more productive for this purpose, but other modes of naming were recorded, such as the use of phrasings and simple forms. The attested data were analyzed in terms of two types of formation processes, which were verified as more productive in the corpus, derivation and composition. The analysis was constituted by means of the morphological characteristics of these names, correlating them with the reading denoted by the formations, and contrasting them with the age factor, in order to verify if this would be a factor that maintains some kind of correlation in the selection of the word formation process. The questions were synthesized in tables that organized and quantified the processes, generating at the end graphs that illustrated the behavior of the participants of the Atlas, showing that there are some suffixes that are more prototypical to form agents, such as -eiro and -dor, a type of compound also appears among the data as the most productive, the syntactic compound.

Key words: Agent names. Word formation processes. Linguistic behavior. ALiB Project.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	61
Quadro 2.....	62
Quadro 3.....	69
Quadro 4.....	69
Quadro 5.....	71
Quadro 6.....	74
Quadro 7.....	78
Quadro 8.....	80
Quadro 9.....	85
Quadro 10.....	87
Quadro 11.....	91
Quadro 12.....	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	98
Tabela 2.....	100
Tabela 3.....	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.....	99
Gráfico 2.....	101
Gráfico 3.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj	Adjetivo
Adv	Advérbio
FS	Forma Simples
GER	Gerúndio
MFG	Morfema Flexional de Gênero
N	Nome
RAdj	Radical Adjetival
RN	Radical Nominal
RV	Radical Verbal
TV	Tema Verbal
VT	Vogal Temática
V	Verbo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	17
2.1 Como formamos palavras?	18
2.2 A derivação sufixal.....	25
2.3 A composição	30
2.4 Os agentivos: o estado da arte.....	38
2.4.1 O agentivo -ário.....	41
2.4.2 O agentivo -eiro.....	41
2.4.3 O agentivo -ista	42
2.4.4 O agentivo -dor	44
2.4.5 O agentivo -nte.....	45
2.4.6 O agentivo -ão	47
3. O PROJETO ALiB: DA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA À PUBLICAÇÃO DO ATLAS BRASILEIRO	49
3.1 O que é o ALiB?	49
3.2 A metodologia própria do ALiB	53
3.3 A metodologia desta pesquisa	57
4. AS QUESTÕES DO ATLAS LINGUÍSTICO.....	60
4.1 Questão semântico lexical 61 – Trabalhador de enxada em roça alheia.....	60
4.2 Questão semântico lexical 123 – Parteira.....	68
4.3 Questão semântico lexical 140 – Pistoleiro.....	71
4.4 Questão semântico lexical 142 – Prostituta.....	77
4.5 Questão semântico lexical 151 – Rezadeira.....	85
4.6 Questão semântico lexical 152 – Curandeira.....	90
4.7 Para resumir	98
5. REFLEXÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	106
A N E X O S.....	110
ANEXO I - Quadro com respostas às QSL	111

1 INTRODUÇÃO

A língua é um organismo vivo que está em constante variação e mudança, sempre se transformando à medida que a sociedade muda. Essa é uma proposição com que a linguística tem trabalhado, principalmente a Sociolinguística, uma teoria da variação e da mudança linguística.

Essa variabilidade é uma propriedade inerente a todas as línguas, e é uma das razões pelas quais podemos encontrar na fala dos indivíduos nas diversas situações cotidianas, bem como nas modalidades orais e escritas, diferentes modos de expressão para um mesmo referente. Apesar dessa variação e mutabilidade, não se constitui um processo caótico ou desordenado cf. Labov (1972).

Ademais, é salutar perceber, à luz do que propõe Chomsky (1957) em sua teoria gerativa, que existem elementos invariáveis e outros universais em todas as línguas. Esses elementos se concatenam a partir de processos de seleção internos ao sistema para serem operacionalizados.

Já os aspectos externos, ou seja, extralinguísticos, são objeto de análises de sociolinguistas, que também controlam os aspectos linguísticos em suas análises variacionistas. Para essa teoria a língua é heterogênea e seus fatos estão relacionados aos aspectos internos e externos ao sistema linguístico, diferente do que assume a Teoria Gerativa, que concebe a língua como homogênea.

E, mesmo diante de um fenômeno em variação, conforme propõe o sociolinguista variacionista Labov (2003), há variáveis que são capazes afetar, condicionar e/ou direcionar a mudança, que podem ser de ordem intra ou extralinguística, como é o caso da atuação do fator idade na proposição de novas formas linguísticas.

De acordo com suas pesquisas, o autor percebe, por exemplo, que quanto mais idade tem o falante, maior também é o uso de formas conservadoras, inversamente, quanto mais jovem for o falante, mais fará uso de formas inovadoras (Labov ([1972]2008)). Embora este trabalho analise os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), constituído com a intenção de permitir o desenvolvimento de pesquisas sobre a variação e a mudança linguística, nesta dissertação, devido ao recorte realizado, não foi possível controlar todas as variáveis sociais, que muito nos tem a dizer sobre essa realidade linguística, somente controlamos o fator idade, em 2 faixas.

No sentido do que aponta Labov acerca da distribuição das formas variáveis, neste trabalho descrevemos como se distribuiu os processos de formação de derivação e

composição em duas faixas etárias, conforme metodologia do Projeto ALiB em sua recolha de dados: faixa 1 de 18 a 30 anos e faixa 2 de 50 a 65 anos, com a finalidade de controlar a variável idade.

Neste cenário, em que a língua é capaz de se modificar e atualizar ao longo do tempo, e em que o contexto social pode influenciar na formação e interpretação das formas, a descrição morfológica se constitui como um fator relevante para registro, verificação e análise dos processos morfológicos de que os falantes dispõem, e do modo como se utilizam para exprimir suas identidades individuais e coletivas.

O objetivo da realização deste trabalho é descrever a formação de agentivos no estado da Bahia, a partir da análise do *corpus* constituído de informações de Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB. Através da análise dos processos de composição, em (1), e derivação, em (2), nas formações de agentes de atividade.

(1) ¹Garota de programa; trabalhador de aluguel; mãe-de-santo.

(2) Biscateira; diarista; parteira; rezadeira.

Para atingir esse objetivo, foram coletadas respostas dadas a 6 (seis) questões semântico lexicais do Projeto ALiB. Essas questões foram selecionadas a partir do campo semântico de agentes de atividade, de modo que possibilitou reunir nomes agentivos, verificando os processos envolvidos em sua formação, bem como os morfemas que os compuseram.

A descrição ora mencionada teve como hipótese inicial que seriam mais realizados agentivos formados por derivação sufixal, como nos exemplos em (2). Além disso, a hipótese era a de que as formações mais recorrentes seriam aquelas em que em sua constituição estariam presentes os sufixos *-eiro* e *-dor*. Os resultados, porém, indicaram que a distribuição dos sufixos depende da questão, podendo ocorrer formações com os sufixos *-ista*, *-oso*, *-dor* e *-nt-*.

Todavia, com o início da análise dos dados verificamos a presença constante de agentivos formados a partir do processo de composição, o que nos levou a rever a hipótese e redirecionar os objetivos, incluindo na análise formações como em (1). Essas foram recorrentes nas respostas de algumas questões, mas pouco relevantes em outras.

¹ As formas consideradas como compostas neste trabalho não puderam ser testadas em termos da sua fixação, nem opacidade sintático-semântica, sendo deste modo classificadas por serem a resposta dada pelos falantes para nomear o agente de atividade em questão, necessitando de um estudo mais aprofundado, de decisão lexical, por exemplo, para comprovar essa tese, o que foi inviável nesta pesquisa.

Os dados não permitiram estabelecer uma descrição diatópica, pois não se verificou de modo demarcado regionalmente o ponto em que a ocorrência de certos morfemas se deu de modo mais produtivo em detrimento de outros, assim como por aspectos geográficos não foi possível demarcar a ocorrência mais ou menos produtiva de compostos ou derivados em oposição.

Essa dissertação está assim organizada: no primeiro capítulo, intitulado “Os processos de formação de palavras”, apresentamos o processo de derivação sufixal, elencando os sufixos mais prototípicos na formação de agentivos e o processo de composição, registrando suas possibilidades configuracionais.

No segundo capítulo, chamado “O projeto ALiB: da constituição histórica à publicação do Atlas brasileiro”, apresentamos a metodologia do Atlas Linguístico do Brasil, de onde se extraíram os dados analisados neste trabalho, bem como alguns aspectos históricos que influenciaram na organização e apresentação do Atlas.

Ainda no capítulo dois, apresentamos a metodologia de trabalho utilizada nesta pesquisa, com a finalidade de caracterizar como se configuraram os dados e como se deram as análises realizadas, expondo os aspectos levados em consideração para a coleta e para a exposição mais didática possível das formas encontradas.

No capítulo três, intitulado “As Questões do Atlas Linguístico”, descrevemos e analisamos as seis questões propostas para a versão final da dissertação. São as questões 61, 123, 140, 142, 151 e 152 do Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALiB.

A análise se pautou nos tipos de processos formativos utilizados pelos falantes para nomear agentes de atividade, verificando as características desses processos, as leituras que denotaram, se há variação de processos nas designações dos agentivos e ainda se há morfemas concorrendo nessas formações.

Por fim, em reflexões finais, apresentamos as conclusões que puderam ser realizadas a partir da análise do material teórico e da descrição e exame dos dados.

2 OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

No presente capítulo, apresentamos os processos de formação de palavras empregados nas construções morfológicas atestadas no *corpus* analisado. Essas realizações foram utilizadas em resposta às questões 61, 123, 140, 142, 151 e 152 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), projeto que será descrito em termos de sua metodologia própria no capítulo 2. As questões selecionadas foram:

- a. Como se chama o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho? – Questão 61.
- b. Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer? – Questão 123
- c. Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém? – Questão 140
- d. Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? – Questão 142
- e. Como se chama uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de plantas? – Questão 151
- f. Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? – Questão 152

Como exemplo dos dois processos formativos em foco nesta pesquisa podemos citar a QSL 61, em que foram obtidas as formas em (3), QSL 140 (4) e QSL 152 em (5).

- (3) a. diarista
b. trabalhador alugado
- (4) a. pistoleiro
b. matador de aluguel
- (5) a. curandeiro
b. doutor raiz

Tendo em vista que só as formações complexas serão o alvo das descrições realizadas neste trabalho, serão tratados os seguintes processos: a derivação sufixal e a composição. Inicialmente, quando delimitamos o *corpus* desta investigação propusemos que somente as formas derivadas fossem objeto de análise, no entanto, conforme coletamos os dados fomos verificando a diversidade existente quanto aos tipos de processos formativos utilizados pelos falantes, de modo que dentre eles se destacou a composição por sua alta produtividade em algumas questões, posto que formas de diversos modelos de compostos foram obtidas como

resposta, competindo diretamente com a derivação em diversos dos agentivos em algumas delas.

Na próxima seção, apresentamos as principais características desses processos, que permitirão a análise das ocorrências encontradas no *corpus* analisado.

Por esta pesquisa ter um caráter descritivo, este capítulo do trabalho explicita o modo como são analisadas as formações de palavras nos estudos linguísticos, considerando tanto a segmentação e a classificação das formas encontradas quanto os aspectos morfológicos e semânticos atinentes aos formadores envolvidos.

São ainda explicitados neste capítulo alguns aspectos das construções morfológicas agentivas licenciadas no português brasileiro esperadas nos dados. São elencados os sufixos agentivos mais prototípicos, de acordo com os teóricos de referência no trabalho, bem como as propriedades formais e semântico-funcionais atinentes às construções com esses itens. Ainda neste capítulo, apresentamos os aspectos do processo de composição, elencando os critérios utilizados pelos teóricos para classificação das formas.

2.1 Como formamos palavras?

Os morfólogos apontam muitas razões pelas quais os falantes formam novas palavras. Os motivos incluem necessidades intrassistêmicas, economia linguística, adequação a uma situação comunicacional, lapsos que podem gerar formas esporádicas, questões estilísticas e questões de mudanças sociais que ensejam também mudanças linguísticas. Essas razões não são mutuamente excludentes, cabe ressaltar.

De acordo com Basilio (1987), algumas respostas para o motivo pelo qual formamos palavras perpassam algumas necessidades, que podem ser classificadas em três grandes grupos; (i) as categorias sintáticas que precisam ser preenchidas, como no exemplo em (6), (ii) os acréscimos semânticos, como em (7) e (iii) para expandir o léxico de modo econômico, sem armazenar centenas de formas no cérebro, como em (8). É possível, de acordo com a autora, que duas necessidades sejam contempladas em uma mesma forma, conforme o exemplo (8) em que há mudança de categoria, ou ainda as três sejam requeridas e contempladas em uma única formação.

(6) A *comunicação* é importante na vida.²

[[[comunic-]_{RV-a-VT}]_{TV-ção}]_N

(7) Você gosta de falar *baixinho*.³

[[baix-]_{RAdj}-inho]_{Adj}

(8) viável – viabilidade

[[viabil-]_{RAdj}-idade]_N

(Basilio, 1987, p. 5-6)

Nesta pesquisa apesar de adotarmos diversos aspectos propostos pela morfologia lexicalista gerativa, como as regras de formação de palavras, não descartamos a proposta de diferentes modelos teóricos, como o da linguística cognitiva. Porém, assumimos a segmentação das palavras a partir dos modelos propostos na teoria gerativa.

Consideramos que o processo de sufixação ocorre com a concatenação de radicais e/ou palavras a sufixos que podem ou não manter ou apagar a vogal temática, se tornam temas quando a mantém, como propõe Villalva (1994).

Realizamos, assim, um tipo de análise em que culminam aspectos da morfologia gerativa, pois os radicais se inserem na análise das formas a que se adjungem modificadores, mas também evidenciamos que há uma forma base sobre a qual atuam os sufixos. Consideramos, ainda, que os afixos se ligam a bases nominais, verbais ou adjetivais, e é relevante o fato de que em algumas bases verbais a vogal temática (VT) se conserva, tornando-se um tema verbal (TV). A leitura desses produtos também é relevante para a descrição que se pretende realizar neste trabalho.

Assim, consideramos que em (6) há um nome formado a partir de um tema verbal que se encontra na posição sintática de sujeito, e que, portanto, deve ser preenchida por essa classe. Desta feita, ao adjungir um sufixo nominalizador a uma base verbal, sanamos a necessidade sintático-formal, sem que, contudo, haja acréscimo na semântica da base *comunicar*. A leitura é a mesma do verbo base, tendo em vista que este é um dos sufixos que atuam somente como “marcador sintático” de acordo com Basilio (1980, p. 62).

² Vale ressaltar que as palavras utilizadas como exemplos, apesar de extraídas dos teóricos referenciados, são analisadas de acordo com a mesma proposta de segmentação deste trabalho, como é possível notar ao longo da dissertação.

³ Não entraremos no mérito se *baixinho* é um uso adverbial do adjetivo ou um advérbio.

No exemplo em (7) podemos ver na sentença a forma *baixinho* funcionando como um adjetivo, constituído de um radical adjetival e um sufixo avaliativo, não configurando então uma mudança de classe, mas acrescentando um valor diminutivo à forma base, portanto havendo acréscimo semântico. Deste modo, é possível considerar a partir do que postula Basilio (1987), que o grau também pode ser considerado um processo formador de palavras.

No exemplo em (8), verifica-se uma palavra que deriva de uma base alomórfica (*viável/viabil*), conforme o modelo explorado pela teoria lexical. Diferindo da análise realizada nos exemplos anteriores, a análise deste exemplo foi assim apresentada para expor a questão de que ao internalizar a RFP (Regras de Formação de Palavras) do sufixo *-idade* o falante não necessita armazenar as formas completas no léxico.

Os processos de formação de palavras na teoria lexicalista conforme Basilio (1987) se dão a partir de RFPs, que foram propostas por Aronoff (1976). Essas regras têm como características: (a) propor a especificidade da base sobre a qual a regra opera, (b) possibilitar realizar uma operação morfológica e poder também realizar operações lexicais e semânticas, (c) operar somente sobre as palavras, os morfemas ainda que significativos não servirão de base na formação e (d) só operar uma vez.

De forma diferente, Sandmann (1985) propõe que a produtividade da formação é que estabelece um tipo de padrão formativo, ou seja, um padrão pode ser apreendido a partir do qual produtivo é um tipo de forma. Podemos inferir dessa posição que esse padrão é externo à mente do falante e não contribuiria de forma funcional para a constituição de um léxico mental

Para (Basilio, 1987), as regras são internas à mente e compartilhadas pelos falantes. Elas são responsáveis por tornar a língua funcional tendo em conta que seria impossível criar elementos inteiramente novos a cada vez que fosse necessário nomear um novo item, ou a cada vez que se demandasse a necessidade de mudança categorial, como no exemplo em (6), pois desta maneira o inventário que é a língua se tornaria infinito.

Os processos formativos podem se dar de modo em que ocorra a concatenação de morfemas e palavras, como em (9a), que se formam por adição e transformação de uma forma base, criando e ressignificando palavras na língua, para atender às necessidades comunicativas. Esses processos são chamados de concatenativos, visto operarem através da adição de elementos morfológicos. Eles são subclassificados de acordo com a posição em que se ligam os morfemas a uma forma base e de acordo com a quantidade de bases que compõem a forma (como a derivação, composição, etc.). As formações em que ocorre perda de material

são denominadas não-concatenativas⁴, como em (9b), são os blends, a siglagem, o truncamento, etc.

(9) a. Concatenativos

Sufixação: Linguista⁵

[[ling-]_{RN}-ista]_N

Composição: Vendedor ambulante

[N] + [N]

b. Não concatenativos

Blend: Namorido

[Namorado] + [marido]

Siglagem: PT

[Partido] dos [Trabalhadores]

c. Truncamento: Presidente > Presida

Assim, é possível notar que o falante pode utilizar elementos combináveis, que são os morfemas e as palavras e, deste modo, com uma quantidade finita de elementos construir uma infinidade de novas formas. Quanto aos processos de derivação, este mecanismo pode ser representado por meio de RFPs, conforme Basilio (1987, p. 79):

(10) [X]_A → [[X] A Y]_B

(Basilio, 1987, p. 79)

Na representação, acima evidenciada, X é a base, Y pode ser um sufixo, e as letras A e B representam a classe das palavras. Caso em lugar de A estivesse representado um nome, por exemplo, em Y um sufixo e em B um verbo estaríamos diante de um padrão de formação de verbos a partir de nomes por meio da sufixação. Como em (11), uma regra é acionada para se realizar a mudança de classe de uma base nominal para uma forma verbal. Essa é uma exigência que, em geral, é demandada pelo sistema, pois o módulo sintático necessita do preenchimento de determinadas categorias para ser capaz de realizar o processamento, no entanto, aspectos do léxico e da semântica podem demandar o acionamento de uma regra.

(11) [cânone]_N → [[canon-]_{RN}-izar]_V

⁴ Neste trabalho só trataremos de processos concatenativos.

⁵ Os exemplos que não possuem referência nesta pesquisa são de autoria própria, os demais terão referência apontada.

Acerca dos morfemas que operam neste sistema de derivação é importante ressaltar que: (a) há entre os morfemas uma linearidade, eles não se sobrepõem entre si, (b) há contiguidade, uma distribuição regular dos morfemas, (c) são de adição, os morfemas não subtraem elementos da forma, (d) há na formação a preservação de uma forma base, (e) há autonomia entre os elementos formativos e (f) os morfemas são dissociados uns dos outros (Bye; Svenonius, 2012).

Os fatores elencados por Basilio (1987) que motivam a formação de palavras podem atuar de modo concomitante em um mesmo processo, que são a necessidade de mudança categorial, a mudança semântica e expansão lexical. Usemos como exemplo a palavra em (12), que embora não tenha sido proposto pela autora, exhibe a interação entre as três necessidades que propôs:

(12) O *computador* está com a tela escura.

[computar]_V → [[[comput-]_{RV-a-VT}]_{TV}-dor]_N

Nesse dado em (12), podemos perceber que há a necessidade de mudança de categoria morfossintática ($V \rightarrow N$), a necessidade designativa e o estabelecimento de uma fórmula morfológica que será armazenada na mente, para dar conta de uma produção em série de palavras com o mesmo padrão.

Autores que abordam a formação de palavras numa perspectiva mentalista, seja cognitivo-formal (Aronoff, 1976), seja cognitivo-funcional (Booij, 2010), defendem que para a cunhagem de novos itens, o falante lança mão do seu conhecimento acerca do léxico da sua língua e da maneira como as palavras se organizam. No caso do português brasileiro, esses recursos se traduzem em regras ou esquemas que generalizam diversos processos formativos tais como derivação afixal (prefixal, sufixal, parassintética etc.), composição, cruzamento vocabular, truncamento, hipocorização, *blends* etc.

Embora as palavras possam ser formadas por inúmeros processos, neste trabalho, serão focalizados os processos de derivação sufixal e composição. Na sufixação, há o acréscimo de um afixo à direita de uma base, núcleo da nova formação (Villalva, 2000), enquanto, no processo de composição, verifica-se a combinação de duas ou mais formas bases.

Usualmente, para que novas palavras apareçam na língua, independentemente do tipo de processo, é necessária a utilização de um material linguístico já disponível, conforme expressa Aronoff (1976). Acerca desse tema Alina Villalva (1994, p. 93) afirma que “todos os processos de formação de palavras operam sobre bases que são variáveis lexicais”, deste

modo, todo produto é dotado de uma base que possui informação semântica ou sintática, ou ambas.

Para a criação de palavras Aronoff e Basilio propõem as RFPs. Já, para a interpretação dessas formas, Basilio (1980) propõe que esse processo se dá por meio das regras de análise estrutural, RAE, em que o indivíduo interpreta uma palavra a partir de regra que ensejou a sua formação, sobre as quais realiza generalizações por meio da produtividade delas (13). E, ainda que a RFP não esteja mais disponível na língua, é possível ao falante depreender a estrutura de uma palavra formada por ela.

Por meio da análise da regra é recuperável ao falante a base da formação, à qual se adjungiu um sufixo não mais produtivo, como em (14). Desse modo, as novas palavras não são formadas aleatoriamente e são norteadas por regras que licenciam a sua formação e a sua decomposição. Na próxima subseção, ao tratar da derivação sufixal, apresentamos essas regras.

(13) Claramente

[[clara]_{Adj}-mente]_{Adv}

(14) Casebre

[[cas-]_{RN}-ebre]_N

As regras de formação de palavras consideram alguns requerimentos, por exemplo, a informação categorial. No caso do sufixo *-dor*, como núcleo da palavra, seleciona bases verbais, como em *tatuar + -dor*, *vender + -dor*. Esse comportamento permite estabelecer uma paráfrase interpretável, “aquele que X”, sendo X, o valor semântico expresso pela base verbal. No exemplo em (15), X corresponde a RV, *avali-*, permitindo a paráfrase “aquele que avalia”.

(15) O *avaliador* do exame está atento.

[[avali-]_{RV-a-VT}]_{TV-dor}_N

Os sufixos derivacionais, à exceção dos avaliativos, tendem a funcionar como o núcleo das palavras, conforme observa Villalva (1994). São também os responsáveis por demarcar a categoria das palavras. Por exemplo, o sufixo *-oso*, em (16), atua na formação de adjetivos a partir de radicais com traços adjetivais e nominais. O *-ção* atua na formação de nomes a partir de radicais verbais, como em (17). Há casos em que os sufixos podem ou não atuar

na alteração de categorias: *-agem* forma nomes a partir de radicais tanto nominais, como em (18), quanto verbais, como em (19).

(16) a. Famoso

b. $[X]_{N/Adj} \rightarrow [[X]_N / -OSO]_{Adj}$; $[fama]_N \rightarrow [[fam-]_{RN} / -OSO]_{Adj}$

(17) a. Malhação

$[X]_V \rightarrow [[V]_V / -vt- / -ção]_V$; $[malhar]_V \rightarrow [[malh-]_{RV} / -a-_{VT} / -ção]_V$

(18) a. Folhagem

b. $[x]_{N/V} \rightarrow [[X]_N / -agem]_N$; $[X]_N \rightarrow [[folha]_N / -agem]_N$

(19) a. Blindagem

b. $[x]_{N/V} \rightarrow [[X]_N / -agem]_N$; $[[blind-]_{RV} / -a-_{VT} / -agem]_N$

É possível verificar, também, que há sufixos bastante produtivos que, ao operarem de acordo com suas regras, não modificam a categoria do que Basilio (1987) toma como “base”, mas acrescentam um conceito que a modifica semanticamente conforme Rocha (2008), como é o caso, por exemplo, do *-aria* em (20), que se adjunge a uma base nominal, gerando um produto nominal cuja paráfrase é “conjunto ou local onde armazena X”, em que X é a base.

(20) $[X]_N \rightarrow [[X]_N / -aria]_N$; $[livro]_N \rightarrow [[livr-]_{RN} / -aria]_N$

Basilio (2004) propõe, também, que existem sufixos que se servem, a partir de processos morfológicos, a cumprir somente necessidades sintáticas, que são denominados semanticamente vazios, enquanto outros, como o *-ada*, que transportam informação semântica, que é capaz de formar palavras com distintas leituras, como a de “golpe com X” em (21), em que X é o instrumento utilizado e definido pela palavra-base, neste caso, nominal. No entanto, na forma (22), esta leitura não se aplica, visto que o significado é de “preparação à base de X”, ainda que neste caso as características morfológicas sejam as mesmas, um nome denominal.

(21) $[X]_N \rightarrow [[X]_N / -ada]_N$; $[pedra]_N \rightarrow [[pedr-]_{RN} / -ada]_N$

(22) $[X]_N \rightarrow [[X]_N / -ada]_N$; $[feijão]_N \rightarrow [feijo-]_N -ada]_N$

Além do processo de derivação sufixal, dentre outros processos, o falante dispõe da composição como um mecanismo produtivo de formação de palavras no português contemporâneo (Rocha, 2008).

A composição, vista nos exemplos em (23), (24) e (25), é o processo em que duas ou mais formas-base se concatenam para formar uma nova forma. Esse processo pode se dar por meio da subordinação, coordenação e atribuição entre as formas-base (Scalise; Guevara, 2006 *apud* Santos, 2009). Podem ainda apresentar significado que se estabelece no interior da forma, por meio de seus constituintes (endocêntricos), ou construir seu sentido no exterior das formas que o constituem (exocêntricos) (Lee, 1997). Podem também ser classificados como metafóricos ou metonímicos de acordo com Sandmann (1988) que também leva em conta o aspecto do sentido para a constituição dos compostos, conforme veremos no subtópico 1.3.

Villalva (2003) e Ribeiro e Rio-Torto (2016) classificam os produtos da composição em morfológicos (23), morfossintáticos (24) e sintagmáticos/sintáticos (25), levando em consideração o comportamento das formas por meio de aspectos da sintaxe, étimo, semântica e a presença ou não da vogal de ligação (Villalva, 2000) ou vogal temática (Rio-Torto, 2016) destes produtos. Esses conceitos serão mais retomados na subseção 1.2.

(23) *A cardiopatia é uma doença.*

(24) *O morto-vivo chegou na escola.*

(25) *Comprei uma máquina de lavar.*

(Ribeiro; Rio-Torto, 2016, p. 386-447)

Na próxima subseção, apresentam-se características mais específicas das formações sufixais e, na seguinte, os aspectos de constituição do processo de composição que serão levados em consideração para investigar os dados coletados nas QSL.

2.2 A derivação sufixal

Conforme já mencionado, a derivação sufixal é um processo de concatenação de um sufixo à direita de uma forma base, e esse é considerado por Sandman (1992), Basilio (1998) e Rocha (2008) como um dos processos de formação mais produtivos na língua portuguesa.

Os resultados obtidos neste trabalho corroboram essa afirmação, tendo em vista que a maior parte das designações de agentes de atividade para as questões propostas são de

formações sufixais, tendo em conta que das 786⁶ designações de agente obtidas nas QSL, somando-se formas simples e complexas, fraseologismos e sentenças, registramos um total de 404 formas derivadas sufixais como respostas às questões.

Neste trabalho, a análise dos processos se dará de modo sincrônico, considerando a transparência dessas formas no presente, sem observar os aspectos etimológicos das formações, embora, na descrição dos sufixos agentivos no próximo subtópico é registrada a sua origem a título informativo, e não descritivo ou explicativo.

Algumas razões corroboram para que a sufixação seja tão produtiva, como o fato de que ela é utilizada para uma série de recursos como; (a) adição de aspectos semânticos, como em (26a, b), que se dá a partir das formações que Rocha (2008) denomina como sufixos significativos e (b) mudança de classe, que Rocha atribui aos sufixos categoriais, em (27).

Acerca de (a), é possível verificar que uma parte dos sufixos derivacionais não promove a mudança de classe das formas base, sendo usados para realizar mudanças de sentido, como é o caso em (26), em que a forma se modifica em aspectos semânticos e não de classe, para atender às necessidades comunicativas, que é uma das principais razões citadas por Basilio pelas quais formamos palavras.

(26) a. O *violão* está bem afinado.

b. O *violonista* está bem afinado.

Sobre (26b), mudança de classe, Basilio chama a atenção para o fato de essa ser uma necessidade intrasistêmica, de modo que o falante necessita preencher categorias sintáticas com formas de classes determinadas para operacionalizar o sistema, de maneira que esta é uma função também primordial do processo formativo. Como se observa em (27), o sufixo *-al* se adjunge a uma base nominal para formar um adjetivo com leitura de “de N”.

(27) O problema *dental* dela foi resolvido.

[[*dent-*]_{RN-al}]_{Adj}

Como se pode observar em (27), o sufixo *-al* adjunge-se ao radical nominal *dent-*, formando um adjetivo. De acordo com Villalva (1994, p. 151), a relação típica da derivação é aquela em que o sufixo é o núcleo da formação e o radical é o complemento, exceto nas

⁶ Algumas designações se repetiram e foram contabilizadas por se tratar de inquiridos de falantes distintos.

formações em que o sufixo é avaliativo, do qual se tratará mais adiante. Sandmann (1991) corrobora essa posição;

Já o sufixo - excetuando os de grau [...] - é sempre o DM, o determinado, o núcleo ou o elemento principal ou subordinante. Se não, vejamos: em “marmeleiro”, por exemplo, -eiro, embora não mude a classe de palavra de “marmelo”, pois ambos são substantivos, faz da fruta uma árvore, mudando, portanto, a subclasse da palavra. (Sandmann, 1991, p.72)

Dessas duas posturas, podemos inferir que, mesmo quando não há alteração na classe gramatical, como proposto em (26), o sufixo é o responsável pela classe gramatical da palavra.

Embora não seja interesse desta pesquisa estabelecer o *status* dos sufixos, é interessante assinalar que, consideramos o aspecto da avaliação como parte dos aspectos de adição semântica neste trabalho. Dessa forma, faz-se a correlação entre o aspecto da mudança semântica e da avaliação tendo em conta que, nas palavras de Viaro (2011);

Consideram-se costumeiramente as avaliações como um terceiro tipo de significados, contudo, na verdade, transcendem os valores semânticos e poderiam ser entendidas num nível extrasistêmico, o que poderia romper o binarismo estoico entre significante e significado. A principal característica das avaliações é a possibilidade de coexistência com outros valores (Viaro, 2011, p. 76).

De acordo com Villalva (1994), os sufixos avaliativos não fazem parte nem da derivação nem da flexão, assim como evidencia Viaro, e podem, por conseguinte, se ligar a bases simples e complexas, tanto flexionadas quanto derivadas sem alterar suas características morfossintáticas.

Villalva (1994) aponta que é possível estabelecer uma sufixação avaliativa e uma z-avaliativa, a primeira seleciona radicais, (*livrinho*), enquanto a segunda seleciona palavras, como em (*livrozinho*)⁷. Esse processo de sufixação não promove mudança categorial, não mudam as propriedades morfológicas, nem o gênero da forma base, o que evidencia que, na verdade, a alteração promovida é apenas nos aspectos semânticos da forma a que se ligam e que podem se combinar com outros sufixos que denotam conceitos distintos. Os sufixos avaliativos ocorrem sempre à direita da base e precedem a sua flexão, diferentemente dos afixos derivacionais e flexionais.

Deste modo, podemos dizer que a sufixação avaliativa e z-avaliativa é capaz de expressar não somente grau, mas também afetividade, intensidade e/ou prestígio ao mesmo tempo, atuando a serviço de outros recursos morfossemânticos. Tomando como exemplo as formas

⁷ Exemplos entre parêntesis extraídos de Villalva (1994, p. 92)

em (28), a primeira sentença em (28a) denota a leitura de “X muito grande”, portanto, atuando como intensificador, enquanto na segunda (28b) há a leitura de “um homem sem coragem/sem atitude”, neste caso lançando mão de um recurso semântico propriedade fundamental deste tipo de processo.

- (28) a. Joana tem um *bundão*.
 b. O *bundão* do seu ex marido te ligou ontem.

É importante ressaltar que a segunda leitura, em (28b), somente pode ser obtida a partir de recursos metonímicos, de modo que o homem é definido tomando-se uma parte por um todo, e mais especificamente por uma parte não prestigiada do corpo, especialmente se tratando do corpo masculino, a *bunda*, destarte, por aspectos semânticos há a mudança entre a forma 27a e 27b.

Villalva (1994), a despeito dos demais sufixos da língua portuguesa considera que selecionam seus argumentos/complementos, no mesmo sentido que foram estabelecidas as RFP propostas por Aronoff (1976), e as RAE propostas por Basílio (1980). De acordo com esses autores fica evidente a seleção categorial realizada pelos sufixos sobre a base, exigindo características morfológicas e/ou semânticas específicas.

Adotamos para a análise segmental das formas nesta pesquisa a proposta de Villalva, logo, consideramos que a base de uma forma derivada pode se constituir de radical, tema ou palavra, a qual se adjuge sufixos de diferentes tipos; nominalizadores, como em (29), adjetivalizadores, como em (30), e verbalizadores, como em (31), dentre outros:

- (29) a. Normalidade
 [[normal-]_{Adj}-idade]_N

- b. Verdureiro
 [[verdur-]_{RN-eiro}]_N

- (30) a. Adjetival
 [[adjetiv-]_{RN-al}]_{Adj}
 b. Barulhento
 [[barulh-]_{RN-ento}]_{Adj}

- (31) a. Gotejar
 [[got-]_{RN-ejar}]_V

b. Barbarizar

[[barbar-]_{RAj}-izar]_v

A derivação sufixal prototípica, a que não diz respeito aos avaliativos, pode ser sistematizada em padrões de formação, aos quais Aronoff (1976), Basilio (1980) e Rocha (2008) vão tratar como regras de formação de palavras (RFP), que podem ser apreendidas a partir de generalizações feitas por meio dos elementos composicionais das formações e de seus produtos, aos quais podemos estabelecer leituras, na forma de paráfrases interpretáveis.

Autores como Viaro (2011) advogam que nem sempre as paráfrases de um afixo dão conta de explicar a semântica do produto, como ocorre com a paráfrase de formas como “cozinheiro” e “pedreiro”, que é de “pessoa que V X”, sendo V a semântica verbal que denota o tipo de trabalho e X o nome que está na base, gerando o problema de que o *cozinheiro* é a pessoa que trabalha na *cozinha*, porém o *pedreiro* não é sincronicamente aquele que trabalha com *pedras*.

O autor propõe, então, que a justificativa para este fenômeno se apoia em um caminho histórico percorrido pelo sufixo e que, por isso, se torna mais viável analisá-lo a partir da produtividade e expressividade das formas que produz, levando em conta as generalizações possíveis. Por esse aspecto, consideraremos, neste trabalho, alguns dos elementos apontados nos estudos de Simões Neto (2016), que tratou da polissemia do esquema em *X-eir-* no português arcaico, sob o viés da abordagem cognitivo-funcional da Gramática de Construções. Alguns conceitos serão usados, com o intuito de prestarmos um esclarecimento analítico, mas não nos comprometeremos com a agenda teórica utilizada por esse autor.

A partir da análise do processo de derivação sufixal, é possível estabelecer por meio dos agrupamentos semânticos que há alguns tipos de sufixos formadores mais prototípicos, isto é, aqueles que estão mais ao centro do padrão de formação de certas categorias; (a) os que formam locativos (32), (b) os que denotam quantidade (33), (c) os que expressam eventividade (34), (d) os que denotam avaliação (35) ou ainda, o objeto desta pesquisa, (e) os que formam nomes de agente (36), dentre diversos outros tipos de agrupamentos. Serão abordados, neste trabalho, os sufixos que expressam agentividade por meio de diversos padrões de construção. Na próxima subseção, apresentamos o processo de composição e algumas de suas particularidades.

(32) Galinheiro; Celeiro

(33) Trabalhadora; Lamaceiro

(34) Romeiro

(35) Bigodeira

(36) Vaqueiro; Sapateiro

(Simões Neto, 2016, p. 83-212)

2.3 A composição

A composição é um dos recursos de criação de novos itens lexicais, neologismos. Muito produtiva no português, ela se dá a partir da concatenação de duas formas-base, que podem ser tanto livres como em (37), quanto presas como em (38), esse processo foi bastante produtivo no *corpus*, sendo classificado em 67 ocorrências.

(37) Pica-pau

[[pica]_V-[pau]_N]_N

(38) Geolinguística

[[geo-]_{RN}[linguística]_N]_N

No composto em (37), nota-se que há duas formas livres justapostas, já no (38), o radical preso *geo-* se liga à base livre, *linguística*. As duas bases que formam um composto também podem ser ligadas por uma preposição, sendo, portanto, o composto formado por: forma livre + preposição + forma livre, como no exemplo em (39):

(39) Amo comer *pé de moleque*.

[[pé]_N de [moleque]_N]_N

Há autores como Câmara Jr (1970) que situam até a prefixação no interior da composição, tendo em vista a dificuldade que há em se delimitar se determinadas formas são prefixos ou bases, devido a sua complexidade, especialmente em se tratando de palavras que são de étimo latino, como “ambi”, em *ambíguo*, por exemplo. No entanto, prefixação e composição se distinguem na medida em que se observa a impossibilidade de combinação entre os próprios prefixos para que funcionem como bases numa forma composta, a forma *antiambi**, por exemplo, não seria atestada no português (Ribeiro; Rio-Torto, 2016, p. 110).

A diferença entre a composição e as palavras simples é sintetizada por Lee (1997), em virtude dos compostos: (a) poderem carregar dois acentos, (b) poderem ter flexão entre seus constituintes, como em (40), (c) as palavras que os compõem são categorias lexicais, (d) permite a formação de diminutivo entre seus constituintes (41) e (e) podem flexionar em número mais de uma vez (42).

(40) Garotas propaganda

(41) Guard**inha**-noturno

(42) Homens-rãs

(Lee, 1997, p.2)

Os compostos podem ser identificados de acordo com Ribeiro e Rio-Torto (2016) a partir de algumas características: (i) há uma opacidade interna, tanto lexical quanto sintática, que torna a forma impermeável, de modo que não se pode inserir nada em seu interior, como em (43), (ii) o sentido é holístico, como em (44), e (iii) há fixidez dos elementos, não sendo facultada a inserção de um modificador de uma das formas do composto, de modo individual em cada um dos nomes (45).

(43) a. Foi, durante anos, o **testa de ferro** da empresa.

b. *Foi, durante anos, o **testa do**/deste **ferro** da empresa.

(44) Ele comprou um [**porta-chaves**] moderno.

(45) a. Eles restauraram um lindo [**engenho de açúcar**].

b. Eles restauraram um lindo **engenho** *antigo **de açúcar**.

(Ribeiro; Rio-Torto, 2016, p. 464)

No exemplo em (43) é possível notar que se desrespeitamos o princípio da opacidade, alterando os nomes que formam o composto, a forma se torna agramatical. Em (44), podemos verificar que o sentido é um todo, composto de duas partes, sendo o *porta-chaves* um objeto específico, se isolamos uma ou outra forma essa passa a designar objetos distintos.

Já em (45), é possível notar que a forma é dotada de uma forte coesão formal interna, em que se inserido um modificador em um dos nomes, como se o N que está em posição inicial

fosse independente da formação, essa forma deixa de ser um composto. Há divergências entre os autores quanto aos critérios de classificação das formações compostas. Alguns o fazem por critérios semânticos, outros por sintáticos e outros ainda por critérios puramente morfológicos:

- I. Semânticos, em virtude de o sentido ser recuperado ou não a partir das bases que o integram, conforme propõe Sandmann (1992).

(46) a. ataque relâmpago

[[ataque]_N[relampago]_N]_N

b. viúva-negra

[[viuva]_N[negra]_N]_N

(Sandmann, 1992, p. 43)

A forma (46a) pode ser classificada em termos da semântica das formas que a compõem, tendo em vista que denota um tipo de ataque, diferentemente da forma em (46b), em que o nome não é de um tipo de viúva, designa na verdade um tipo de aranha, neste caso levando em conta somente o que postula Sandmann (1992) esse é um composto em que não se recupera a semântica por meio das formas que o compõem.

Quando a interpretação semântica é externa às formas base, como é o caso em (46b), tendo em vista que não denota um tipo específico de viúva, nem uma propriedade específica de cor, mas sim de um inseto, formando uma forma sintática complexa independente, Sandmann (1992) classifica como núcleo exocêntrico.

Já na forma em (46a), podemos observar que a semântica do composto pode ser recuperada pelas próprias formas que o compõem, tendo em vista que é um tipo de ataque inesperado, de modo que Sandmann (1992) irá considerar como núcleo endocêntrico.

Sandmann subdivide, ainda, os compostos exocêntricos em metafóricos (47a) e metonímicos (47b). De acordo com o autor, o falante se utiliza de recursos semânticos que, no caso dos exocêntricos, vão tornar a composição menos motivada para a formação do designativo, uma dimensão da palavra que é cara à morfologia, em virtude de seu próprio objeto de estudo ser a menor unidade dotada de sentido.

(47) a. perna de moça

[[perna]_Nde[moça]_N]_N

b. mão fechada

[[mão]_N[fechada]_N]_N

(Sandmann, 1992, p. 43)

Esse modelo classificatório, contudo, não leva em conta os aspectos morfosintáticos das formas, tendo em conta que a estrutura da composição, sua fixação, coesão interna e opacidade não são analisadas.

II. Sintáticos, considerando para a análise a categoria a que pertencem as formas e a relação de coordenação, subordinação ou modificação entre os elementos, de acordo com o que postula, entre outros autores, Ribeiro (2006 *apud* Santos 2009).

(48) a. Conheci um *padre-mestre* ontem (Adj + Adj)

b. O *abre-latas* está quebrado (V + N)

(Ribeiro, 2006 *apud* Santos 2009, p. 38)

Em (48a), verificamos um processo de coordenação entre as duas formas que formam o composto, tendo em conta que os constituintes pertencem à mesma categoria e estão justapostos, enquanto em (48b) há uma relação de subordinação entre as formas, em que há uma relação completiva, em que seu núcleo requer um complemento, tendo em vista que a relação sintática entre nome e verbo é de subordinação (Ribeiro, 2006 *apud* Santos 2009).

A autora estabelece ainda que é possível haver a relação de modificação, quando um elemento que não é o núcleo da forma modifica a nuclear, o que pode se dar de modo restritivo (49) ou atributivo (50).

(49) [[livro]_N [caixa]_N]_N

(50) [[homem]_N [rã]_N]_N

(Ribeiro, 2006 *apud* Santos 2009, p. 72)

Nas formas em (49) e (50), acima, é possível notar que as estruturas sintáticas são idênticas, no entanto, o produto composicional em termos de seu sentido interno/externo à forma diferem. Em (49) é possível recuperar seu sentido nas próprias formas, pois o núcleo

adjungido com o termo que o restringe carrega em si a informação semântica do composto e em (50) não, o que evidencia que estes dois critérios não necessariamente interagem entre si, e em separado parecem não serem capazes de contemplar uma descrição das características distintivas deste processo.

Conforme verificamos em (51) e (52), a relação sintática estabelecida é a mesma, no entanto em (51) o sentido é externo às formas que o compõem, pois o referente é uma máquina e não um tipo de caça nem de níquel, ainda que, adotando-se o que propõe Sandmann (1992), por relações metafóricas se possa recuperar o sentido.

(51) Caça níqueis (V + N)_N

(52) Porta guardanapos (V + N)_N

Já em (52) o sentido é interno tendo em conta que o referente é o objeto responsável por “portar” os guardanapos. Villalva (1994) chama a atenção para o fato de que neste tipo de composição, contrariamente ao (51), a flexão se dá de maneira não prototípica tendo em vista que o plural é realizado da mesma forma que o singular, bem como há casos em que a flexão de gênero ou número incide de maneira não condizente com a estrutura sintática da língua, ainda que na sua distribuição as posições sintáticas estejam preenchidas alinhadas com o que prevê a sintaxe em (51) e (52).

Villalva ressalta, ainda, que, no caso dos compostos, a classe não é necessariamente a mesma das formas que o compõem, portanto, é feita a reanálise da estrutura categorial. Nesse caso de composição ela não as considera como formas compostas “comuns”, mas sim como expressões sintáticas que se lexicalizaram.

A despeito dos aspectos de classificação de um composto, Sandmann ([1988]2020, p. 33) esclarece que o critério semântico é o mais adequado para realizar essa distinção, tendo em conta que puramente pelos aspectos sintáticos não se pode justificar a distinção entre a forma “copo-de-leite” que denomina um tipo de flor e “copo de leite” que denomina um copo contendo leite, por conseguinte, o processo de composição deve ser analisado através dos processos semânticos envolvidos no interior das formas.

De acordo com o autor, a formação composta seria depreendida a partir da metáfora, tendo em conta o formato da flor que se assemelha a um copo com leite. Dessa forma, a semântica dos produtos será um dos critérios adotados na análise realizada nesta pesquisa.

III. Morfológicos, considera-se para a análise as formas que compõem o composto e as relações morfológicas que estabelecem. Vejamos os exemplos em (53).

- (53) a. [[morfo-]_{RN}[sintaxe]_N]_N
 b. [[faz]_V-de-[conta]_N]

Do ponto de vista morfológico, os compostos neste trabalho são classificados de acordo com as propostas de Villalva (1994, 2003, 2020) e Ribeiro e Rio-Torto (2016). À vista disso, as classificações do processo de composição propostas neste trabalho serão analisadas na modalidade bipartida sintetizada por Villava (1994, 2003).

Assim, classificamos os compostos em: (a) **composto morfológico**, em que as relações se estabelecem entre radicais e palavras e, no qual, geralmente, ocorre um radical neoclássico, como em (53a), e (b) **composto sintático ou morfossintático**, em que a estrutura da forma é coerente com as relações sintáticas da língua, porém apresentam semântica independente (53b).

Entretanto, não serão desconsideradas na análise realizada neste trabalho a proposta de Sandmann (1988), no que diz respeito à constituição das formações compostas a partir de metáfora e de metonímia, bem como os demais aspectos semânticos denotados nas leituras das formações.

O critério estabelecido por Villalva (1994) e Ribeiro e Rio-Torto (2016) para a definição dos compostos diz respeito às relações morfológicas da formação e à correlação entre a semântica do produto e de suas partes integrantes, não considerando, de modo isolado, os critérios de: valor semântico do núcleo, sintático, a classe das formas envolvidas ou ainda a posição dos itens no interior do produto. A seguir apresentamos as classificações:

I - Compostos morfológicos:

Conforme Villalva (1994) e Ribeiro e Rio-Torto (2016), nesses compostos deve haver pelo menos uma forma presa na forma de um radical, a presença de uma vogal de ligação delimitando a fronteira entre o radical e a outra forma do composto é uma marca dessas formações, frisa Villalva (2007), como o (o) no caso do exemplo em (54).

- (54) Sociocultural
 [[soci(o)-]_{RN}[cultural]_{Adj}]_{AN}

(Adaptado de Ribeiro e Rio-Torto, 2016, p. 479)

II - Compostos sintáticos:

De acordo com Villava (1994), os compostos a que também denomina como morfossintáticos são aqueles em que se verifica um pareamento entre os padrões sintáticos da língua, e os produtos compostos, como nos pares em (55) (56) e (57), o que não se observa nos compostos morfológicos.

(55) a. bomba- **relógio**

[N_{núcleo} N_{Modificador}]

b. As **bombas** [que contém um **relógio** electrónico] foram recebidas ontem

[N_{núcleo} Or. Rel_{modificador}]

(56) a. guarda-jóias

[V Complemento]

b. Nesta caixa, a Joana só **guarda** [as **jóias** de ouro].

[V Complemento]

(Adaptados de Villalva, 1994, p. 330)

(57) a. surdo-mudo

[ADJ_{TC1}⁸ ADJ_{TC2}]

b. Aquele rapaz é [surdo e mudo].

[ADJ_{TC1} conj. coordenativa ADJ_{TC2}]

(Adaptado de Villalva, 1994, p. 332)

Villalva (1994) distingue os compostos sintáticos das expressões sintáticas, na medida que aponta o aspecto da fixidez e opacidade sintática e/ou lexical. Para a autora, o morfema flexional de número, em (55) e (56), ocorre apenas no núcleo, ao passo que, em (57), incide sobre ambas as formas da composição, fato que se justifica por meio da relação sintática de coordenação entre seus elementos.

Note-se que, para Villalva, o pareamento decorre das relações sintáticas dos constituintes para com a estrutura sintática, desta feita, a subordinação, a relativização, a completividade e a coordenação são condizentes com a sintaxe da língua.

⁸ TC = tema coordenado

A autora distingue as estruturas de adjunção, em que há um núcleo ao qual se adjuge uma forma de modificação ou especificação, ou seja, as marcas de plural e de gênero só aparecem no elemento nuclear, das que são de conjunção e de reanálise de expressões sintáticas. Essas marcas podem aparecer nos dois elementos como nos casos de conjunção, como em *surdos-mudos*. Alguns compostos podem já possuir uma forma específica flexional, resultante de reanálise, como em (58), não sendo possível a inserção de um MFG (58a) ou MFN (58b) em sua estrutura interna.

- (58) a. [Conta-gotas]_N *masculino*
 [quebra-mar]_N *masculino*
 [porta-voz]_N *comum de dois* / (um) porta-voz; (uma) porta voz.
 b. [conta-gotas]_N *invariável*
 [porta-vozes]_N *plural*

(Villalva, 2003, p. 983)

Percebemos, assim, que o morfema flexional não incide sobre os constituintes do composto de modo independente gerando a coesão, mas sobre a estrutura independente.

Por outro lado, Villalva (1994, p. 345) evidencia também que há diferenças no comportamento dos coordenados, afirma que “o comportamento dos compostos sintáticos coordenados é idêntico ao do mesmo tipo de composto morfológico: todos os seus constituintes são virtualmente núcleos e modificadores” e complementa “a distribuição sintática destas sequências é ambígua”.

A desambiguidade entre as sequências compostas e expressões sintáticas se dá por meio da fixidez. Esse comportamento denota que essas formas atuam de maneira holística, e que por essa razão são opacas sintaticamente, mas transparentes em termos morfológicos.

Embora tenhamos assumido os pressupostos de Villalva (1994, 2003) para a análise dos compostos no *corpus*, não perdemos de vista Sandmann (1985), que propõe uma análise semântica para os compostos no que diz respeito aos processos metafóricos e metonímicos na constituição desses formativos.

Estas propostas não são excludentes, tendo em vista que a autora (Villalva, 2003, p. 978-983), embora de linha teórica distinta, recorre ao processo de lexicalização de expressões sintáticas para explicar o esvaziamento de sua estrutura interna, adotando também o critério semântico-lexical para classificar a composição.

A composição para Cunha (2008) é um processo que se situa numa zona limítrofe, entre a sentença e a palavra, de maneira que propõe dois recursos para distinguir os compostos de formas sintáticas independentes, tais como:

- a) Opacidade lexical interna da estrutura já evidenciado por Villalva, com relação à ordem de seus constituintes, pois mesmo no composto coordenado não pode ser alterada. Esse comportamento denota que essas formas atuam de maneira holística, e que por essa razão são opacas sintaticamente. Assim, não se pode alterar nenhum elemento no interior da forma sem perder a semântica do produto, como em (59):

(59) a. O *beija-flor* invadiu a casa.

[[beij-] -a-v_T]_{TV} + [flor]_N_N

b. *O *lambe flor* invadiu a casa

- b) A semântica da forma funciona como um todo, ora apresentado pelas próprias bases que o compõem ora externo a essas bases, como é possível observar no exemplo (59), em que o sentido se recupera na própria formação do composto, tendo em conta que o pássaro “beija” as flores, mas que ainda assim funciona de maneira independente de seus constituintes em termos semânticos e morfológicos.

No próximo subtópico, elencamos os sufixos que, na literatura da área, prototipicamente formam agentivos, apontando os aspectos da origem do sufixo, expondo com que tipos de bases se combinam, bem como que tipos de leitura denotam e quais os produtos da derivação, se este é capaz ou não de mudar a categoria das formas.

2.4 Os agentivos: o estado da arte

Dentre as diversas categorias conceptuais que podem ser expressas por um nome, esta pesquisa se debruça especificamente sobre a categoria dos agentes, que pode ser esquematizada em subesquemas de acordo com Simões Neto (2016) acerca do morfema *-eir-*: como profissionais (60a), habituais (60b) e circunstanciais (60c).

(60) a. Armeiro

[[arm-]_{RN} -eiro]_N

b. Alcoviteira

[[alcovit-]_{RV} -eir_{SUF} -a_{MFG}]_N

c. Prisioneiro

[[prision-]_N -eiro]_N

(Simões Neto, 2016, p. 142)

Nesses exemplos dados por Simões Neto (2016), vemos que a categoria de agente é tomada em termos de prototipicidade e periferia, conceitos caros à Linguística Cognitiva, modelo que orienta a análise do autor. O agente em (60a) designa um profissional, alguém que desempenha deliberada e controladamente uma função com vistas à remuneração, normalmente envolve frequência e técnica.

Em (60b), o aspecto profissional sai de cena, mas a frequência e o controle sobre o evento se mantêm: *alcoviteira* não é uma profissão, mas é alguém que frequentemente faz *alcovite*. Por último, em (60c), *prisioneiro* não tem o aspecto habitual, mas sim pontual. Ainda que o *prisioneiro* seja um afetado pela cena em que está inserido, é possível considerar o seu potencial agentivo, o que leva Simões Neto (2016) a classificá-lo como agente.

Ainda sobre a categoria de agente, Villalva e Correia (1999, p. 8) afirmam, com base no proposto por Dressler (1986) e Risch (1977), que “a categoria conceptual Agente permite uma extensão do seguinte tipo: agente > instrumento > locativo ou fonte”.

De acordo com Dressler (1986), as categorias conceptuais se instanciam de modo mais ou menos prototípico, em que, por expansão metonímica, podemos formar instrumentos e locativos a partir dos agentes, de modo que é possível afirmar, com base em Gonçalves & Almeida (2005 *apud* Simões Neto, 2016), que a categoria de agente profissional se situa no protótipo da categoria de agente. No entanto, Simões Neto (2016) ressalta que há uma correlação entre os profissionais e habituais, de modo que é possível um habitual se tornar profissional, como em (61).

(61) Blogueiro

[[blogu-]_N -eiro]_N

(Simões Neto, 2016, p. 177)

Na forma em (61), há uma expansão metonímica entre os agentes habituais e profissionais, de modo que o agente habitual, indivíduo que utilizava os blogues por hábito

como ferramenta, se especializa ao longo do tempo e se torna um agente profissional, (Simões Neto, 2016, p. 177), inclusive na atualidade esses agentes já não se utilizam mais de blogs, mas sim de outras mídias sociais digitais, no entanto se conservou o nome base deste agente. Vamos nos ater nesta pesquisa por questões metodológicas e de aplicação prática apenas a um tipo de Agente: os agentes nomeados como profissionais.

Os agentivos são definidos como aqueles que “representam seres caracterizados por uma atividade ou ação que exercem. Quando derivados de verbo, a ação ou atividade é expressa no radical verbal” (Basilio, 2004, p. 35), sendo o produto dessa derivação um nome, esse processo tem uma função fundamentalmente semântica.

É possível constatar, a partir da definição de Basilio (2004), que, quando a agentividade é expressa por um derivado deverbal, há uma relação direta entre o sentido da ação denotada pelo verbo que consta na base da formação e a atividade que o sujeito realiza, como no exemplo em (62).

Conforme já mencionado, não somente bases verbais geram agentes de atividade, como é o caso em (63) que tem como base o substantivo, e o produto tem correlação direta com a semântica da base.

(62) O *jogador* é inteligente.

[[[jog-]_{RV-a-VT}]_{TV}-dor]_N

(Basilio, 2004, p. 23)

(63) O *carteiro* é simpático.

[[cart-]_{RN} -eiro]_N

De acordo com Rio-Torto (2016, p. 264), ao se referir aos agentivos em *-dor*, os produtos são paráfraseáveis por “que V”, sendo V um verbo, em que a formação exerce uma atividade correlata à semântica da ação expressa pela base, como em (62). Desta forma, a paráfrase para (62), tendo em vista que possui um verbo em sua constituição é “aquele que Vx Nome da base”, em que “x” significa uma forma verbal variável.

Já a paráfrase para o exemplo em (63), visto que em sua base não há um verbo e a formação não se dá com o sufixo *-dor* é distinta, tendo em conta que o sufixo *-eiro* prototipicamente seleciona nomes para formar agentes, que podem ter aspectos metafóricos e metonímicos, em virtude de o instrumento de trabalho ser tomado como base para nomear o agente, aquele que trabalha entregando cartas.

O papel de agente pode ser expresso por construções geradas por diferentes processos de formação de palavra, como o processo de sufixação (64) e também de composição (65). Alguns padrões formativos são mais produtivos para formar agentes, como é o caso da sufixação, e constam listados por Rio-Torto (2016) e Basilio (2004) os principais morfemas formadores de agentivos; (a) os denominais, *-ário*, *-eiro* e *-ista*, que tem leitura de “aquele que efetua um evento” e (b) os deverbais, *-(d/t/s)or*, *-nte*, *-dour(o/a)* e *-deir(o/a)*, estes dois últimos sufixos com uma produtividade menor em agentivos, e citam ainda o que parece menos produtivo na atualidade, o *-ão*. Elencaremos nesta subseção alguns aspectos desses sufixos.

(64) Manobrista

[[manobr-]_{RV} -ista]_N

(65) Representante comercial

[[[[represent-]_{RV} -a-_{VT}]_{TV}-nte]_N [[comerci-]_N-al] _A]_N

2.4.1 O agentivo *-ário*

Quanto às formas *-ário* e *-eiro* no português, ambas têm origem latina no *-arius*, que no latim se anexava a bases nominais para gerar adjetivos relacionais. Com o processo de mudança semântica passa a adotar, dentre outras acepções, a de agentes de atividade. O sufixo *-ário*, pouco produtivo na formação de agentivos no português, no entanto, se desenvolve a partir do latim culto (Simões Neto, 2016). O exemplo a seguir em (66) demonstra o uso desse sufixo.

(66) Bancário

[[banc-]_{RN}-ario]_N

O sufixo *-ário* forma substantivos inicialmente agentes de atividade socialmente mais prestigiados, como em *comerciário* e *bancário*, e estão presentes em uma grande quantidade de palavras que se lexicalizaram na língua e por isso não são mais transparentes (Viaro, 2011).

2.4.2 O agentivo *-eiro*

O sufixo *-eiro* requer um tratamento diferente do *-ário*, visto que é bastante produtivo no português brasileiro, formando nomes, que denotam acepções diversas; locativo, recipiente, instrumento, agentivos, dentre outros. Conforme já apontado o *-eiro* se origina a partir de uma forma latina *-arius*, contudo, diferentemente do *-ário*, se desenvolve a partir do latim vulgar.

Na formação de agentes, o esquema do sufixo *-eiro* é polissêmico, de acordo com Simões Neto (2016) pode se dar, embora de modo pouco produtivo, com uma base verbal (67) e de forma bastante produtiva, com bases substantivas (68), conforme Simões Neto e Soledade (2014), formam substantivos agentivos profissionais ou habituais.

(67) O *herdeiro* da fortuna esteve aqui

[[[herd-]_{RV-a-VT}]_{TV}-eiro]_N

(Simões Neto, 2016, p.141)

(68) O *costureiro* mandou lembranças.

[[costur-]_{RN} -eiro]_N

É possível notar que o afixo denota diferentes paráfrases, como “aquele que X” em que X é a base verbal ou nominal. O exemplo em (67) apresenta o caso de uma forma herdada do latim *hereditarius*, mas, que, sincronicamente, estabelece uma relação paradigmática como verbo *herdar*, tomado como base. Em (68), há uma base nominal, prototípica nas derivações com *-eiro*. Essa vasta aplicabilidade de *-eiro* é mais um aspecto que permite diferenciá-lo do cognato *-ário*.

2.4.3 O agentivo *-ista*

O sufixo *-ista* tem sua origem na forma grega *-istés*, vinculada a *-ismós*, também do grego. De acordo com Melo (2006, p. 13), “inicialmente era usado para formar o nome de ação de verbos em *-izo*, mas com o uso ampliou seu valor semântico, foi associado a *istés*>*ista* no português e passou a ser usado como substantivo e adjetivo nos séculos XIX e XX”. Apesar da mudança semântica, que modificou também a forma, mantém-se ainda no português da atualidade este vínculo das formações em *-ismo* e *-ista*, no entanto expressando conceitos diferentes, como em (69).

(69) a. O *ciclismo* é um esporte comum.

[[cicl-]_{RN}-ismo]_N

b. O *ciclista* tem sido muito visto no bairro.

[[cicl-]_{RN}-ista]_N

Em (69), os sufixos se ligam a uma mesma base, *cicl-*, no entanto em (69a) a leitura é de “atividade relativa a” e pode combinar-se com radicais nominais, adjetivais e outras bases complexas, inclusive com formas sufixadas deverbais, formando nomes.

No caso de (69b), o sufixo *-ista* se adjunge a um radical nominal formando um nome agentivo, nomes denominais são o tipo de formação mais produtivo do afixo, no entanto, atestam-se também formações com bases complexas, como em (70), embora de modo mais raro.

(70) Automobilista

[[auto]_{RN}[mobil]_{RN}-ista]_N

(Ribeiro; Rio-Torto, 2016, p. 160)

Podemos observar que, em alguns contextos formativos, os sufixos *-eiro* e *-ista* concorrem, com a mesma acepção, como podemos ver em (71a,b) e (72a,b), em que ambas as formas se referem ao mesmo agente.

(71) a. João trabalha de *taxeiro*.

[[tax-]_N-eiro]_N

b. João trabalha de *taxista*.

[[tax-]_N-ista]_N

(72) a. Pedro trabalha de *jornaleiro*⁹.

[[jornal-]_N-eiro]_N

b. Pedro trabalha de *jornalista*.

[[jornal-]_N-ista]_N

⁹ As formas em 72 designam também “pessoa que vende/escreve jornal”, todavia o valor de “trabalhador de enxada” foi apresentado também no APFB.

No caso de (72a,b) as formas designam o trabalhador de enxada em roça alheia, e estão presentes na QSL 61 presente no *corpus* desta pesquisa. É interessante pontuar que na QSL constatamos que o valor do agente é o mesmo, bem como o processo formativo e o aspecto semântico, com leitura de “que trabalha à jorna”, no caso recebe ordenado por dia de trabalho, contudo, são formas sinônimas para designar outro trabalhador, “que trabalha com periódicos” em outras comunidades de fala, não sabemos precisar a relação de contiguidade entre ambos os agentes de atividade.

2.4.4 O agentivo –dor

O sufixo –*dor* tem origem latina e é fruto de uma mudança fonética do –*tor*, que, por sua vez, também se conservou em algumas formas no português como *protetor*, e ambos formam construções com bases verbais, conforme explica Oliveira (2014, p. 82) “a forma –*dor*, proveniente de –*tor*, junto a temas verbais, está em plena vitalidade até hoje na formação de nomes, que além da principal significação de agente humano, pode também possuir a de instrumento”, evidenciando desta maneira a prototipicidade dos agentivos em –*dor*.

Bacellar (2019) constata que o valor mais proeminente é o de agente, mas pontua que pode formar palavras mais diversas e complexas, com valor habitual e até eventivo, mas conclui que de fato o valor mais presente é o agentivo.

Sobre o sentido de agentes profissionais, Basilio (1995) explicita que a leitura denotada pelas formações com este sufixo pode ser parafraseada, principalmente por “especialistas em V”, como em (73), em que V é a base verbal a qual se liga este afixo, fazendo com que haja a mudança categorial e semântica do produto.

(73) Pedro é um mau *investigador*.

[[[investig-]_{RV-a-VT}]_{TV}-dor]_N

De acordo com a tradição gramatical, a forma flexionada em gênero para esse sufixo é –*dora*, embora existam discussões que considerem –*deira* como uma variante, conforme será observado também no *corpus* desta pesquisa. Neste sentido, sobre o sufixo –*dor*, Villalva e Correia (1999) ressaltam que é possível estabelecer uma relação com outros sufixos na língua. As autoras elencam diversos casos de ocorrências no português europeu (PE) em que o –*dor* se relaciona com formas com femininas –*dora*, –*deira* e, além da forma masculina –*deiro*. Segundo as autoras, a forma –*deira* tem sido mais produtiva do que o –*dora* na atualidade, a

exemplo das formas em oposição de gênero “apanhador” e “apanhadeira” (Villava; Correia, 1999, p. 9).

Os sufixos *-dora* e *-deira*, a que Fabregas (2010) nomearia por suas características como “concorrentes”, são elencados por Villava e Correia (1999), demonstrando que são dotados do mesmo comportamento em termos morfológicos, tendo em vista que: (i) selecionam bases com traço verbal, (ii) geram produtos de uma mesma categoria, nomes e (iii) relacionam semanticamente nos formativos o “fazer e seu fazedor”.

Esses sufixos concorrentes podem ser lidos pela paráfrase “o que V”, e nos dados do PE podem formar tanto nomes de ocupações quanto de instrumentos, sendo que, nos dados apresentados por Villalva e Correia o *-dor* e *-dora* formaram mais agentes humanos, e o *-deira* instrumentos. Neste *corpus* é levantada a possibilidade desses sufixos serem tratados não somente como concorrentes, mas de fato como variantes.

No *corpus* analisado, verifica-se que, apesar da forma *-deira* concorrer com o sufixo *-dor*, do mesmo modo que atesta Villalva e Correia (1999), esta concorrência se dá em agentes humanos, não sendo possível estabelecer estatisticamente se é maior ou menor neste tipo de categoria, em virtude de os dados coletados nesta pesquisa serem somente com relação a referentes humanos.

Simões Neto e Soledade (2014) e Simões Neto (2016) propõem que *-deira* surge por meio da correlação com a forma *-eir-* e bases do particípio, porém, em determinado momento, não se realizava mais a associação com a base participial e passa a ter o *status* de um novo sufixo, *-deira*, tornando-se autônomo, o que aconteceu com *-dor*, cuja raiz morfêmica é *-or*.

Sendo assim, *-deira* passa a ser uma forma feminina agentiva, adjungindo-se a uma base verbal em que a vogal temática é preservada, como em “benzedeira” (tema + *-deira*). Nunes (1969 apud Simões Neto, 2016) aponta inclusive o exemplo da forma “sabedeira” em oposição a “sabedor”.

Neste trabalho, consideramos a autonomia desse sufixo, por conseguinte, a análise que fazemos é a de que, na formação da forma feminina agentiva com esse afixo, o falante utiliza não a forma flexionada no feminino de *-dor*, ou o *-eir-* adjungido ao particípio, mas o sufixo *-deira* como uma forma autônoma.

2.4.5 O agentivo *-nte*

Oliveira (2014) aponta que o sufixo *-nte* é mais antigo que as línguas latinas, sendo uma forma produtiva de participios de verbos do protoindo-europeu, passando ao latim e dando origem tanto a adjetivos em forma comparativa e superlativa, quanto ao ablativo de algumas formas verbais, o equivalente ao participio presente verbal no PB. Mais tarde, passa a figurar em formas já cristalizadas na língua, como nos exemplos em (74).

(74) a. benevolente

[[[benevol-]_{RV-e-VT}]_{TV}-nte]_N

b. corrente

[[[corr-]_{RV-e-VT}]_{TV}-nte]_N

De acordo com Villalva (1994, p. 65), este sufixo passou ao português na forma *-nte* e não *-(a, e, i)nte*, como alguns autores defendem, esta afirma que “contrariamente à opinião destes autores, defendi em trabalho anterior (cf. Mateus, Brito, Duarte e Faria 1989, 1992:367) que *-ante*, *-ente* e *-inte*, são na verdade um único sufixo (*-nte*), pertencendo a vogal que o precede ao tema verbal derivante”. Acerca da categoria do sufixo *-nte* é considerado um deverbal formador de substantivo ou adjetivo.

É possível afirmar que *-nte* parece ocorrer em alguns contextos formativos em que também ocorrem o *-dor*, como em “falante” e “falador” que parecem guardar o mesmo valor por designar o mesmo referente na QSL 136 do ALiB, porém seus aspectos semânticos guardam algumas diferenças em termos de valor em alguns outros contextos formativos, como nos pares em (75), (76) e (77), tendo em vista que o *-nte* parece guardar um aspecto agentivo habitual, enquanto o *-dor* mais profissional, o que invalidaria o processo de concorrência entre eles, tendo em vista que semanticamente denominam agentes distintos.

(75) a. pensante

[[[pens-]_{RV-a-VT}]_{TV}-nte]_N

b. pensador

[[[pens-]_{RV-a-VT}]_{TV}-dor]_N

(76) a. amante

[[[am-]_{RV-a-VT}]_{TV}-nte]_N

b. amador

[[[am-]_{RV-a-VT}]_{TV}-dor]_N

(77) a. pedinte

[[[ped-]_{RV-i-VT}]_{TV}-nte]_N

b. pedidor

[[[ped-]_{RV-i-VT}]_{TV}-dor]_N

Conforme afirma Rio-Torto (2016), o *-nte* no português acaba gerando também novas formas a partir de verbos que possuem ainda um caráter participial, se aproximando da classe dos verbos, mas conservando características adjetivais, algo bastante presente nos nomes deverbais.

2.4.6 O agentivo *-ão*

O sufixo *-ão* tem origem no latim e possui no português um valor avaliativo, para formação de agentivos não parece ser um dos sufixos prototípicos, de modo que é um processo que parece não estar mais disponível na atualidade, se conservando em uma série de formas que estão lexicalizadas na língua, como em (78).

(78) a. Capelão

b. Peão

c. Ladrão

Esse sufixo, de acordo com Ribeiro e Rio-Torto (2016) se combina com bases de diferentes características, em geral verbais em (78c), no entanto parece se ligar em raros casos a nominais, como em (78b), que ocorre na QSL 61, mas consideramos não ser mais decomponível, e se liga também a bases complexas como em (79). Para formar os nomes agentivos se liga a bases verbais que não são eruditas, como em (80).

(79) O *chorão* começou a reclamar.

[[chor-]_{RV-ão}]_N

(80) O *sabidão* chegou.

[[[sab-]_{RV-id-PP}]_N-ão]_N

Por fim, é possível notar a partir das características elencadas nos subtópicos acima que os sufixos formadores de agentivos, assim como outros tipos de sufixos, podem competir entre si, há casos em que essa competição permanece estável ao longo do tempo na língua

até que um sufixo ou outro seja preterido, de modo que a concatenação dos sufixos e radicais gera resultado que é semelhante em termos morfológicos e semânticos, vide exemplo (81).

Por conta desse processo de concorrência entre morfemas, explícito em (81), gerar formas com acepção semelhante¹⁰, que se inserem no mesmo contexto morfossintático designando o mesmo referente é que propomos que pode ser possível intitular esses sufixos como variantes, de acordo com Tarallo (1986, p. 8) “variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com mesmo valor de verdade”, ainda não parece ser possível determinar quais os critérios definidos pelos falantes para seleção de uma ou outra formação, assim como ocorre com outras formas variantes na língua.

(81) a. Faladora

[[fal-]-a-_{VT}]_{TV} -dora]_N

b. Faladeira

[[fal-]-a-_{VT}]_{TV} -deira]_N

Conforme vimos acima, as características sintático-semânticas das bases parecem as aproximar de um determinado tipo de afixo, que por sua vez podem competir entre si para formar uma palavra com acepção similar, mas uma forma acaba sendo mais aceita que a outra em determinados contextos, em determinados grupos, ou ainda em determinada região, sendo, neste caso, assim duas formas variantes.

Destarte, nesta seção, elencamos as características dos processos de derivação e composição, a partir dos elementos que os envolvem, os tipos em que se subdividem, apontando exemplos e descrevendo o funcionamento de cada um, por fim evidenciamos os sufixos que são mais prototípicos para formar agentivos e qual dos processos é mais recorrente na literatura da área para formar agentes de atividade.

Nesta pesquisa esperamos encontrar nas designações dos agentes de atividade o processo de derivação sufixal a partir dos sufixos elencados nesta seção e das características listadas. Bem como o processo de composição, para que pudéssemos descrever os dados encontrados no corpus deste trabalho a partir tanto do processo de composição quanto de derivação.

¹⁰ Não se propõe neste trabalho a hipótese da sinonímia perfeita.

3 O PROJETO ALiB: DA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA À PUBLICAÇÃO DO ATLAS BRASILEIRO

Considerando o fato de que neste trabalho utiliza-se o *corpus* do Projeto ALiB com o objetivo de descrever as formações complexas com interpretação de agente, inicialmente, apresentamos o percurso histórico do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), desde a sua idealização em 1952, até a publicação de seus primeiros volumes em 2014.

Explicitamos, também, os caminhos que conduziram à configuração atual do Atlas, apontando os elementos que compõem o perfil dos informantes, das regiões dos atlas e dos questionários aplicados pelos inquiridores do Projeto.

Descrevemos neste capítulo, ainda, a metodologia de elaboração do ALiB, expondo as razões que embasaram essas escolhas metodológicas, trazendo, assim, à luz os aspectos teóricos inerentes à geolinguística e à dialectologia, que ensejaram a construção do Atlas Linguístico nos moldes em que se configurou.

Por fim, neste capítulo é apresentado ainda o modo como se deu, a partir da configuração do próprio Atlas, a coleta dos dados que constituíram o *corpus* desta pesquisa e quais aspectos foram levados em conta para a análise das ocorrências obtidas nas QSL.

3.1 O que é o ALiB?

O projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) foi elaborado a partir de um esforço conjunto de diversos pesquisadores, oriundos de diversas Instituições de Ensino Superior, em especial da Universidade Federal da Bahia, onde o projeto deu seus primeiros passos. Em prol de um objetivo de interesse coletivo, que mobilizou todo o país, do Oiapoque ao Chuí, para compor a descrição da língua portuguesa do Brasil, valorando as múltiplas comunidades linguísticas existentes no país, registrando os dados de fala de grupos socialmente desprestigiados, de modo a fortalecer a identidade cultural multifacetada, que é gênese deste país de dimensões continentais, para que assim se possa, dentre outros tantos objetivos, superar o preconceito linguístico.

Para a realização do Atlas, foram considerados aspectos da Geolinguística e da Dialectologia. A pesquisa nos moldes da geografia linguística ou geolinguística no Brasil surge com a publicação do decreto de Getúlio Vargas em 1952, criando uma comissão para a elaboração de um Atlas Linguístico brasileiro, abarcando os aspectos diversos do português brasileiro; morfologia, léxico, fonética e fonologia sintaxe, métrica etc.

Essas são vertentes da linguística importantes para a construção do Projeto ALiB, conseqüentemente também deste trabalho, em virtude de servir enquanto método para a elaboração do Atlas, para a composição metodológica dos dados e ainda para a sistematização dos resultados, é a partir dessa área que se tornou possível coletar e apresentar os dados *corpus* desta pesquisa.

De acordo com Chambers e Trudgil, a geolinguística é “um conjunto de métodos para coletar de um modo sistemático os testemunhos das diferenças dialetais” (Chambers; Trudgil, 1994, p. 37), busca criar fundamentos para recolha de dados dos dialetos e estabelecer uma análise distribuindo esses dados espacialmente.

Acerca da Dialectologia, área que surge no fim do século XIX, é necessário destacar sua compreensão e estudo para a composição do Atlas, pois a análise dos dados encontrados nas cartas será embasada também nas concepções desta, que pode ser definida de acordo com Cardoso, 2002, como:

A Dialectologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados (Cardoso, 2002, p. 2).

A Dialectologia analisa, portanto, como a diversidade linguística se comporta em suas dimensões espaciais, investigando essa distribuição no espaço a partir da relação com o que designa por dialeto e sua localização geográfica.

É possível afirmar que tanto a publicação do Atlas favoreceu o desenvolvimento de ambas as disciplinas, como também ele só foi possível de ser organizado a partir delas, a constituição dos campos e do ALiB se deu em uma relação simbiótica.

O Atlas Linguístico do Brasil se fundamenta “nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar, com objetivos bem definidos” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001).

Os objetivos do Projeto são elencados pelo Comitê: (1) Descrever a realidade linguística do Brasil, (2) Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa, aos pesquisadores de áreas afins, e aos pedagogos subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem para interpretação do caráter multidialetal brasileiro, (3) Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, (4) Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros

ramos do conhecimento, (5) Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita atualização de dados pelos lexicógrafos, pelos gramáticos e pelos autores de livros didáticos (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001).

O decreto 30.643, de 20 de março de 1952 é o ponto de partida para a idealização do ALiB, em que no 131º aniversário da independência brasileira Getúlio Vargas decide que passa a ser uma das atribuições da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa pesquisar os diversos níveis de análise linguística, para culminar no lançamento de um atlas linguístico nacional (Cardoso, 2005).

No entanto, pela ausência de equipamentos, material teórico que orientassem a composição de um atlas linguístico no Brasil e algumas outras dificuldades, os dialetólogos naquele momento perceberam a inviabilidade se realizar um estudo linguístico de caráter nacional, realizando em primeiro momento atlas regionais, para mais tarde poder mapear todo o território do país, e com o avanço das tecnologias e a melhoria das estradas do Brasil isso se tornou possível.

Assim, passada uma década do período histórico da publicação do decreto 30.643, os pesquisadores da linguística que se interessaram em executar a tarefa de descrever o português brasileiro, passaram a elaborar os atlas de menor porte, regionais, de modo que ao final fossem “compilados” os dados, aplicando de modo mais experimental os métodos de que dispunham.

Foi adotada como ferramenta fundamental para a execução dos atlas regionais a Geolinguística, ou geografia linguística, que enquanto disciplina tem sua história intimamente ligada à história da composição dos próprios atlas, tendo em vista a necessidade dos pesquisadores em elaborá-los e as estratégias utilizadas para vencer as dificuldades tanto teórico-metodológicas quanto técnicas.

Eis que em 1963 se elabora o pioneiro Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) sob a coordenação do professor Nelson Rossi e financiado pela Universidade Federal da Bahia, sendo o primeiro atlas linguístico a ser publicado em solo brasileiro, e se tornando também um marco para a geolinguística, que fornece o método para a construção de um atlas linguístico, este trabalho passa a dividir, de acordo com Romano (2013) os estudos geolinguísticos em dois momentos; (i) o marcado pelo lançamento do APFB e (ii) o de 1996 com o lançamento do ALiB.

O APFB foi composto de 182 questões, aplicadas em 50 localidades no estado da Bahia, intituladas metodologicamente como rede de pontos, selecionadas de acordo com os critérios de: (a) densidade demográfica, (b) antiguidade, (c) localização e (d) possibilidade de acesso,

tendo em vista que nem todos os municípios da União poderiam ser contemplados, pois nem todos os que atendiam aos critérios (a) e (b), dispunham de (d) possíveis à época da produção dos atlas, optou-se, desta feita, por coletar dados em alguns pontos em detrimento de outros.

Utilizando desses critérios metodológicos, elencados acima, diversos atlas regionais do país foram elaborados posteriormente, para a composição do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), por exemplo, lançado em 1987, os mesmos aspectos do APFB foram levados em consideração. O ALS se propôs a ser um *continuum* do APFB, o que se torna evidente a partir da sua contagem de pontos, que é iniciada a partir do número 51, pelo fato do baiano se encerrar no número 50.

Graças aos estudos de alguns pesquisadores, em especial ao de Silvia Figueiredo Brandão, quando lança “A geografia linguística no Brasil”, em 1991, os estudiosos da dialetologia e sociolinguística ganham nova referência para o estudo da variação diatópica, sendo possíveis novas formas de padronizar e sistematizar a coleta e tratamento dos dados para construção dos Atlas propostos nesta publicação.

A execução do ALiB se inicia somente em 1996, com o “Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil” ocorrido na UFBA, que reuniu dialetólogos de todo o país e também do exterior, nele uma das organizadoras, Suzana Alice Marcelino Cardoso provoca a questão que motivou a execução do projeto, previsto desde 1952, e afirmou em sua comunicação no evento —“Trato inicialmente a questão [fazer-se um atlas do Brasil] levantando uma pergunta — É chegada a hora do Atlas Linguístico do Brasil? — que, para mim, tem resposta afirmativa, com base nas razões que passo a expor.”. A autora expõe que o Atlas é necessário para que se compreenda a multidimensionalidade geolinguística do país, para que sejam registrados dados dialetais, bem como é fundamental em termos de ensino-aprendizado de língua materna (Cardoso, 1996, p. 90 *apud* Cardoso; Mota 2013, p.13).

A partir do marco, em 1996, foi criado o Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil, que se organiza estruturalmente em: diretor-presidente, diretor executivo, diretores científicos e Coordenações regionais, que foram atribuídas a cada um dos Diretores Científicos e à Diretora Executiva. O Projeto passou a contar com 05 regionais, que eram coordenadas por um pesquisador cada, de modo a abarcar os 26 estados federativos, que de forma colaborativa organizaram uma rotina de trabalho periódica, e principalmente estabeleceram a metodologia própria, descrita no subtópico 2.1.1 e 2.1.3.

Na atualidade diversas instituições brasileiras (14) compõem o Projeto ALiB,

Articuladas mediante convênio que entre si firmaram a Universidade Federal da Bahia, a Universidade Federal do Ceará, a Fundação Universidade do Rio Grande do Norte, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Estadual de Londrina, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a Universidade Federal da Paraíba, a Universidade Federal do Maranhão, a Universidade Estadual do Ceará, o Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba, a Universidade Federal do Pará, a Universidade Federal de Ouro Preto, a Universidade Federal do Piauí e a Universidade Federal de Santa Catarina (Paim; Ribeiro, 2018, p. 108).

Os dois primeiros volumes do ALiB foram publicados pela EDUEL em 2014, e durante o III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (CIDS), em Londrina-PR, ocorreu seu lançamento. O primeiro volume é introdutório com aspectos metodológicos e os questionários utilizados, e o segundo tomo consta de 159 cartas linguísticas, em que se apresentam dados de 25 capitais.

O Atlas Linguístico do Brasil em sua versão final é apontado como parte da segunda fase dos estudos dialetais, levando-se em conta a classificação de Romano (2013), em que a metodologia de trabalho é pluridimensional, em virtude controlar as variáveis de sexo, idade, escolaridade e localidade.

Dentre os trabalhos basilares para se organizar o Atlas estão os diversos atlas regionais que foram publicados em diversos estados da federação, cada um deles trazendo uma nova contribuição para o trabalho final, cumprindo a tarefa que havia sido acordada entre os dialetólogos pós decreto de Vargas.

Além dos trabalhos essencialmente dialetológicos, para elaborar os atlas os pesquisadores necessitaram se debruçar sobre uma diversidade de outras áreas, conforme mencionam Paim e Ribeiro (2018), como a história, com vistas a selecionar as localidades que seriam consideradas pontos de coleta de dados, em virtude da impossibilidade de se coletar informações em todos os municípios brasileiros, em consequência, a data de fundação e a história do município foram critérios importantes para esta triagem.

Outro campo de grande importância para a constituição do Atlas foi a geografia, tendo em conta que a relevância geográfica das regiões, verificando se; (i) é entroncamento rodoviário ou não, (ii) há a possibilidade de acesso por meio de estradas ou barcos, e (iii) possui as características necessárias da formação demográfica. São importantes também os aspectos antropológicos e sociológicos da população (Paim; Ribeiro, 2018).

3.2 A metodologia própria do ALiB

Embasando-se nos conhecimentos de que já detinham os dialetólogos em virtude dos avanços promovidos por meio dos atlas regionais e das áreas afins citadas no tópico anterior, tendo a possibilidade de utilizar recursos tecnológicos que eram capazes de tornar o trabalho de coleta de dados exequível, e já cientes das dificuldades e potencialidades do Projeto é que se inicia de fato o labor prático do ALiB, após o marco de 1996.

Desta forma, 250 localidades foram selecionadas para compor o cenário linguístico do país, que vão do Oiapoque ao Chuí. Integram a rede de pontos cidades de médio e grande porte que foram escolhidas em virtude de; a) acessibilidade do local, b) densidade demográfica, c) história da localidade e d) a natureza do povoamento do estado.

Quanto ao perfil dos informantes, foi estabelecido pelo Comitê de elaboração, de acordo com a metodologia da geolinguística, que o informante do Atlas tem que atender aos seguintes requisitos:

1. Ser natural da localidade investigada, não tendo se afastado dela por mais de 1/3 de sua vida. Os pais também devem ser naturais da localidade, preferentemente, ou da mesma região. Em atenção a esse critério, evitam-se informantes cuja profissão exige deslocamentos constantes (caminhoneiros, por exemplo). Por outro lado, para garantir que o informante seja um bom representante da comunidade onde vive, ele deve estar inserido no contexto social, com endereço e profissão definidos.
2. Em relação ao fator idade, os informantes se enquadram em duas faixas etárias – (1) de 18 a 30 anos, e (2) de 50 a 65 anos, de forma a se ter a representação de falantes mais jovens e de falantes mais velhos.
3. Contemplando-se a variável sexo, em cada localidade são entrevistados informantes do sexo masculino e do sexo feminino, distribuídos nas duas faixas etárias mencionadas.
4. Quanto à escolaridade, os informantes devem ser alfabetizados, tendo cursado no máximo até a 4ª série do ensino fundamental. Esse critério inicialmente adotado foi flexibilizado ao longo da pesquisa, passando a admitir informantes que chegaram até à 8ª série. Nas capitais, acrescentam-se informantes com nível universitário, contemplando-se as duas faixas etárias e os dois gêneros. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001)

São selecionados 4 falantes no interior, sendo 2 do sexo masculino, um da faixa 1 e um da 2, e 2 do sexo feminino, também das faixas 1 e 2. Na capital são inquiridos 8 informantes no

total, sendo 4 do sexo masculino, 2 não escolarizados, um da faixa 1 e um da 2, 2 escolarizados um de cada faixa, e mais 4 do sexo feminino dispostas da mesma maneira do masculino.

No total 1.100 falantes foram inquiridos, nos 250 pontos selecionados em todo o território brasileiro. Tendo os inquiridores percorrido um total de 257.852 quilômetros, recobrando do norte ao sul do país, conforme objetivo inicial do Projeto.

Os primeiros questionários foram aplicados em 1998 nos estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Roraima e Rio Grande do Sul, nos quais dezesseis inquéritos experimentais foram aplicados em sete cidades no total, no ano seguinte os resultados foram consolidados em um *workshop* concluindo a fase de testes dos questionários, os últimos inquéritos foram realizados em 2013. No ano de 2014 o Atlas é publicado em seus dois primeiros volumes.

A proporção de dados catalogados, porém, é muito maior do que as 159 cartas selecionadas para constar nesse volume, de modo que apenas um recorte dos questionários pôde ser exibido nos livros publicados, em virtude das dimensões limitadas de uma publicação impressa. Nesta pesquisa algumas das questões abordadas não constam como cartas no volume impresso, foram coletadas diretamente dos arquivos (parte em áudio, parte transcritos grafematicamente) cedidos pelo Projeto.

Na Bahia, foram coletados dados de um total de 92 falantes por meio de 05 questionários, aos quais se somam um discurso semidirigido e um texto que lhes foi proposta a leitura.

Quanto aos questionários elaborados para serem aplicados aos falantes selecionados, nas localidades já especificadas, Mota (2008) explica a subdivisão:

[...] os questionários subdividem-se, de acordo com os diferentes níveis de estudo da língua, em fonético-fonológico (Questionário fonético-fonológico - QFF), semântico-lexical (Questionário semântico-lexical - QSL) e morfossintático (Questionário morfossintático - QMS), contemplando, ainda, questões de pragmática (QP), perguntas de natureza metalinguística (PM), temas para a depreensão de discursos semidirigidos e texto para leitura (Mota, 2008, p.2).

Esses questionários foram elaborados pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB, publicado em 2001, em que elenca as questões que deveriam ser aplicadas pelos inquiridores, de modo a uniformizar a atuação deles. Cada região contou com pesquisadores diferentes para a aplicação do questionário.

Dessas, 22 localidades compuseram o Atlas na Bahia, que vão dos pontos 81 a 102, são eles:

081. Juazeiro; 082. Jeremoabo; 083. Euclides da Cunha; 084. Barra; 085. Irecê; 086. Jacobina; 087. Barreiras; 088. Alagoinhas; 089. Seabra; 090. Itaberaba; 091. Santo Amaro; 092. Santana; 093. Salvador; 094. Valença; 095. Jequié; 096. Caetité; 097. Carinhanha; 098. Vitória da Conquista; 099. Ilhéus; 100. Itapetinga; 101. Santa Cruz Cabrália; 102. Caravelas. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

As localidades que integram os pontos de coleta de dados do ALiB correspondem a pelo menos um dos municípios das mesorregiões do estado da Bahia, de modo que os dialetólogos podem analisar, dentre outros elementos, se os aspectos linguísticos apresentados nas regiões tem alguma correlação com essa subdivisão do estado.

Quanto aos objetivos do Atlas, destaco dois dos principais em que se enquadra este trabalho: “descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da geolinguística” e “contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotados de uma unidade sistêmica” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

Com relação ao QSL, objeto deste trabalho, constam registradas 202 perguntas que recobrem 14 áreas semânticas:

1. Acidentes geográficos; 2. Fenômenos atmosféricos; 3. Astros e tempo; 4. Atividades agropastoris; 5. Fauna; 6. Corpo humano; 7. Ciclos da vida; 8. Convívio e comportamento social; 9. Religião e crenças; 10. Jogos e diversões infantis; 11. Habitação; 12. Alimentação e cozinha; 13. Vestuário e acessórios e 14. Vida urbana. (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001).

Dentre esses campos semânticos se distribuem as 202 questões, que constam registradas com o sinal “...” à frente, tendo em conta que a introdução é em sua maioria a mesma, “Como se chama...”, conforme se observa na QSL 131 em (1), diferindo apenas em algumas poucas em que a marca é distinta, a exemplo da QSL 126 (2), esse é o maior questionário em comparação com os demais, com uma variedade maior de referentes e de áreas temáticas.

1. ...o filho que nasceu por último?
2. Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve_____.

(COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

Já o QMS conta com 49 perguntas, que se divide em classes sintáticas, a saber; artigo, substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, em que se solicita aos informantes que forme frases em que seja demarcado cada uma das categorias, por exemplo em (3) e (4).

3. Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?
4. O que você / o (a) senhor(a) faz durante o dia? [poderia descrever como é a sua rotina diária?] (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

No exemplo em (1) o objetivo é coletar como o indivíduo marca a posição de sujeito de uma sentença, se com a forma *tu* ou *você*, por exemplo, já em (2) o objetivo é a coleta da informação de como o indivíduo marca a forma de presente do indicativo do verbo.

No total, somando-se somente as questões do QFF, QSL e QMS, temos um total de 410 questões, sem contar os demais dados, o que evidencia que um volume de dados muito grande foi coletado, e, para sistematizar a apresentação dos resultados, os integrantes do projeto selecionam 159 resultantes para apresentar os dados, em virtude da impossibilidade de em uma publicação impressa única ser exibido tamanho quantitativo de informações.

Para compor o *corpus* deste trabalho, selecionamos 6 questões para analisar o comportamento morfológico dos falantes, que descrevo melhor na próxima subseção.

3.3 A metodologia desta pesquisa

Para a realização deste trabalho sobre as formações agentivas complexas no estado da Bahia, algumas etapas foram seguidas. A primeira delas foi a escolha do objeto morfológico a ser fixado, que inicialmente foi o processo de derivação sufixal, apontado por Basilio (1987) e Rocha (1998) como um dos processos de formação de palavras mais produtivo em relação aos demais, e sob a hipótese de que esse processo por Ribeiro e Rio-Torto (2016) é bastante produtivo na formação de agentivos. Porém, após a extração dos dados do QSL, verificamos, além do processo de derivação, o processo de composição também foi muito empregado como resposta.

Para a análise, a princípio, optamos por trabalhar com a área semântica “convívio e comportamento social” do QSL do Atlas, selecionamos as Questões de 136 a 146. Com finalidade de ampliar o *corpus* desta pesquisa, decidimos acrescentar outras questões que faziam referência a agentes de atividade humana, mas não estão entre a área temática do “comportamento social” do QSL, a qual intitulamos pela metodologia desta pesquisa como “profissões e ocupações” referentes às questões 61, 123, 151 e 152, todas aplicadas a falantes do Estado da Bahia.

O conjunto de dados selecionados diz respeito a informações de 92 falantes, das 22 localidades da Bahia selecionadas conforme a metodologia do ALiB, incluindo-se na análise os 4 escolarizados da capital.

Depois de levantada a bibliografia e selecionadas 15 questões, iniciamos o processo de extração dos dados, que não estavam ainda, transcritos na forma grafemática, e, deste modo, foi necessário que escutássemos os inquéritos para, de entrevista em entrevista, registrar em uma tabela as acepções dadas para os referentes, de forma que alguns falantes deram mais de uma acepção enquanto outros deram apenas uma para cada, e para algumas questões, ainda, não houve resposta de certos informantes para certas QSL, no caso das respostas não obtidas representamos nas tabelas o número 0, como se pode verificar nos anexos.

Durante a coleta de dados, verificamos a necessidade de exclusão de algumas questões, pois a resposta dada pelos informantes não gerava um nome agentivo, habitual ou profissional, como nos exemplos da QSL 143, QSL 145 e QSL 146 em (82) (83) e (84).

(82) Xará

(83) Cigarro de fumo

(84) Bituca

Dessa forma, reduzimos a quantidade de questões e fixamos 6 Questões Semântico Lexicais para análise nesta pesquisa, a seguir relacionadas:

- (1) Como se chama o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho? – Questão 61.
- (2) Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer? – Questão 123
- (3) Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém? – Questão 140
- (4) Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? – Questão 142
- (5) Como se chama uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de plantas? – Questão 151
- (6) Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? – Questão

Após o levantamento de todas as designações apontadas pelos falantes para as atividades humanas, elencadas nas 6 questões acima, foram lançadas as ocorrências obtidas em tabelas, que se encontram no anexo 1¹¹.

Na elaboração das tabelas optamos por listar uma questão por tabela, onde se encontram organizadas as formas numeradas por pontos do mapa, que vão do ponto 81 ao 102, totalizando os 22 pontos da Bahia, no entanto, o somatório dos quadros é 23 por conta do ponto 93 ser dividido em 2, em virtude de conter os 4 com nível superior mais os 4 falantes com nível de escolarização fundamental, que estão representados nos quadros anexos como do ponto 94B, enquanto 94A são os menos escolarizados.

Após a elaboração desta tabela primária foi possível elencar os diversos processos formativos utilizados pelos informantes, de modo que para o próximo capítulo apenas as compostas e derivadas foram analisadas em termos morfológicos, no entanto, explicitamos aquelas formas de maior recorrência para fins de descrição de aspectos da semântica do agente.

Importante ressaltar, ainda, que nestes quadros, do anexo 1, constam registradas todas as designações fornecidas pelos informantes, alguns informantes deram mais de uma denominação enquanto outros não sabiam ou não quiseram informar; nesse caso é possível notar que há pontos em que diversas formas foram expressas pelo mesmo falante, ao passo que em alguns não foram obtidas respostas, nesse segundo caso o 0 apresentado na tabela representa a ausência de respostas. Assim, a quantidade de designações pode ser maior que a quantidade de informantes, e vice-versa.

No próximo capítulo, apresentamos a análise do *corpus*, na forma das questões 61, 123, 140, 142, 151 e 152, investigadas para fins didáticos uma em cada subseção do capítulo.

¹¹ É possível verificar no cabeçalho dos quadros a representação H1, M1 e H2 e M2, que diz respeito ao sexo e faixa etária dos falantes, homem (H) e mulher (M), acompanhados da informação quanto à faixa etária, faixa 1 e faixa 2.

4 AS QUESTÕES DO ATLAS LINGUÍSTICO

Esta seção se dedica a elencar as formas apontadas pelos falantes como modo de designação dos agentes de atividade analisados nesta pesquisa, e investigar as formas produzidas por derivação sufixal, buscando verificar os sufixos mais produtivos¹² e as formas produzidas por composição.

Embora se tenha como objetivo descrever morfologicamente apenas as formas complexas, foram encontradas respostas diversas, que vão desde formas simples, chegando, em raros casos, até a sentenças, como apresentadas na seção 4.1.

Pela metodologia de trabalho, serão expostas todas as formações encontradas, no anexo 1, analisando-se em termos estruturais e semânticos apenas as palavras formadas por derivação sufixal e por composição. Todavia, somente sobre as formas mais recorrentes entre as que figuram em outros processos formativos é que tecemos observações nas seções, com vistas a demonstrar a razão de como se intitula a questão, ou ainda os aspectos que podem ter correlação com as derivadas e compostas encontradas e, ainda, quais aspectos semânticos permeiam as formas.

Este capítulo encontra-se, desta feita, organizado em seis subseções, de 4.1 a 4.6. Em cada uma das subseções, apresenta-se a análise de uma das questões selecionadas. Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é analisar 6 questões, esse capítulo conta 7 subseções, que são as 6 questões, mais os dados quantitativos resultantes das formações coletadas.

Por conseguinte, estão apresentados nesta seção os dados gerados pelas Questões Semântico Lexicais selecionadas para a realização deste trabalho. Cada subseção está assim configurada: (i) exposição da questão, (ii) descrição das formas encontradas, (iii) análise das formas derivadas e compostas por meio dos aspectos teóricos expostos no capítulo 1.

4.1 Questão Semântico Lexical 61 – Trabalhador de enxada em roça alheia

O ALiB, por sua metodologia própria, nomeia as questões com as formas da resposta alvo a ser dada pelos falantes nas QSL, que no caso em análise foi a forma “Trabalhador de enxada em roça alheia”, este padrão de nomeação se segue nas demais questões.

A escolha desta questão - “Como se chama o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?” - número 61, se deu pelo fato de que, assim

¹² Consideramos a produtividade em termos da diversidade de formas com o processo formativo, e não em termos da quantidade de formas, que se repetem, em cada questão.

como as outras QSL selecionadas (123, 140, 142, 151 e 152), denominar um agente de atividade humana, que pelas características poderia gerar nomes derivados sufixais e formas compostas.

A hipótese inicial é de que ocorram mais formas derivadas como resposta a essa questão, em virtude dos agentivos serem mais prototipicamente formados pelo processo de derivação.

Para esta questão os falantes apresentaram 106 respostas no total. E, algumas designações se repetem, como a forma derivada *diarista* que está presente em 36 das 106 ocorrências, as formas compostas estiveram presentes em 17 dessas. Ocorreram ainda formas lexicalizadas, como *peão*, e sentenças, como “trabalhando de macaco”. As formas analisadas de acordo com os processos formativos focalizados neste trabalho podem ser vistas no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Designações para trabalhador de enxada em roça alheia, consideradas objeto morfológico.

Derivação	Composição	
	N + prep + N	N + A
Diarista Ajudante Contratado Empregado Vaqueiro Empreiteiro Macaqueiro Operário Trabalhador Lavrador	Trabalhador da zona rural Trabalhador por dia Trabalhador de roça Trabalhador de aluguel	Trabalhador rural Trabalhador diário Trabalhador alugado Trabalhador braçal Bóia-fria

Fonte: Elaboração própria.

Conforme mencionado anteriormente, foram geradas 106 respostas para o referente. Além das respostas listadas no Quadro 1, foi recorrente uma forma classificada neste trabalho como lexicalizada, “peão” em 13 respostas, e algumas formas para se referir ao agente foram desconsideradas na análise nesta seção por serem sentenças, que é o caso de:

(85) Que trabalha no rural

(86) Trabalha de empreitada

(87) Trabalha a diária

É possível verificar, por meio do Quadro 1, que o processo de derivação foi tão recorrente quanto o de composição, em que 10 formas derivadas distintas foram atestadas, e 9 formas compostas, demonstrando, deste modo, que a derivação foi o processo mais recorrente. No entanto, é possível perceber que a composição também é um recurso bastante utilizado para nomear este agente.

Quanto à estrutura das formas recorrentes, que são objeto de análise neste trabalho, no Quadro 2, a seguir estão classificadas quanto ao tipo, além da quantidade de ocorrências que foram obtidas dessas formações complexas.

Quadro 2 - Estrutura das ocorrências

FORMAÇÕES	ESTRUTURA	QTD
Diarista	Derivada	36
Ajudante	Derivada	1
Contratado	Derivada	3
Empregado	Derivada	1
Vaqueiro	Derivada	1
Empreiteiro	Derivada	1
Macaqueiro	Derivada	2
Operário	Derivada	1
Trabalhador	Derivada	5
Lavrador	Derivada	1
Trabalhador da zona rural	N+prep+(det)+ FC	1
Trabalhador por dia	N + prep + N	1
Trabalhador de roça	N + prep. + N	1
Trabalhador de aluguel	N + prep. + N	1
Trabalhador alugado	N + A	1
Trabalhador rural	N + A	2
Trabalhador diário	N + A	2
Trabalhador braçal	N + A	3
Bóia-fria	N + N	1
TOTAL		65

Fonte: Elaboração própria.

Observamos por meio do exposto no Quadro 2 que foram produtivas as formações por derivação, integralizando 51 das 65 formas analisadas no total, sendo obtidas 14 formas compostas, sendo que a mais recorrente é a única derivada em *-ista*, *diarista*.

O sufixo *-ista*, como visto na seção 1.4.3, forma prototipicamente nomes de agentes profissionais e se liga a radicais nominais, adjetivas e até bases complexas, e, embora tenha sido listado entre os que são mais prototípicos para formar agentivos ocorreu apenas em uma forma no *corpus*. A forma em *-ista* (88) é a mais recorrente nesta QSL, e conforme segmentação tem base adjetival.

(88) [[diar-]_{RA_{adj}}-ista]_N

A forma em (88) exibe alta frequência tanto na faixa 1 quanto na 2, além de estar difundida em todo território da Bahia, ocorrendo em todas as localidades.

A palavra *diarista* pode ser utilizada para designar não somente o agentivo da QSL 61, mas trabalhadores em geral que recebem por dia trabalhado, tendo em conta que aparece em outros contextos, conforme o dicionário Aulete define “Que presta serviço e recebe por dia trabalhado” e, ainda, “Diz-se de pessoa especializada em prestar serviços domésticos em várias residências em dias variados”.

A segunda forma derivada mais produtiva foi *trabalhador*, segmentada em (89), formada a partir de um tema verbal, conforme propõe a RFP referente às formações a partir deste sufixo, descritas em 1.4.4. Semanticamente, essa é uma formação mais generalista, em virtude de ser capaz de designar diversos agentes profissionais, conforme o Aulete afirma, a forma denomina aquele “Que trabalha; Ativo; Laborioso”, o que parece não denotar nenhum aspecto semântico específico do agente da questão.

(89) [[[trabalh-]_{RV} -a-]_{TV}-dor]_N

Diferentemente do que ocorre em *trabalhador*, semanticamente, a formação *lavrador* está relacionada ao campo semântico da questão 61, visto a possibilidade de ser parafraseada por “aquele que V”, sendo V o verbo *lavar*, que denota uma atividade específica dos trabalhadores rurais.

Como terceiro derivado recorrente têm-se a forma *contratado*, constando 3 ocorrências, em que a palavra se forma por herança da forma do particípio verbal, tendo em conta o que afirma Teixeira da Silva (2008, p. 15) o particípio “é uma das formas nominais do verbo, com

características de nome e de verbo [...] o particípio regular dos verbos de primeira conjugação é formado pela junção do sufixo *do* à vogal *a*”.

A formação participial não é muito prototípica para nomear agentes de atividade, conforme se expõe em (90). Aspecto semelhante se apresenta na forma *empregado*, (91), em que a formação parece se dar a partir desse mesmo processo.

(90) [[[contrat-]_{RV-a-VT}]_{TV-do}]_N

(91) [[[empreg-]_{RV-a-VT}]_{TV-do}]_N

A forma em (92) é a quarta forma derivada recorrente no *corpus*, consta registrada para denominar esse agente de atividade desde o APFB em 1963, em que era a forma mais recorrente naquele Atlas e possui em sua gênese a palavra *macaco*, como se observa na segmentação. No entanto, aparece apenas duas vezes no ALiB BA, na fala de informantes da faixa 2, evidenciando, deste modo, que pode estar em processo de desaparecimento, dadas as mudanças sócio-históricas e linguísticas.

Conforme explicam Almeida, Paim e Oliveira (2019), *macaco* é uma forma utilizada “para designar o trabalhador de uma atividade que paulatinamente lhe tiraria o vigor e lhe acarretaria inúmeras doenças pela posição física em que se encontra nesse tipo de trabalho” (Almeida; Paim; Oliveira, 2019, p. 42), sendo assim não diz respeito a um instrumento ou ferramenta utilizada na atividade, mas sim à posição em que trabalha, semelhante a um macaco.

(92) [[macac-]_{RN} -eiro]_N

Mais duas formas derivadas em *-eiro* foram atestadas no *corpus*: *vaqueiro* e *empreiteiro*, a primeira formação com uma base que por um processo metonímico remonta a um aspecto do trabalho do agente, como se observa em (93). Já na segunda designação a base é um radical nominal que está difundido e institucionalizado no PB, sua origem é um radical nominal, conforme se nota em (94), e sua leitura é um pouco distinta da semântica da base com a qual geralmente se liga o *-eiro*, em virtude do *empreiteiro* ser aquele que executa uma *empreita*, não o que a solicita.

(93) [[vac-]_{RN} -eiro]_N

(94) [[empreit-]_{RN}-eiro]_N

A partir da análise das formas de designação deste agentivo no ALiB, é possível evidenciar que há um comportamento distinto nas formas registradas em relação aos atlas regionais da Bahia e de Sergipe. Tendo em conta que a forma *diarista* nos primeiros Atlas estaduais APFB e ALS não estava difundida, não se apresentava em todas as regiões do estado, nem estava distribuída em ambas as faixas etárias, como está no caso no ALiB, considerando o que propõe Tarallo (1986):

Feita a análise dos fatores condicionadores internos, você deverá correlacionar as variantes ao fator idade. A relação de estabilidade das variantes [...] avultará, se a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso [...] (Tarallo, 1986, p. 65).

Em oposição à forma sufixada em *-ista*, as formas em *-eiro* foram mais recorrentes nos dados coletados por Oliveira Silva (2023) na questão “Trabalhador de enxada em roça alheia” apresentada na Carta 24 do APFB (1963), em que a mesma questão foi aplicada. No Atlas regional foram obtidas predominantemente formas em *-eir-*, como *macaqueiro* que foi a mais atestada, ao lado de *beiradeiro*, *cavouqueiro*, *enxadeiro*, *jornaleiro*, *jornadeiro*, *macaqueiro* entre outras.

E em apenas 4 dos 22 pontos do APFB foi atestada a forma em *-ista*, que ora aparece tão difundida. Diferentemente do cenário delineado na QSL do Atlas brasileiro, em que apenas 3 das 21 formas obtidas são em *-eiro*. Contudo, não podemos afirmar que se trata de um processo de mudança em curso em virtude de não ter sido possível para o APFB controlar a variável faixa etária em 2 faixas, tal qual o Projeto ALiB. Todavia, registramos na seção 1.4.3, que *-ista* é um sufixo mais novo na língua, que vem mudando seu valor semântico, o que talvez justifique essa mudança de padrão.

A forma *operário* apesar de ser uma forma em que por meio da RAE se pode depreender a atuação do sufixo *-ário*, essa parece tão institucionalizada que perde a transparência, ocorrendo como forma autônoma na língua, talvez por isso ocorre apenas uma vez nos dados na fala de um informante da faixa 2. Esta formação é generalista, designando outros agentes profissionais, como os indivíduos que trabalham em fábricas, por exemplo.

Uma hipótese para justificar o fato de que as formações em *-ário* parecem não ser mais decomponíveis é a de que essa sufixação parece não formar neologismos. Deste modo, as formas com este afixo parecem estar em vias de lexicalização, como propõe Sandmann (2020a, p. 67) sobre esse processo “de opacificação que as palavras vão sofrendo ao longo de sua permanência e uso na língua”. Essa opacificação ocorreu com outros sufixos na língua,

como na forma *casebre* citada no capítulo 1, e como identificaremos em outras formações ao longo do trabalho.

Uma forma em *-nte* foi atestada no *corpus*, *ajudante*, em um único ponto. É constituída a partir de uma base verbal a qual o sufixo se concatena, gerando um produto nominal, um comportamento típico das formações com este afixo, a leitura é de “aquele que V”, conforme verificamos em (95), e parece ser também uma forma mais generalista, sendo aplicável a diversos tipos de agente, talvez por ser o mais antigo na língua.

(95) [[[ajud-]_{RV-a-VT}]_{TV}-nte]_N

Na análise do processo de composição foram considerados os aspectos formativos de acordo com a Seção 1.3: (i) a fixidez das formas, (ii) a opacidade lexical das formas e (iii) o caráter holístico da semântica.

Desta feita, as palavras compostas, de acordo com Villalva (2003), podem ser divididas em um grande grupo, o dos sintagmáticos, que, por sua vez, se subdivide em dois subgrupos, (a) os de adição e justaposição e (b) os de reanálise. Retomando o que afirma Villalva (1994, p. 349) a reanálise é “uma condição sobre as expressões sintáticas dominadas por categorias X^0 , que verifica a boa-formação da estrutura sintactica, por um lado, e os traços categoriais do composto, por outro”.

Eles se encontram distribuídos em ambas as faixas etárias.

A seguir apresento os resultados de acordo com essa classificação.

Quanto às formas compostas apresentadas pelos falantes podemos agrupá-las em:

Compostos sintáticos que se estruturaram a partir da adjunção: [N prep. N] ou [N A]: *Trabalhador da zona rural*, *Trabalhador por dia*, *Trabalhador de roça*, *Trabalhador de aluguel*, *Trabalhador alugado*, *Trabalhador rural*, *Trabalhador diário*, *Trabalhador braçal*, *bóia-fria*.

Na palavra em (96) é possível constatar que há uma forma composta que registra em seu interior outra forma composta, a primeira é também uma palavra complexa, uma derivada sufixal em *-dor*, formada a partir de um tema verbal. Esse composto se forma, em termos da proposta de Sandmann (1992), a partir da expansão semântica metonímica com relação ao local de trabalho do agente. É interessante notar que o determinante foi adjungido à preposição, diferentemente do que ocorre em (97), embora o padrão formativo da anterior se mantenha, $N_{prep}N$, em que a primeira forma sufixada em *-dor* se adjunge a um nome que denota o local onde executa a atividade.

(96) [[[[Trabalh-]_{RV-a-VT}]_{TV-dor}]_N de -a-Det [[[[zona]_N [rural]_N]_N]

(97) [[[[Trabalh-]_{RV-a-VT}]_{TV-dor}]_N de [roça]_N]_N

(98) [[[[Trabalh-]_{RV-a-VT}]_{TV-dor}]_N por [dia]_N]_N

O composto (98) é formado a partir também da derivação sufixal com o *-dor* em que se concatenam uma preposição e um nome. O sentido denota a frequência de pagamento pelo trabalho do agente, leitura prototípica para a formação de um agentivo, conforme explícito na seção 1.4. No caso da forma em (99) a forma *trabalhador* se repete acompanhada de um adjetivo, que possui a mesma base da forma anterior e com semântica semelhante, o que recebe ordenado por dia trabalhado.

(99) [[[[Trabalh-]_{RV-a-VT}]_{TV-dor}]_N [diário]_{Adj}]_N

No caso da forma (100) mais uma vez se repete a derivada em *-dor* e a forma que a acompanha tem leitura de “que se aluga”, no primeiro caso um nome preposicionado compõe a palavra, já no caso de (101) um adjetivo com mesma leitura se concatena para compor a forma.

(100) [[[[Trabalh-]_{RV-a-VT}]_{TV-dor}]_N de [aluguel]_N]_N

(101) [[[[Trabalh-]_{RV-a-VT}]_{TV-dor}]_N [[[alug-]_{RV}]-a-VT]_{TV-do}]_{Adj}]_N

A formação em (102) carrega a primeira forma das demais, que se concatena a uma forma adjetiva, gerando um produto metafórico e/ou metonímico, de modo que uma parte do corpo do trabalhador é tomada pelo todo, aspecto prototípico para formar agentivos, cf. 1.4.

(102) [[[[Trabalh-]_{RV-a-VT}]_{TV-dor}]_N [[braç-]_{N-al}]_{Adj}]_N

Como se pode observar, nos dados expostos acima, todos os compostos sintagmáticos para esse referente possuem em seu interior o núcleo *trabalhador*, ao qual se adjungiram outras formas simples e complexas, portanto, as formações se dão com a estrutura “Trabalhador-X”, sendo X um nome precedido de preposição ou adjetivo, em ambas as faixas etárias.

O fato dessa forma ser atestada em todos compostos de adjunção pode decorrer desse derivado ser mais generalista, em termos semânticos. O que evidencia que parece ensejar uma

necessidade de subespecificação, que é empregada utilizando adjetivo, um nome ou uma locução adjetival adjungida a ele.

O composto sintático já lexicalizado, em (103), ocorreu apenas na faixa 2, é metafórico, seu sentido é externo às bases que o compõem, é uma forma que se encontra dicionarizada, pode ser essa a justificativa de ter ocorrido apenas na fala dos mais velhos. Designa de acordo com o Aulete “Trabalhador rural que presta serviços temporários na época do plantio ou colheita”, assim, está correlacionada em termos semânticos com o hábito desses trabalhadores de levar sua alimentação ao trabalho pela manhã, em virtude disso no horário do almoço seu alimento já está frio.

(103) [[bóia]_N[fria]_{Adj}]_N

As formas dos compostos nesta QSL podem em seus aspectos metafóricos ou metonímicos ser agrupados nos campos semânticos de: (i) frequência laboral, (ii) local de trabalho e (iii) modo de execução da atividade.

Compostos de reanálise são aqueles em que há uma reanálise da estrutura sintática, ou de uma expressão sintática que se lexicalizou e, desta feita, são mais atípicos, podendo admitir diferentes tipos de formação, quer sejam [NN] [AA] [VN] ou ainda [VV], nesta Questão não temos a ocorrência deste tipo de composição.

4.2 Questão semântico lexical 123 – Parteira

Esta questão, intitulada *parteira*, foi selecionada em virtude de a atividade profissional ser capaz de gerar nomes agentivos, e pelo caráter não formal da atividade, o que poderia permitir o uso de diversas denominações para os agentes que realizam parto sem formação acadêmica para tal.

Contrariando essa hipótese, no *corpus* foram encontradas apenas 4 formas derivadas distintas, *parteira*, *aparadeira*, *paradeira* e *enfermeira*, dentre um total de 101 respostas.

Apenas uma das formas, *parteira*, foi atestada em quase todos os pontos, como pode ser visto no Anexo I. Observamos também que é bastante recorrente nas duas faixas etárias controladas pelo Atlas. Nenhuma forma composta foi registrada.

A questão geradora dessas formas foi a QSL: 123 - Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer? As respostas constam registradas nos quadros a seguir.

Quadro 3 – Designações para parteira, consideradas objeto morfológico.

Derivação
Parteira Aparadeira Paradeira Enfermeira

Fonte: Elaboração própria.

A forma parteira foi obtida em 85 ocorrências, sendo a mais registrada pelos falantes, mesmo nos pontos em que as demais formas apareceram essa formação derivada foi dada como primeira resposta à maneira de designar o agente, sendo resposta quase unânime em ambas as faixas etárias.

Isto é, à exceção de 3 informantes todos apresentaram a mesma forma, alguns concomitantemente com outra. Esses são da faixa 1, portanto dos mais jovens, no caso desses 3 não foi obtida nenhuma resposta.

Quanto à estrutura das formas, como mencionado, somente formas derivadas foram produtivas para essa Questão, como se vê no Quadro 3. Das quatro formas derivadas apenas uma é mais recorrente, parteira. A quantificação dessas ocorrências pode ser observada no Quadro 4, que segue.

Quadro 4 - Estrutura das formas

FORMAÇÕES RECORRENTES	ESTRUTURA	QTD
Parteira	Derivada	85
Aparadeira	Derivada	3
Enfermeira	Derivada	2
Paradeira	Derivada	1
TOTAL		101

Fonte: Elaboração própria.

É possível notar, a partir dos dados registrados no Quadro 4, que as designações da agente que ajuda uma criança a nascer são formadas a partir da adjunção de dois sufixos flexionados na forma feminina: (i) *-eira* adjungida às formas nominais *part-* e *enferm-*, como nos exemplos em (104) e (ii) *-deira* (conforme discussão da seção 1.4.4) adjungida ao radical verba *apar-(ar)* na forma *aparadeira*, que varia com *paradeira*, como registram os exemplos em (105).

- (104) a. [[part-]_{RN}-eir(a)]_N
 b. [[enferm-]_{RN}-eir(a)_{MFG}]_N
- (105) a. [[[apar]_{RV-a-VT}]_{TV}-deira]_N
 b. [[[Øpar]_{RV-a-VT}]_{TV}-deira]_N

É interessante que tanto a forma mais recorrente em (104a), e a forma menos recorrente (104b) são formadas a partir da adjunção do feminino do sufixo –eir- flexionado no feminino. A pouca recorrência de “enfermeira” nesta QSL deve ser devida ao fato de que esse termo não apresenta uma relação muito próxima da atividade que a questão 123 requer. Essa designação refere-se à pessoa que trabalha formalmente em hospitais. De acordo com o Aulete (2023) “mulher que trata dos doentes”. A realização de um parto é apenas uma das tarefas de que uma enfermeira poderia participar.

Quanto aos exemplos em (105), propomos que sejam variantes na acepção da sociolinguística variacionista de Tarallo (1986), conforme apontamos em 1.4.5. Na formação em (105b), *paradeira*, ocorre o apagamento da vogal átona inicial (representado por Ø). Esse é um processo de mudança fonético-fonológica característico do português falado no Brasil, a aférese, que pode ser definida em termos de Dubois (2014, p. 30) como “uma mudança fonética que consiste na queda de um fonema inicial ou supressão da parte inicial”. Que podemos observar também nos exemplos em (106).

- (106) [i]magina → magina
 [a]marrei → marrei

Ambas as formas podem ser parafraseadas por “aquela que a/Øpara” e a variante com a realização do fonema átono inicial (*aparadeira*) é mais frequente que sua variante (*paradeira*), como se pode observar no Quadro 4.

A seguir, apresento a análise de mais uma questão.

4.3 Questão semântico lexical 140 – Pistoleiro

A seleção desta questão se deu em virtude da possibilidade de designar um agente que desempenha uma atividade criminosa, sendo assim capaz de gerar formas de denominação

não prototípicas para agentes profissionais, tendo em conta as especificidades sociais que envolvem a nomeação de perpetradores de delitos, como a marca de pejoratividade, por exemplo.

A questão obteve um total de 102 respostas, registrando formas derivadas, formas compostas, além de uma sentença, não é muito recorrente na formação de agentes de atividade.

A pergunta que os falantes responderam a fim de designar esse agente foi: “como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?”, as respostas constam listadas nos quadros 5 e 6 e no corpo da análise da QSL.

A hipótese inicial era a de que os falantes utilizariam muito mais formas derivadas, principalmente as formações em *-eiro*, visto serem as formações com esse sufixo, conforme Sandmann (1989), ser dotado de pejoratividade.

Quadro 5 – Designações para pistoleiro, consideradas objetos morfológicos.

FS	Derivação	Composição	
		N + prep + N	N + A
Capanga Jagunço Comparsa Assassino Bandido	Pistoleiro Criminoso Matador Cangaceiro Malfazejo Malfeitor	Matador de aluguel Assassino de aluguel Matador por encomenda Matador de gente	Assassino particular

Fonte: Elaboração própria.

A forma mais recorrente para nomear o agente em questão foi a derivada *pistoleiro* (45 ocorrências), em ambas as faixas etárias, no entanto formas compostas também foram apresentadas como modo de designar o agente da atividade, há ainda as formas consideradas como autônomas e, por isso, figuram entre as simples (FS).

Embora não tenha ocorrido de modo muito produtivo foi possível atestar um sintagma, em (107), nomeando o agente, um tipo de forma de designação não muito prototípica, mas que foi registrada em outras questões, como na QSL 142 que trataremos na próxima seção do texto.

A forma (107) parece ser metafórica e ter correlação com a maneira como se retira o milho do pé. O autor Leocádio (2011) faz referência a uma revolta ocorrida no norte do Paraná intitulada “Guerra do Quebra Milho” em que estiveram envolvidos posseiros e o que chama de “jagunços”, ao passo em que correlaciona o termo *os quebra milho* como forma de designar os assassinos contratados que participaram da revolta, evidenciando assim que a

sentença surgiu a partir de uma forma composta metafórica, no entanto necessitaríamos de um trabalho etimológico para melhor compreender tal fenômeno.

(107) Fez uma quebra de milho.

As formas (108) e (109), cuja estrutura comporta um advérbio na posição inicial, no Quadro 5, incluídas entre as formações prefixais podem ter duas análises: (i) formas prefixadas em termos de Villalva (1994) e (ii) forma composta, conforme Ribeiro e Rio-Torto (2016).

(108) Malfeitor

[[mal-]_{RAdv}[feitor]_N]_N

(109) Malfazejo

[[[mal-]_{RAdv}[faz]_{RV-ejo}]_N]_N

Seguindo o que propõe Villalva (1994), essas formas não podem ser consideradas compostas, visto que as formas adverbiais não se comportam como elementos de composição, posto que só podem ocupar a primeira posição nos compostos. De acordo com a autora (Villalva, 1994, p. 301-302), a definição do estatuto de radical aos elementos dos compostos morfológicos “assenta na constatação de que estas unidades se podem combinar livremente entre si, ocorrendo em alguns casos, quer como o primeiro (cf. *antropologia*, *dactilografia*), quer como último (cf. *filantropia*, *pterodáctilo*)”. Para a autora, esses elementos se comportam diferentemente dos afixos, que tem uma posição fixa na derivação de uma palavra, ou na posição inicial, como os prefixos, ou final, como os sufixos, pois permutam a posição nas formações compostas.

Ribeiro e Rio-Torto (2016), por outro lado, consideram formações como em (108) e (109) como compostas. As autoras, (2016, p. 476), registram que advérbios podem formar palavras compostas conectando-se a nomes, adjetivos e verbos (*maltrapilho*, *malsão* e *maldizer*).

Por fim, cabe salientar que, considerando Villava (1994, p.299), não se pode classificar essas formações dentre os compostos morfológicos, visto não possuírem uma forma resultante de um empréstimo, nem composto sintático, tendo em vista que não corresponde a uma estrutura sintática da língua.

É importante registrar que não é o elemento adverbial o responsável pela interpretação agentiva. Em (108), verificamos a presença do sufixo *-or* que varia com o sufixo agentivo *-dor*, principalmente ao se realizar uma análise diacrônica. Essas duas formações foram

empregadas por 2 falantes da faixa 2, o que pode denotar um processo que só está presente na fala dos mais velhos. Embora, a estrutura dessas formações seja transparente, principalmente pelo fato de o elemento adverbial poder ser substituído, como em *benfeitor* e *benfazejo*, além de se verificar a autonomia de *feitor* e do elemento adverbial (*mal*), que é recorrente em outras formações, esses compostos parecem estar lexicalizados. Ambas têm entrada no Aulete como sinônimas, designando quem “comete crimes; Malfazejo”.

Conforme é possível notar no Quadro 5, a derivação foi o tipo de processo de formação mais produtivo nos dados, seguido das formas compostas. Também foram registradas algumas formas que consideramos como simples designando o agente, como em (110), (111), (112) e (113). Conforme já mencionado, as formas constam entre as simples por não serem transparentes, destarte, não se pode aplicar a regra de formação.

(110) Capanga

(111) Jagunço

(112) Comparsa

(113) Bandido

O processo de derivação sufixal concorreu diretamente com o de composição na nomeação desse agente de atividade, em virtude de constarem listadas quase a mesma quantidade de formas compostas e de formas derivadas, embora a forma mais recorrente atestada tenha sido o agentivo em *-eiro*.

No quadro a seguir, tornamos evidente a estrutura das formas e quantificação das ocorrências, para corroborar com a proposta de construir a descrição do comportamento linguístico dos falantes baianos, por meio das análises dessa pesquisa.

Quadro 6 - Estrutura das ocorrências

FORMAÇÕES	ESTRUTURA	QTD
Pistoleiro	Derivada	45
Matador	Derivada	13
Assassino	Derivada	12
Criminoso	Derivada	8
Cangaceiro	Derivada	1
Capanga	FS	5

Bandido	FS	3
Jagunço	FS	2
Comparsa	FS	1
Matador de aluguel	N + prep. + N	12
Assassino de aluguel	N + prep. + N	3
Matador por encomenda	N + prep. + N	1
Matador de gente	N + prep. + N	1
Assassino particular	N + A	1
TOTAL		100

Fonte: Elaboração própria.

Como forma mais recorrente consta quantificado o nome denominal em (105), que possui em sua base o instrumento de trabalho utilizado pelo agente, passando a nomear metafórica/metonimicamente o agente de atividade, o que é prototípico para formação de agentivos com o sufixo *-eiro*.

(114) [[pistol-]_{RN}-eiro]_N

A formação (114) esteve presente de modo mais produtivo na fala de homens, tanto da faixa 1 quanto da faixa 2, o que nos conduz a levantar a hipótese de que o gênero pode ter impactado por questões extralinguísticas na formação e uso desse formativo em *-eiro*, nesta Questão, das 45 ocorrências apenas 12 ocorreram na fala de mulheres.

A segunda formação mais produtiva do *corpus* foi a derivada sufixal em *-dor*, com o processo também prototípico de formação com este afixo, que é “V-dor”, com leitura de “que V”, conforme seção 1.4.4, deste modo, registra em sua base a forma *matar*, que é a ação para qual o agente é contratado, como observamos em (115).

(115) [[[mat]_{RV-a-VT}]_{TV}-dor]_N

Outra formação recorrente nos dados desta QSL é o nome denominal em *-oso*, afixo que não havia sido listado como recorrente para formar agentes no Capítulo 1 deste trabalho. Rodrigues e Rio-Torto (2016) classificam esse sufixo como formador de adjetivos e não o registram como formador de agente, como empregado na formação *criminoso*, representada em (116). Para as autoras *-oso* forma adjetivos que expressam a leitura de “propriedade de N”, como em (117).

(116) [[crimin-]_N-oso]_N

(117) [[amor-]_N-oso]_{Adj}

(Adaptado de Rio-Torto; Rodrigues, 2016, p. 243)

Conforme afirma Basilio (2011), substantivo e adjetivo são classes flutuantes, no caso da forma em (116) registrada no *corpus* a leitura denotada não é de propriedade de N, tendo em conta que nomeia um agente, e, também, não expressa qualidade de N. Dessa forma, parece-nos estar ocorrendo, neste caso, um processo de conversão, nos termos do que propõe Basilio em que o adjetivo passou a nome, assim, pode ser lido como “que comete crime”.

A designação em (118) é uma forma derivada sufixal em *-eiro* com um nome em sua base *cangaço* seguindo o padrão formativo com o afixo, em termos semânticos segue o padrão metafórico das formações do *-eiro*, assim como nos exemplos extraídos de Simões Neto (2016).

(118) [[cangac-]_N-eiro]_N

Passando à descrição das formas compostas, observamos que ocorreram apenas as de composição sintática bem distribuídas em ambas as faixas etárias, totalizando 17 ocorrências, por conseguinte esse foi considerado como um processo produtivo.

(119) [N prep. N]: *Matador de aluguel, Matador por encomenda, Matador de gente, Assassino de aluguel.*

Em termos de estrutura morfológica os compostos sintáticos encontrados são de tipos semelhantes (119), tem como primeiro elemento da composição nomes derivados em *-dor*, cuja formação se dá a partir de temas verbais, semelhante ao que se verificou nas respostas ao QSL 61. É importante ressaltar, que nessas formações a interpretação de agente é dada pelo primeiro elemento que é especificado por um sintagma preposicional, portanto são de adjunção.

A estrutura recorrente dos nomes compostos é de “N prep. N” com as formas “matador + de X” e “X + de aluguel”. De modo que a semântica “que mata” está presente no interior do nome núcleo da formação, em todas as formas, seguidos do modificador que o subespecifica.

Os sintagmas preposicionais *de aluguel* e *por encomenda* parecem se situar no mesmo campo semântico “pagar por um serviço”, enquanto a quarta forma, *de gente*, se situa em

outro campo. São compostos aparentemente metafóricos, em virtude de denotar os indivíduos que são pagos “de aluguel” para tirar a vida de outras pessoas “assassino/matador”.

(120) [N A]: *Assassino particular*.

A formação em (120) também parece ser formada por meio da reanálise de uma expressão, sobre a qual pode incidir um processo metafórico. A acepção de profissional que tira a vida de pessoas “assassino” contratado por um indivíduo específico “particular”.

As ocorrências de formas compostas estão difundidas entre todas as faixas etárias, evidenciando a sua equilibrada distribuição geracional.

No que diz respeito à análise das respostas referentes à QSL140, é possível concluir que a derivação foi mais recorrente para denominar o agente, seguido do processo de composição, o que coaduna com a hipótese para esta questão. Além disso, muitas formas lexicalizadas foram registradas, o que não estava entre as hipóteses, inclusive uma sentença foi atestada para expressar sua agentividade.

Dentre algumas das formas derivadas e compostas obtidas na QSL há correlação semântica e talvez morfológica, em virtude de serem dotados de mesma estrutura, é o caso dos compostos “matador + de X” e “assassino + de X” e o núcleo da composição que coincide com as derivadas. As formas mais recorrentes de composição e derivação se encontram difundidas entre ambas as faixas etárias e nas diversas zonas da Bahia.

Por essa ser uma atividade ilegal, esperávamos que houvesse mais formas pejorativas, que não foram tão produtivas, exceto nas formas lexicalizadas, apenas 11 ocorrências das 102 no total, e no aspecto da “morte” expressa nos compostos.

É importante ressaltar, contudo, que em 14 pontos não foi obtida nenhuma resposta, uma possibilidade é que tenha sido exposto um tabu linguístico por parte dos falantes, em especial das mulheres da faixa 1, pois essas totalizaram 7 dos informantes que não expressaram resposta para o referente.

Isso pode dar indícios de que talvez outras formas pejorativas pudessem ser utilizadas para o agentivo, em virtude do monitoramento do discurso no contexto de entrevista. Nessa situação, os indivíduos, em especial os do sexo feminino dado o *status* social que a mulher ocupa, optaram por não exprimir outras formações. Como afirma Labov (2001), as mulheres tendem a selecionar as normas mais prestigiadas. Contudo, essa é uma hipótese que necessita de uma maior coleta de dados para análise do fenômeno.

4.4 Questão semântico lexical 142 – Prostituta

O objetivo de escolha desta questão foi analisar a diversidade dos processos formativos para o agente de atividade “prostituta”, tendo como hipótese que formas derivadas com os sufixos que prototipicamente formam agentivos pudessem figurar de maneira ampla entre as respostas dadas pelos falantes.

Esta questão foi selecionada em virtude de: (i) figurar entre as questões que remete a um agente de atividade no *corpus* do ALiB e (ii) ser um tipo de questão que está correlacionada a uma atividade marginalizada socialmente, o que poderia ensejar um número maior de aceções e processos de formação.

A questão obteve um total de 203 respostas distintas, muitas formas simples e lexicalizadas, não mais decomponíveis, além de sentenças e compostos, e por conta de ter gerado um volume tão grande de aceções foi necessário que estabelecêssemos um critério para sistematizar esses dados, sem perder de vista o objetivo do trabalho.

Assim, optamos por elencar no Quadro 7 as formas objeto de análise neste trabalho e no Quadro 8 as formações simples mais recorrentes, que foram consideradas aquelas que ocorreram a partir de três vezes, para desta forma analisar a questão de modo mais alinhado com a finalidade desta pesquisa.

A questão geradora dessas respostas está descrita a seguir:

142. “Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?”

Como resposta a essa questão obtivemos os resultados apresentados no quadro 7, a seguir:

Quadro 7 – Designações para prostituta

FS	Derivação	Composição		
		N + prep + N	N+ A	N + N
Rapariga Meretriz Putá Galinha vagabunda	Rabugenta Descarada Biscateira Bregueira	Mulher de rua Mulher da vida livre Mulher de vida fácil Mulher vira lata	Mulher comercial Mulher bandida Mulher leviana Mulher sozinha Mulher sacana Mulher malandra Mulher galinha Mulher volúvel Mulher safada Mulher vivida	Maria gasolina Mulher dama

Fonte: Elaboração própria.

Além das formações consideradas objetos morfológicos, verificamos ainda a ocorrência do uso de sentenças como resposta à questão 142-prostituta, conforme se pode observar em (121), a seguir.

(121) a. Mulher que se vende

b. Mulher que se prostitui

Como se pode observar a partir das informações registradas no Quadro 7, a hipótese de que o falante utilizasse mais recorrentemente processo de derivação sufixal, tendo em vista o número de sufixos que o português dispõe para formar agentivos, não se confirma. Foram encontradas apenas 2 ocorrências formadas a partir dos sufixos *-enta* e *-eira*.

O que se observa a partir dos dados é que a maior parte das designações é de formas compostas, que se estruturam de acordo com o exposto no Quadro 7, e que podem ser classificados em sua maioria como sintagmáticos, evidenciando alta produtividade do processo de composição nesta questão.

Outro tipo de processo formativo, que sequer estava elencado entre os mais produtivos para agentivos, foi o de derivação parassintética, com a forma em (122). No entanto, é necessário salientar que a leitura denotada pela forma não parece estar diretamente vinculada a um agente de atividade, em virtude de no modelo prototípico de formação de agentivos constar em sua base a ação ou atividade que exercem, o instrumento de trabalho do referente, ou algum outro aspecto característico da sua atividade, conforme evidencia Basilio (2004).

(122) Descarada

[[des-[cara]_N-ada]]_{Adj}

Já em (123) a semântica das formas envolvidas no composto está de acordo com os aspectos que Basilio propôs, em virtude de o adjetivo denotar uma característica da atividade do agente, *comercial*.

(123) Mulher comercial

[[[mulher]_N [comerci-]_{RN}-al]]_{Adj}_N

Em (123) parece-nos, ainda, que o falante tenha se apropriado de processos semânticos metonímicos e metafóricos para designar o agente de atividade em questão, de acordo com a característica do produto, tendo em conta que os afixos e palavras envolvidas na forma não apontam para o agente.

Essa forma parassintética tem a mesma acepção de *safada*, também atestada no *corpus*, que tem entrada no dicionário Aulete como “que não sente constrangimento por seus atos censuráveis” o que evidencia, neste aspecto, que pode ser uma forma que mantém semanticamente algum vínculo com o agente profissional, e neste caso a atividade tem relação com o fato de se executar atos censuráveis.

Contudo, no nome *cara* em (122) não há informação semântica que denote a paráfrase interpretável deste parassintético “sem X” de acordo com Sandmann (1988) em que X é a base, evidenciando assim que pode ter sido realizado um processo metonímico nesta formação, tendo em vista as características de sentido da base.

Sandmann atesta ainda que nesse tipo de formação derivacional, com a forma “des...ada”, o sistema permite que ocorram outras derivações, e cita que é possível formar “descadeirar e depois o adjetivo descadeirado, mas o uso ou a norma mostram que a forma parassintética é privilegiada” (Sandmann, 1992, p. 46), no entanto, não parece ser possível a formação do verbo com essa forma do *corpus*. De todo modo, a forma em (122) pode ser analisada em termos de um parassintético denominal. Podemos corroborar que é um tipo de processo não prototípico para a formação de agentivos.

Das 203 respostas obtidas, as formas mais produzidas pelos falantes foram; (i) *prostituta* - 46 (quarenta e seis) ocorrências, (ii) *rapariga* - 28 (vinte e oito) ocorrências, (iii) *puta* - 16 (dezesesseis) ocorrências e (iv) *vagabunda* - 10 (dez) ocorrências. A seguir, no Quadro 2, apresentamos a estrutura das formas mais recorrentes, elencamos:

Quadro 8 - Estrutura das formas recorrentes

FORMAÇÕES RECORRENTES	ESTRUTURA	QTD
Prostituta	FS	69
Rapariga	FS	27
Vagabunda	FS	11
Vadia	FS	3
Puta	FS	18
Meretriz	FS	5
Mulher que se	Sentença	3

vende		
Mulher da vida	N+prep+(det)+N	4
X-de Programa	N + prep + N	7
Mulher-A	N + A	15
Mulher de NA	N + prep. + NA	4
TOTAL		16
		6

Fonte: Elaboração própria.

O maior número de ocorrências (prostituta, 46) se deu através de uma forma simples. Embora se possa verificar que na formação “prostituta” seu radical seja comum à forma verbal *prostitu-*, sincronicamente, não é possível apontar um sufixo produtivo em sua constituição, portanto, não consideramos sufixação.

Quanto ao tipo de processo de formação encontrado para o agentivo *prostituta* foram mais produtivas quatro formas simples, *Prostituta*, *Rapariga*, *Vagabunda* e *Putá*, que foram consideradas neste trabalho como lexicalizadas no PB.

Houve ainda em um ponto a formação de uma designação que chamou a atenção, *alça de caixa*, que parece por um processo metafórico denotar a leitura de “pessoa que conduz outra para a morte”, esta, contudo, não consta dicionarizada e não parece ser prototípica para denominar agentes de atividade.

Tendo em vista as possibilidades de formação por derivação, verificam-se 04 formações, sendo 3 por sufixação e uma parassíntese, como em (124), (125) e (126) todas na faixa 2, deste modo dos falantes mais velhos, em que se verificam sufixos produtivos na formação de agentivos. Assumindo o que pontua Basilio (2011) acerca do sufixo *-ento*, que é atestado no *corpus*, forma nomes e adjetivos com noção pejorativa, que se adjunge a bases substantivas, assume-se aqui que é possível estarmos diante de uma forma com sufixo *-ento* flexionado no gênero feminino.

(124) Rabugenta

[[rabug]_{RN-ent(a_{MFG})}]_N

(125) Biscateira

[[biscat-]_{RN-eir(a_{MFG})}]_N

(126) Bregueira

[[biscat-]_{RN-eir(a_{MFG})}]_N

Na forma em (124), a estrutura parece se formar a partir de uma forma base *rabugem*, e de acordo com o Dicionário Aulete tem acepção de “espécie de sarna que ataca cães e porcos; rabugeira”, que dá origem a formas como *rabugeira* e *rabugice*, assim sendo se correlaciona com as formações listadas em que ocorre uma mudança semântica a partir de um processo que parece ser metafórico.

Ocorre uma única vez a forma em (124), e é atestada e analisada em seu trabalho por Rio-Torto (2006) como um adjetivo denominal, assim como a autora exemplifica em (115), em que parece-nos figurar um nome denominal.

(127) Birrento

[[birr-]_{N-ent(OMFG)}]_A

(Rio-Torto, 2006, p.3)

A forma apresentada em (125), por sua vez, está dentro das formas que por hipótese desta pesquisa constariam como mais produtivas no *corpus*, tendo em vista que se trata de uma forma em *-eir-*. Pois de acordo com Simões Neto e Soledade (2013), as formações de agentivos com este sufixo são prototípicas, sendo este um sufixo formador de nomes denominais em sua maioria. No caso de (125) na base consta a forma *biscat-*, que, por sua vez, é um tipo de trabalho sem muita formalidade e com pouco prestígio social. Há entrada no dicionário Aulete da forma *biscate* como *prostituta*, o que seria redundante em termos semânticos, porém pode ter havido analogia com outros agentes em *-eir-* que é prototípico para formação de agentivos.

Já no caso da forma em (126) o sufixo *-eir-* se concatena a um nome que em sua base registra a referência ao local de trabalho do agente *breg-*, portanto, tendo correlação com a atividade desempenhada pelo agentivo, num modelo prototípico para o agentivo.

Ao contrário do que se observa na maior parte dos agentivos a derivação sufixal não foi um processo muito presente nos dados para este referente, sendo atestadas apenas três ocorrências deste tipo de formação, na forma *rabugenta*, e *bregueira* acima representada. E na *biscateira* em (125), na qual o padrão *X-eiro* se formou de modo que se pode realizar a análise da estrutura, com a leitura de “aquele que X”. Todavia, nesse agentivo a base X tem a semântica de “trabalho de pouca importância”, feito sem vínculo empregatício, deslocando-se em mais um caso do protótipo, em que em geral a partir da base deste tipo de padrão formativo se estabelecem relações metafóricas ou metonímicas com seu instrumento de trabalho, e não com uma característica do trabalho.

Verificam-se também somente ocorrências do processo de composição sintática, de adjunção e de reanálise, muitas não dicionarizadas.

- (128) Compostos sintáticos; se observa nesta QSL as formas com [N V N] [N N] [N A]: *garota de programa, garota da vida, mulher de rua, mulher de programa, mulher da vida, mulher comercial, mulher dama, mulher bandida, mulher leviana, mulher sozinha, mulher sacana, mulher malandra, mulher galinha, mulher volúvel, mulher da vida livre, mulher de vida fácil, mulher safada, mulher vivida.*

Os sintáticos quanto à sua estruturação interna em sua maioria são compostos pela formação: “pessoa do sexo feminino + preposição + nome”, sendo que a palavra *vida* é recorrente em mais de uma formação, que pode ser lida como uma “vida de desprendimentos”. Esta referência está presente em 05 das formas, isto evidencia que a semântica deste agentivo parece denotar certo “desapego” destas profissionais com relação à própria vida, de modo que não seguindo algumas das normas morais, estas não possuem uma profissão formal, e, portanto, sobrevivem da exploração de homens.

Outra forma recorrente foi a “pessoa do sexo feminino + de programa”, uma composição que parece ensejar a leitura de que a prestação de serviço dessas profissionais é algo relativo a um “lazer previamente planejado” de acordo com definição para “programa” no Dicionário Aulete. Sendo assim, essas mulheres ou garotas são buscadas para este fim, e, visto que, por esse lazer estar associado à prática sexual, especialmente da mulher, não é prestigioso socialmente.

Afinal, na nossa sociedade “O homem é definido como ser humano e a mulher como fêmea: todas as vezes que ela se conduz como ser humano, afirma-se que ela imita o macho” (BEAUVOIR, 1960 p.71) e essa “imitação” é o que a coloca numa posição de rechaçamento social.

Há ainda as formas que são compostas por “mulher + forma do particípio passado”, particípio que é citado como um problema na própria definição de palavra, evidenciado por Villalva e Correia, considera-se aqui, que esta segunda palavra neste modelo de composição que apesar de deter uma herança verbal da forma que a origina, são na verdade formas adjetivas. Essas não foram muito produtivas, ocorrendo em apenas duas formações *mulher safada* e *mulher vivida*.

Ainda restam muitos problemas na conceituação de palavra; dentre eles, a questão das palavras compostas, a classificação das formas que expressam grau, a colocação

do Particípio Passado como parte da conjugação verbal ou como um adjetivo derivado do verbo (Villalva; Correia, 1999, p. 8).

Esse é o modelo de composição mais produtivo dos dados, ocorrendo em 10 formações, em que na sua totalidade o padrão encontrado é o de “mulher + adjetivo”, que se originam de diferentes domínios, desde um domínio prototípico dos animais desprestigiados, como as formas *galinha* e *vira-lata*, até domínios que envolvem o trabalho, como *comercial*, e ainda formas adjetivas que são pejorativamente atribuídas a pessoas que exercem atividades desonestas, como *sacana*, *volúvel*, *bandida* e *malandra*.

Desta feita, as formas em (128), compostas com *mulher* e *garota*, são subespecificadas por meio de adjetivos ou por sintagmas preposicionais, ocorrem em ambas as faixas etárias, sendo, por isso, bastante produtivo.

(129) Compostos de reanálise: *mulher vira lata* e *Maria gasolina*.

Dentre os considerados reanalíticos, atestam-se formas de dois tipos, um com uma forma composta no interior dela, outra com um nome próprio e um nome.

Uma ocorrência em que há outra forma composta no interior da formação *mulher vira-lata*, de modo que esta segunda forma está lexicalizada como um modo de especificar os animais que não tem raça definida, por um processo metafórico presente na agentividade, que de acordo com Villalva e Correia (1999) parte do concreto para o abstrato, posto que estes animais em sua maioria vivem nas ruas e acabam se alimentando revirando latas de lixo, de modo que por um processo metonímico associam estas mulheres a esse animal de baixo prestígio social.

Apenas uma forma de composição é atestada no *corpus* com o padrão formativo “Maria + nome”, este não foi um padrão muito produtivo para este referente, no entanto, formações deste tipo são muito comuns em diversos compostos relativos às mulheres que se relacionam com homens que exercem algumas profissões majoritariamente masculinas, como as formas “Maria chuteira” e “Maria coturno”, muito difundidas na atualidade.

A leitura deste tipo de composição com Maria-X, pode se dar por relação metonímica, sendo que *Maria* representa mulher e a segunda forma algum aspecto do instrumento de trabalho do indivíduo que esta pretende “explorar”, Gonçalves (2016, p.31) evidencia que neste composto “o produto nomeia uma mulher com interesse em alguém evocado pela base a direita, sempre um substantivo”. No dado atestado neste trabalho, parece ser o fato do indivíduo possuir um veículo.

Os compostos morfológicos não foram atestados nesta questão.

Podemos concluir que nesta QSL o agentivo em questão exibe uma gama de formações em que os termos “mulher” e “garota” ganham acepção pejorativa a partir da combinação com as outras formas de subespecificação da composição, de modo que a negatividade em torno da sexualidade feminina ressalta este caráter desprivilegiado.

A pejoratividade é definida por Frota como uma marca “linguística, característica de expressões que designam algo negativamente valorizado por um grupo social, falante de determinada língua.” (FROTA, 1985, p. 6), deste modo, podemos concluir que uma boa parte das acepções expressas pelos falantes para este referente é de ordem pejorativa, o que é justificado por conta do baixo valor social dado a esta atividade profissional.

A autora Villalva (2020) comenta acerca marca da pejoratividade presente nas palavras de gênero feminino, ela aduz que:

A maioria dos nomes que se referem a garotas e mulheres possuem uma estável (até crescente, em alguns casos) conotação pejorativa relacionada com a atividade sexual, o que nunca ocorre com os nomes que se referem a meninos ou homens. O link entre a conotação pejorativa dessas palavras (por exemplo, menina, moça, manceba, donzela e até dama) e a conotação irônica de alguns nomes femininos obtidos através de um contraste temático (por exemplo, sargenta) pode ser tênue, mas é revelador em termos do estatus dos nomes femininos que são bem aceitos de acordo com a gramática (Villalva, 2020, p. 21, tradução nossa).

Alguns falantes, como o 100.3, que é um homem da faixa 2, deste modo, do grupo dos informantes mais velhos, ressaltam a pejoratividade das demais formas: “chama de tanta coisa né mais o mais certo é esse, prostituta”, ao passo que à forma *prostituta* é atribuído um caráter mais “profissional”, sendo essa uma forma nova na língua, que conforme é possível notar está bastante difundida no território baiano, porém, a partir das variações na fonética e na morfologia exibidas no quadro 1, nos anexos, é possível notar que parece não estar plenamente institucionalizada, especialmente na faixa 2.

4.5 Questão semântico lexical 151 – Rezadeira

Nesta questão objetivamos analisar os diversos processos de formação de palavras para o agente de atividade “rezadeira”, de modo que a hipótese inicial era de que os processos de derivação com os sufixos que em geral formam agentivos, já listados na seção 1.4, seriam pouco produtivos, bem como o processo de composição, estando difundida apenas uma forma derivada e, portanto, teria poucas acepções.

Esta questão foi selecionada em virtude de (i) constar entre as questões que se remete a um agente de atividade no *corpus* do Atlas trabalhado nesta pesquisa e (ii) ser uma questão que diz respeito a um agente que pelas mudanças sociais parece estar desaparecendo.

A questão que gerou as acepções apresentadas neste subtópico foi a seguinte:

151. “Como se chama a mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?” As acepções analisadas estão listadas abaixo no quadro 3:

Como forma mais recorrente consta a forma nome da questão, a derivada sufixal *rezadeira*, de modo que esteve presente em 71 ocorrências nos pontos da Bahia. Como segunda forma mais recorrente tem-se *benzedeira*, com 26 ocorrências. Ocorreram ainda: (em 5 pontos) a forma *curadeira* que também variava com a forma *curandeira* (em 2 pontos). E, em um ponto cada, as formas *beata* e *cabocla*, além de algumas formas compostas, descritas no Quadro 9, a seguir.

As formações objeto de análise nesta pesquisa foram elencadas a seguir no Quadro 9, com vistas a sintetizar como se estruturam em seus aspectos morfológicos e sintáticos, em seguida realizamos as descrições dessas formas.

Quadro 9: Designações para rezadeira

FS	Derivação	Composição	
		N + prep + N	N + A
Beata Cabocla	Rezadeira Rezadora Curandeira Curadora Benzedeira Benzedora	Mãe de santo	Mulher rezadeira

Fonte: Elaboração própria.

A forma mais difundida em todo território da Bahia é *rezadeira*, contando com ocorrências em todas as regiões do estado, distribuídas em ambas as faixas etárias e sexos.

Chama a atenção o fato de que ainda que se faça referência na questão a uma pessoa do sexo feminino “mulher que tira o mau-olhado”, uma forma masculina ocorreu, a derivada *rezador*, em (130).

(130) Rezador

[[[rez-]_{RV-a-VT}]_{TV-dor}]_N

Em recorrentes pontos foram também encontradas a formação *benzedeira* em (131), com leitura de “aquele que V”, em que V é a base verbal, de modo que é “aquela que benze”, conforme se vê:

(131) Benzedeira
[[benz-]_{RV-e-VT}]_{TV-deira}]_N

Este é um sufixo que, de acordo com Simões Neto e Soledade (2014), surge na língua a partir da adjunção do *-eir-* a uma forma do particípio dos verbos. No presente, parece se adjungir a um tema verbal, não a uma forma participial, em virtude principalmente de se encontrar a vogal temática *-e-* na formação, o que poderia evidenciar um processo de mudança.

Outro aspecto que pode ser levantado acerca da autonomia, do que se supõe ser um sufixo *-deira*, já discutida na seção 1.4, é que o sufixo *-eiro*, do qual se supõe originar o *-deira*, se liga em seu modo mais prototípico a formas substantivas e não a verbos. O *-deira* nesta questão se comporta do mesmo modo que o *-dor*, formando entre outras acepções a de agentes, se adjungindo a bases verbais, que conservam a vogal temática do verbo que se encontra na base e se ligam a verbos de ação.

A palavra em (132) foi também recorrente no *corpus*, em ambas as faixas etárias. Se forma a partir da mesma estrutura formativa com o sufixo *-deira*, adjungido a uma base que parece ser verbal e que conserva o que supomos ser a vogal temática, também com a mesma leitura, “aquela que cura”, assim, apontando para um padrão formativo com este sufixo.

(132) Curadeira
[[[cur-]_{RV-a-VT}]_{TV-deira}]_N

Além das formações consideradas como objeto de análise nesta pesquisa, apresentamos a seguir, no Quadro 10, todas as designações encontradas para este agentivo:

Quadro 10- Estrutura das formas para o agente

FORMAÇÕES	ESTRUTURA	QTD
Rezadeira	Derivada	71
Rezadora	Derivada	1
Curadeira	Derivada	5
Curandeira	Derivada	2

Curadora	Derivada	1
Benedeira	Derivada	26
Benedora	Derivada	1
Candoblezera	Derivada	1
Beata	FS	1
Cabocla	FS	1
Mãe de santo	N + prep.+ N	2
Mulher rezadeira	N + A	1
TOTAL		113

Fonte: Elaboração própria.

As formas *beata* e *cabocla* inicialmente não pareciam ser prototípicas formadoras para o agentivo em questão de acordo com o observado nas demais formações desta QSL, essas são formas simples e se encontram dicionarizadas, de acordo com o Aulete, a entrada *beata* designa “Mulher que se entrega quase exclusivamente à oração e a outras práticas religiosas”.

Já *cabocla* tem denominações diversas, em sua forma masculina designa “Pessoa do campo, de modos simples e rústicos”, “Designação dada a descendentes de índios, por vezes miscigenados”, “Nome genérico dos espíritos de ancestrais indígenas brasileiros, nas religiões ou seitas afro-brasileiras”, na sua forma feminina nomeia a “Erva da família das compostas, de flores ornamentais.”. Assim, contrariamente ao que acreditávamos, tem correlações com a atividade que desempenham, que é a prática religiosa, o instrumento que utilizam e o fato de os indígenas utilizarem ervas e plantas para tratar e curar pessoas, atuando, deste modo, processos metafóricos e metonímicos.

Nesta questão, conforme se pode depreender no quadro 10, foram produtivas majoritariamente formas derivadas sufixais, essencialmente formas em *-deira* e *-dor* que foram produtivas nas duas faixas etárias, já as em *-eiro(a)* contou com apenas 2 ocorrências, uma em cada faixa. Foram pouco produtivas as formas compostas para esta questão.

De acordo com o que apontam Villalva e Correia (1999), conforme seção 1.4.4, há indícios de uma concorrência entre os morfemas *-deira* e *-dora* no que tange a formação de palavras femininas em oposição ao *-dor* em nomes de objetos, sendo que no caso dos agentivos desta Questão parece se demonstrar que de fato essa correlação entre os sufixos pode ser estabelecida, como se verifica nos dados acima.

As formas base parecem se situar no mesmo domínio, tendo em conta que as foram quase unânimes entre formas com *reza-* com 68 ocorrências, *benze(a)-* com 27 ocorrências, *cura-* com oito ocorrências, em ambas as faixas etárias, podendo assim agrupá-las em termos de

seus aspectos semânticos e também sintáticos, em virtude de serem temas verbais, conforme observamos em (130), (131) e (132), anteriormente, e em (133), (134) e (135) a seguir.

(133) Rezadeira

[[rez-]_{RV-a-VT}]_{TV-deira}_N

(134) Curandeira

[[cur-]_{RV-a-VT}]-nd-]_{GER}]-eir(a)_{MFG}_N

(135) Curadeira

[[cura-]_{RV-a-VT}]_{TV-deira}_N

As formas *curadeira* e *curandeira* parecem ser dotadas das mesmas características morfológicas, derivadas, e com traços de mesmo tipo, verbais, e semânticas por designarem o mesmo agente.

Diante dessas semelhanças, cabe destacar que podem ter se originado a partir da mesma formação, em que por aspectos fonológicos, a supressão ou inserção de um fone nasalizador (n), surge a forma variável, hipótese que só é analisável diacronicamente.

Porém, é possível, também, levantar a hipótese de que possam ser formas que passaram por processos derivacionais com sufixos distintos, mas que possuam em sua estrutura o mesmo radical verbal *cura-*. De acordo com esta proposta, a forma (134) com o sufixo – *eir(a)*, conforme a segmentação, se concatenaria a uma base do gerúndio do verbo *curar*, que não é prototípico dos agentivos em *-eiro*. Enquanto a forma em *-deira* em (135) se ligaria diretamente ao tema verbal.

Uma ocorrência de *curadora* (136) foi atestada no *corpus*, sendo essa a única forma flexionada em gênero do *-dor* na Questão, por isso sinalizamos, assim como no exemplo em (123) o *-a* entre parêntesis.

(136) Curadora

[[[cura-]_{RV-a-VT}]_{TV-dor(a)}_{MFG}]_N

Interessante ressaltar ainda que as formas *curadeira* e *curadora* ocorreram em um mesmo ponto, denotando que estão concorrendo os sufixos *-deira* e *-dor(a)*. Nos termos do que afirma Tarallo.

Deste modo, pelas poucas ocorrências em *-dor* nesta QSL, na forma feminina, considerando a fala dos mais jovens, faixa 1, em comparação com a forma em *-deira* este sufixo parece estar desaparecendo das formações para este referente.

Por fim, registramos a ocorrência de uma formação em *-eira*, como em (137), em que é exigida a presença de uma consoante de ligação, tendo em vista a palavra base ser atemática.

(137) Candomblezeira

[[candomble-]_N(-z-)-eir(a)]_N

Na formação em (137), o sufixo *-eira* é requerido, porém a palavra base é oxítônica, *candomblé*, o que na escrita é representado pela acentuação na última vogal da palavra. Dessa forma, é necessário a introdução da consoante de ligação (-Z-) para respeitar o padrão silábico da língua em CVC, consoante-vogal-consoante. Essa exigência fonético-fonológica também pode ser observada em outras formações sufixais cuja base seja atemática, como em *café – cafezal* e na formação de Z-avaliativos, como em *café - cafezinho*.

A despeito dos compostos, apenas duas formas compostas sintáticas foram atestadas para esta questão (138) e (139) uma em cada faixa etária. Em (138) parece-nos que a acepção tenha surgido neste contexto por uma associação aos ritos de religiões de matriz africana, é interessante apontar que essa acepção foi expressa por dois informantes, 94.1 e 87.3. O informante 87.3, aponta, ainda, a forma *candomblezeira* para o mesmo referente, que tratamos anteriormente, que parece estar também relacionada com as religiões de matriz africana.

(138) Mãe de santo

[[Mãe]_N de [santo]_N]_N

(139) Mulher rezadeira

[[mulher]_N [[[rez-]_{RV-a-VT}]TV-deira]_{Adj}]_N

No composto em (138) há a formação de um nome a partir da composição de N com um SP (sintagma preposicionado), *de santo*. Neste caso, parece ser essa designação resultante de um processo metafórico, tendo em conta que se refere à “mulher responsável pelo culto dos orixás, que se dirige à divindade, recebendo as instruções que transmite aos crentes”, de acordo com o Houaiss e não necessariamente a um tipo de pessoa que tira o mau olhado com ervas. Dessa forma, os santos são metaforicamente as ferramentas de trabalho do agente.

Já em (139), a estrutura da composição é [N A], em que o segundo elemento da composição modifica o primeiro. Verifica-se nessa formação, que o segundo elemento é resultado de uma derivação sufixal, cujo sentido parece ser interno às formas que o compõem, a mulher que pratica o ato de rezar os outros.

Resumindo, sobre a QSL 151, evidenciou-se que a derivação é o processo preferido pelos falantes para o referente em questão, constando apenas duas formas compostas produzidas em dois pontos a forma *mãe de santo*, que também parece estar de certo modo ligada aos aspectos semânticos prototípicos deste agentivo, e em um único ponto *mulher rezadeira*.

4.6 Questão semântico lexical 152 – Curandeira

A QSL 152, intitulada *curandeira* pela metodologia do ALiB, foi selecionada em virtude da possibilidade de apresentar mudanças linguísticas, que refletem as transformações sociais sofridas no período pós urbanização, que fez com que houvesse um maior acesso das pessoas aos serviços de saúde especializados, com o maior acesso da população à educação formal. Outro fator motivador foram as inerentes semelhanças na atividade executada do agente da QSL 151 com o da 152, em virtude de se referir respectivamente a “tirar mau-olhado com rezas, geralmente com galho de plantas” e “tratar doenças com ervas e plantas”.

A questão gerou 85 ocorrências, tanto formas derivadas quanto compostas foram atestadas. A questão geradora dessas formações foi:

152 - Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

Nesta questão levantamos a hipótese de que as formas derivadas seriam mais produtivas que as formas compostas. Previmos também que, em virtude de a atividade desse agente estar em vias de desaparecimento em decorrência das mudanças sociais, poucas formas seriam obtidas como produto desta questão.

Durante a coleta das respostas verificamos que algumas designações derivadas foram apresentadas ora na forma masculina ora na feminina. No Quadro 11 apresentamos as designações para o agente em foco, distribuindo as formações considerando o tipo e sua produtividade. O registro da quantidade das formações pode ser visto no Quadro 12.

Quadro 11 – Designações para Curandeira

Derivação	Composição		
	N + prep + N	N +N	RN + N

Benedeira Raizeiro(a) Rezadeira Curandeiro(a) Curadeira Curador Mezinheira Feiticeira Macumbeiro(a) Candomblezeiro Garrafeiro Naturalista	Maria das ervas	Doutor raiz	Fitoterapeuta
--	-----------------	-------------	---------------

Fonte: Elaboração própria.

Como formação mais recorrente foi atestada a formação *curador* em 18 pontos.

Poucas formas compostas ocorreram para este referente, apenas 3, portanto a derivação foi o processo mais produtivo dentre os demais.

A maior parte das designações ocorreram com o sufixo *-eiro*, distribuído em ambas as faixas etárias em 6 dos 15 tipos distintos de denominação deste agente está presente o sufixo que tem se mostrado, neste trabalho, mais prototípico para a formação de agentivos, principalmente em se tratando de agentes profissionais, o que condiz com o que propõe Simões Neto (2016), quanto à abrangência semântica desse afixo.

Podemos notar que uma boa parte das designações coincide com ambas as QSL, 151- Rezadeira e 152 – Curandeira: *benedeira*, *curadeira* e *candomblezeira*. Isso pode se dar pelo fato das duas atividades profissionais guardarem semelhanças entre suas características de atuação.

Quadro 12- Estrutura das ocorrências do agente

FORMAÇÕES	ESTRUTURA	QTD
Curador	Derivação	18
Curadeira	Derivação	16
Curandeira	Derivação	6
Curandeiro	Derivação	4
Raizeiro(o)	Derivação	15
Rezadeira	Derivação	11
Benedeira	Derivação	6
Mezinheira	Derivação	1

Feiticeira	Derivação	1
Macumbeiro	Derivação	3
Macumbeira	Derivação	1
Candomblezeiro	Derivação	1
Garrafeiro	Derivação	2
Naturalista	Derivação	1
Maria das ervas	N + prep.+ N	1
Doutor raiz	N + N	1
Fitoterapeuta	RN + N	1
TOTAL		89

Fonte: Elaboração própria.

A forma que se mostrou mais recorrente nos dados foi a designação em (140), que é um nome na forma masculina, *curador*, que foi mais recorrente na faixa 1, constando em apenas 7 ocorrências na faixa 2. Possui em sua base o verbo *curar*, que está presente também em outras designações, e que parece, assim como demonstrado na QSL 151, ser a forma concorrente de *curandeiro*, (127). Ambas as formações tem a mesma base e passam pelo mesmo processo morfológico (derivação sufixal), no entanto, se tratam de sufixos distintos, enquanto no primeiro caso propomos que se trata do sufixo *-dor*, neste segundo parece-nos que o sufixo *-eiro* se ligou a uma base herdada do gerúndio do mesmo verbo.

Destarte, o comportamento do sufixo *-eiro* neste referente não é o prototípico para formação de nomes, não estando ligado a outro nome, adjungindo-se na verdade a uma forma gerundial, considerando o que expusemos na QSL 151. Foi registrada nos dados também a flexão de gênero nessa formação, como registrado no exemplo em (141).

(140) Curador

[[[cur-]_{RV-a-VT}]_{TV}-dor]_N

(141) Curandeiro/a

[[[[cur-]_{RV-a-VT}]-nd-]_{GER}]-eiro/a]_N

Outra designação recorrente é a forma em (142) que parece ser formada a partir da mesma base das duas formas tratadas anteriormente, a qual se concatena ao sufixo *-deira*, ocorrendo nas faixas 1 e 2, de modo que se opõe às formas em *-dor* em dois pontos, o 84 e o 86, nos quais os informantes dos pontos apontam as duas formas *curador* e *curadeira* como modos de designar o agente, atestando assim a concorrência entre ambas.

(142) Curadeira

[[[cur-]_{RV-a-VT}]_{TV}-deira]_N

A leitura das formas em (140) (141) e (142) é a de “que V”, sendo o V o mesmo verbo para todas as formas, *curar*, o que evidencia um processo de concorrência também nesta QSL entre os sufixos *-dor*, *-eiro(a)* e *-deira*.

A forma derivada sufixal *raizeiro*, em (143) possui em sua base seu instrumento de trabalho, as raízes, sendo assim um nome que se concatena ao afixo, e que, por um processo metafórico passa a nomear o agente que se utiliza delas, um tipo de padrão formativo prototípico do sufixo *-eiro*.

(143) Raizeiro

[[raiz-]_N -eiro]_N

A forma *rezadeira*, é uma resposta para as duas QSL, 151 e 152, porém ocorre mais vezes na 151. Também se observa equivalência semântica na QSL 151, a forma derivada *benzedeira*, analisada em (145) em se verifica a concatenação do sufixo *-deira* a uma base verbal, como também em (144).

(144) [[[[rez-]_{RV-a-VT}]_{TV}-deira]_N]_N

(145) [[[[benz-]_{RV-e-VT}]_{TV}-deira]_N]_N

A forma em (146) é originada pelo processo de derivação sufixal, em que se concatena o sufixo *-eiro* e uma base complexa, *mezinh-*, em que o z avaliativo passa por um processo de lexicalização, e designa em termos do que informa o dicionário Aulete para *mesinha*, “Remédio caseiro”.

Corroborando com o que nos aduz o dicionário, a forma em (146) de acordo com o falante H3 do ponto 82 é a “pessoa que faz remédio de meizinha”, sendo assim é uma forma metafórica em que o instrumento de trabalho designa o profissional a partir da concatenação do sufixo. Essa forma apareceu somente em um ponto na fala de um homem da faixa 2, indicando que pode ser mais antiga na língua e esteja em vias de desaparecimento.

(146) Mezinheira

[[mezinh-]_N -eir(a)_{MFG}]_N

No caso da designação em (147) é possível afirmar que designa mais de um agente de atividade, tendo em conta que pode denotar também as pessoas que fazem rituais distintos dos que a QSL 152 indica. Essa formação derivada em *-eiro* carrega certa pejoratividade, considerando que sua base *feitiço* é dicionarizada no Aulete como “Prática de magia com intenção de prejudicar outrem, ou que supostamente recorre a forças ou entidades maléficas”. Assim sendo, seria contraditório afirmar que o referente da QSL 152 atua no sentido de prejudicar o indivíduo.

A forma (147) está de acordo com o padrão das formações de agentes profissionais em *-eiro* propostos, pois por um processo metafórico a prática de *feitiços*, denotada em sua base, passa a denominar o agente pela adjunção do sufixo, sendo metaforicamente a ferramenta do agentivo.

(147) Feiticeira

[[feitiç-]_{RN} -eir(a)_{MFG}]_N

Na direção da forma em (147) é possível analisar que a designação em (148) pode resguardar a marca da pejoratividade, em virtude de a *macumba* ser também um tipo de prática ligada a religiões de matriz africana e, por isso, associada à atividade desenvolvida pelo referente da questão está uma prática dessas religiões.

(148) Macumbeiro

[[macumb-]_{RN} -eiro]_N

Em termos estruturais é composta por uma base nominal a qual se concatena o sufixo *-eiro*, como na maior parte das formas derivadas dessa questão, e sua constituição parece ser metafórica, na medida em que associa uma prática religiosa ao nome do agente da questão, está registrado no *corpus* também a forma flexionada no feminino em um único ponto, contra 3 ocorrências da forma masculina.

O designativo em (149) é mais um dos que ocorreram na QSL 151, e mais uma vez possui caráter metafórico em que se associa o culto ao candomblé à atividade prática do referente, em que por aspectos intrassistêmicos o (z) é inserido como consoante de ligação do sufixo *-eiro* à base *candomblé*, guarda também o caráter pejorativo, em virtude possivelmente do racismo religioso.

(149) Candomblezeiro

[[candomble-]N(-z-)-eiro]N

Vale salientar que as práticas oriundas das religiões de matriz africana eram tipificadas no Código Penal de 1980 como criminosas, o que pode tornar ainda mais saliente a pejoratividade da forma, conforme o CP:

CAPITULO III: DOS CRIMES CONTRA A SAUDE PUBLICA. [...]

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica: § 1º Si por influencia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporária ou permanente, das faculdades psychicas... Art. 158. Ministrarr, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o officio do denominado curandeiro (Brasil, 1980).

Embora o crime já não exista mais, desde 1988, estão, ainda, presentes marcas de pejoratividade na fala dos participantes da faixa 1, nas formas que denominam elementos da cultura religiosa afrobrasileira.

Desta feita, é importante tornar evidente que o aspecto da pejoratividade que ora apontamos em algumas das formas de designação do agente em questão, da mesma forma que na QSL 151, está diretamente vinculada ao racismo religioso, impresso nas formações pelas bases dos formativos, e como a língua é parte da expressão identitária e dos sistemas de crenças de um povo algumas das designações também carregam essa marca.

No caso da formação em (150) o sufixo *-eiro* mais uma vez se concatena a uma base nominal formando um nome a partir de um processo aparentemente metafórico, tendo em conta que a base *garrafa* se refere ao recipiente onde os que atuam na cura das enfermidades guardam os chás e medicamentos utilizados no tratamento, ao passo que a *garrafada*, atestada por um dos informantes como sendo o produto do trabalho do agente, é dicionarizada no Aulete como “preparado com ervas”, mantendo, assim, correlação semântica com a base desse derivado que apareceu no *corpus* flexionado em número.

(150) Garrafeira

[[garraf-]N -eiro]N

Uma única forma com o sufixo *-ista* foi atestada nos dados desta QSL, em (151), a base nominal nos remete ao local de onde se extraem os materiais que utilizam para fabricação de seus medicamentos e preparações para tratar os enfermos, a *natureza*, a formação é prototípica de agentes deste sufixo e parece ter um caráter não pejorativo.

(151) Naturalista

[[natural-]_N -ista]_N

Nesta QSL obtivemos a ocorrência de 3 formas compostas, uma de cada tipo, classificadas em morfológica (152), sintática de adjunção(153) e de reanálise (154).

Morfológica: [RN + N] *fitoterapeuta*.

(152) Fitoterapeuta

[[[fito-]_{RN} terapeuta]_N]_N

A palavra em (152) é composta por um radical clássico nominal, portanto uma forma presa, ao qual se liga um nome complexo denominal, que por sua vez denota um sentido interno às formas base, pois designa por um processo metafórico a terapia por meio de plantas medicinais que realiza. Essa forma foi obtida de um falante escolarizado da faixa 2, essa parece ser dotada de maior prestígio e talvez mais antiga na língua, em virtude de os falantes mais escolarizados tenderem a serem linguisticamente mais conservadores. E é o único composto morfológico atestado em todo o *corpus*.

Como compostos sintáticos de adjunção temos: *Maria das ervas* e *Doutor raiz*.

(153) Maria das ervas

[[Maria]_N de(-a-_{Det})-S_{DNP} [erva(-s)_{DNP}]_N]_N

A forma em (153) é constituída por dois nomes ligados por preposição, parece se originar a partir de um processo metonímico e metafórico, em que toda mulher é classificada como “Maria” nome feminino bastante comum no Brasil ligado à forma “das ervas”, que é a ferramenta de trabalho do agente, por isso prototípico para formar um agente.

No caso da composição em (154) dois nomes justapostos estão concatenados formando um nome, pode ser formado a partir de um processo metafórico, em que um agentivo se concatena a um nome que é uma forma livre, ela denota o instrumento de trabalho do agente, essa forma o modifica subespecificando-o.

(154) Doutor raiz

[[doutor]_N[raiz]_N]_N

Outro ponto que merece destaque é o fato de que apesar de na questão ser perguntado aos informantes “pessoa que trata” a maior parte das designações são formas femininas.

Todavia, muitos nomes em sua forma masculina foram constatados, especialmente se compararmos com o que ocorreu na QSL 151, em que apenas uma forma masculina foi atestada, das 18 formas distintas apresentadas pelos falantes 7 são masculinas e 2 são comuns de dois gêneros.

No que diz respeito aos dados referentes à QSL 152, é importante registrar que em 23 pontos não foi obtida resposta, o que pode corroborar com uma das hipóteses apontadas neste trabalho de que essa é uma atividade profissional que está em vias de desaparecimento devido ao efeito das transformações sociais, como os processos migratórios, assim como a expansão do acesso ao atendimento médico.

Todavia, mesmo não apresentando resposta em diversos pontos, principalmente entre os falantes da faixa 1, dentre os quais 16 não se lembravam ou não conheciam maneira de designar o agente, corroborando com a hipótese de que o agente tem desaparecido, muitas foram as formas de nomeação do agente nos pontos em que os falantes apresentaram respostas.

O processo que foi mais produtivo, conforme levantado nas hipóteses, foi o de derivação, com diversos derivados com o mesmo sufixo *-eiro*, porém outros sufixos derivacionais foram registrados, como o *-eiro*, o *-dor* e o *-deira*, contudo o processo de composição atestou os dois modelos de composição, diferentemente das outras QSL.

4.7 Para resumir

Nesta seção, apresentamos os números alcançados a partir da análise morfológica realizada nas respostas às 6 questões referentes aos agentes de atividade humana, do acervo do Projeto ALiB. Temos como objetivo reunir em tabelas os números obtidos a partir da análise de cada uma das questões.

Inicialmente, apresentamos os dados referentes aos processos morfológicos observados, derivação e composição. A seguir, apresentamos, as questões, a título de legenda, para a interpretação das tabelas e gráficos apresentados nesta seção.

QSL61 – Trabalhador de Enxada em Roça Alheia

QSL123 – Parteira

QSL140 – Pistoleiro

QSL142 – Prostituta

QSL151 – Rezadeira

QSL152 - Curandeira

Na sequência, apresentamos os dados das respostas dadas pelos falantes, de acordo com o recorte desta pesquisa, que são os processos de composição e derivação. As demais formas de nomear o agente, como sentenças, fraseologismos e formas simples, foram enquadradas em “outros”, sendo assim no valor total incluímos os demais processos, como formas simples e sentenças, a título de construção da amostra.

Tabela 1 – Distribuição das respostas de acordo com os processos morfológicos

PROCESSOS	QSL 61		QSL123		QSL 140		QSL 142		QSL151		QSL152		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Derivação	44	41,5%	101	100%	79	73,1%	3	1,5%	110	95,7%	86	96,6%	423	58,6%
Composição	13	12,3%	0	0%	18	16,7%	30	14,8%	3	2,6%	3	3,4%	67	9,3%
Outros	49	46,2%	0	0%	11	10,2%	170	83,7%	2	1,7%	0	0%	232	32,1%
Total	106	100%	101	100%	108	100%	203	100%	115	100%	89	100%	722	100%

Fonte: Elaboração própria.

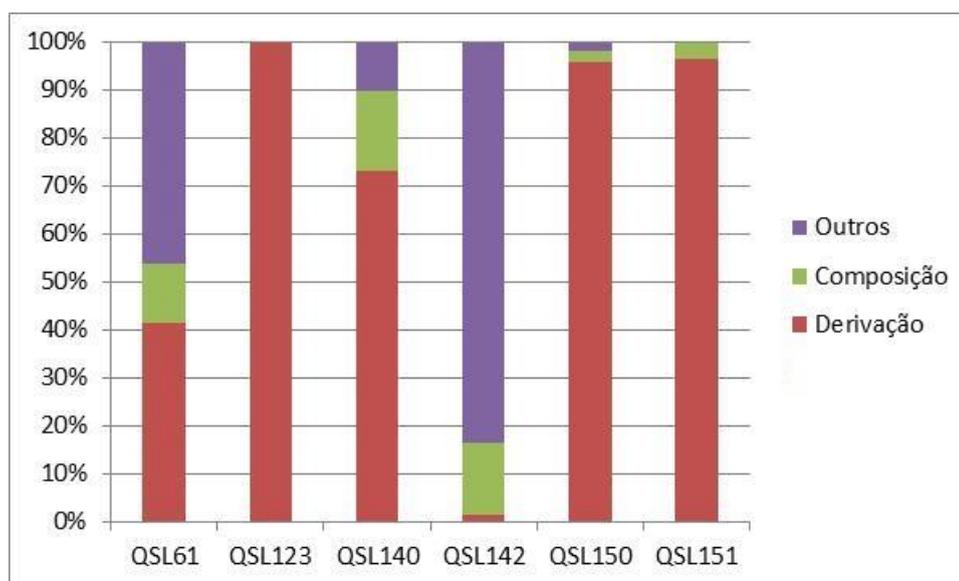
Conforme demonstramos na Tabela 1, é possível estabelecer percentualmente que 58,6% das ocorrências são do processo de derivação, corroborando, deste modo, com a hipótese levantada nesta pesquisa de que esse processo formativo seria bastante produtivo para formar agentes de atividade.

A Tabela 1, explícita, também, que outros processos foram empregados para nomeação de agentes profissionais, como sintagmas, formas simples já lexicalizadas e até fraseologismos, processo que não estava entre os descritos como prototípicos para formar agentivos, e totalizaram 32,1% dos processos formativos, um percentual significativo.

Quanto ao processo de composição, verificamos que em algumas questões foi bastante produtivo, como demonstramos por meio da Tabela 1 e do Gráfico 1, a seguir, , chegando a figurar como segundo mais produtivo à frente até da derivação em uma QSL (142), dada a sua diversidade de formas. Observamos ainda que os processos listados como “outros” foram também bastante produtivos.

A razão da produtividade tão alta de “outros” se deve ao fato de que as formas consideradas como simples e lexicalizadas foram mais empregadas para nomear os agentes profissionais analisados neste *corpus*, que são profissões antigas na cultura brasileira, e que não figuram entre as atividades de prestígio das comunidades.

Gráfico 1- Distribuição das respostas de acordo com os processos morfológicos



Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o processo formativo podemos notar que a derivação foi o mais empregado para a nomeação de agentes de atividade, pois teve ocorrências em todas as questões e exibiu uma alta produtividade.

Notamos, deste modo, por meio do Gráfico 1, que a derivação mesmo sendo produtiva na maior parte das questões, na QSL 142, as formas lexicalizadas foram as mais empregadas e, na 61, foram obtidos quantitativos similares de derivadas.

Nas QSL61 e 142 foi maior a quantidade de “outros” processos, dado o fato de possuir muitas formas simples e sentenças, o que incidiu sobre o alto número de outros processos no total, todavia nas demais QSL esse fenômeno não se configurou.

A composição foi produtiva em quase todas as questões, exceto na 123, em que a derivação foi quase unânime. Esse foi o processo também mais recorrente que a derivação na QSL 142, e muito produtivo também nas Questões 61, 140, 151 e 152, de modo que podemos considerar como recorrente para formar agentivos no *corpus*.

A seguir, na Tabela 2, apresentamos os sufixos agentivos considerados neste trabalho como prototípicos para nomear agentes profissionais, conforme a seção 1.4, de acordo com os dados de cada questão.

Tabela 2 – Distribuição dos Sufixos Agentivos

SUFIXOS AGENTIVOS														
SUF	QSL-61		QSL-123		QSL-140		QSL-142		QSL-151		QSL-152		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
eiro	4	8,5%	91	95,8%	46	78%	2	66%	1	0,9%	38	42,2%	182	45%
deira	0	0%	4	4,2%	0	0%	0	0%	105	95,5%	33	36,7%	142	35,2%
dor	6	12,8%	0	0%	13	22%	0	0%	4	3,6%	18	20%	41	10,1%
ista	36	76,6%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	1,1%	37	9,2%
n-te	1	2,1%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	2	0,5%
TOTAL	47	100%	95	100%	59	100%	3	100%	110	100%	90	100%	404	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados na Tabela 2 revelam que uma das hipóteses deste trabalho se confirmou. Tendo em conta a abrangência semântica do sufixo *-eiro*, propusemos que a derivação sufixal seria o processo mais empregado e que esse seria o sufixo mais produtivo. Os números da Tabela 2 revelam que, no *corpus*, as formações com esse sufixo totalizaram 45% das formações derivadas sufixais.

Já o sufixo *-dor* e o *-nte*, de acordo com a hipótese proposta, também seriam bastante produtivos, porém em menor frequência que o sufixo *-eiro*.

Porém, as formas em *-nte* não geraram muitas ocorrências, contrariando a hipótese de que esse seria um sufixo produtivo para formar agentes de atividade, estando registrado em apenas 0,5% dos designativos, sendo o menos produtivo com relação aos demais.

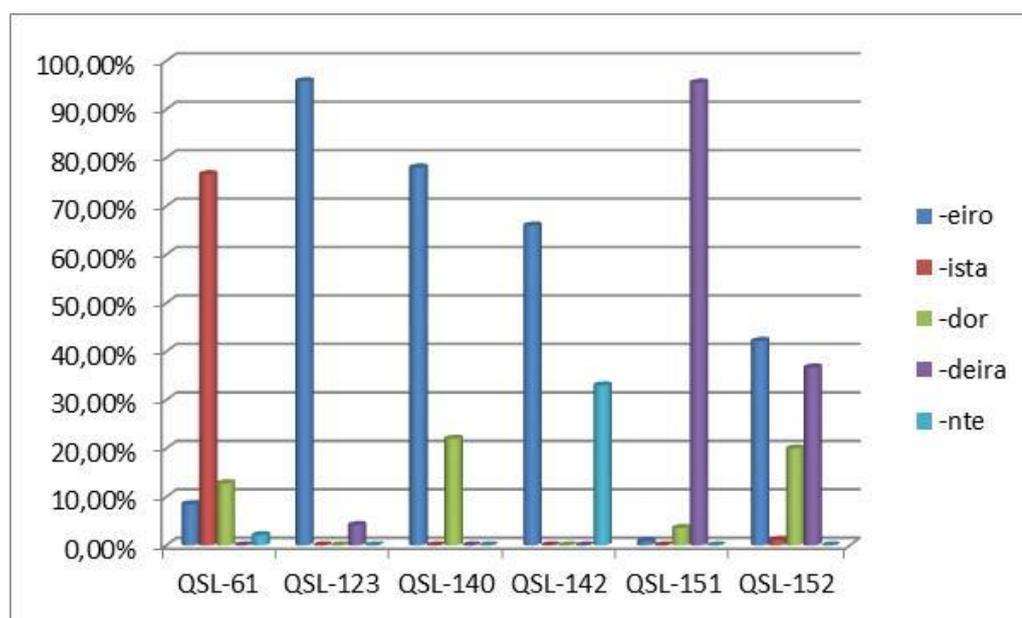
O *-dor* apesar de exibir poucas formas, esteve presente em apenas 10,1% das derivações, esteve presente em quase todas as QSL, o que evidencia que é utilizado para formar agentivos, ainda que com menor frequência em relação aos demais.

As derivações em *-ista* embora integralizem 9,2% das derivadas, foram produtivas em apenas duas questões QSL61 e 152, atestadas somente em duas palavras distintas (diarista e naturalista). A formação *diarista* foi recorrente na QSL 61, totalizando 76% das formações da Questão. No entanto ocorre apenas uma vez a forma na QSL 152 *natutalista*, contrariando as hipóteses sobre a produtividade desse sufixo no trabalho.

A despeito do sufixo *-deira* é possível constatar que foi bastante produtivo, registrado em 35,2% das derivações, ficando atrás somente do *-eiro*, uma recorrência do sufixo não esperada inicialmente nesta pesquisa.

A partir do Gráfico 2 será possível analisar melhor a distribuição das ocorrências de derivação sufixal, coletadas nas 6 Questões Semântico Lexicais no *corpus* desta pesquisa.

Gráfico 2- Percentual dos Sufixos Agentivos



Fonte: Elaboração própria.

É possível afirmar, observando o Gráfico 2, que a QSL 61 foi a única em que as formas em *-ista* foram mais produtivas. O *-eiro*, por sua vez, em maior ou menor recorrência, esteve presente em todas as Questões, destacando-se, principalmente, nas QSL 123, 140 e 152.

Com relação ao sufixo *-dor*, foi atestado em 4 das 6 Questões, o que evidencia que embora não exiba uma alta quantidade de ocorrências no *corpus*, ele é produtivo para designar agentes de atividade.

Contrariamente ao que esperávamos o *-nte* somente foi registrado em 2 questões, sendo uma ocorrência em cada.

Já com relação ao sufixo *-deira*, chama a atenção o fato de que exibe alta produtividade na QSL 151, ele é o sufixo com maior quantidade de ocorrências nessa questão, 95,5%. Porém aparece apenas em mais outras 2 questões QSL 123 e QSL 152, isto é, ocorre em diversas formações, mas em 3 questões.

Quanto à correlação entre faixa etária e os processos foram atestados os dados a seguir elencados (Tabela 3).

Tabela 3 – Correlação faixa etária e processo formativo¹³

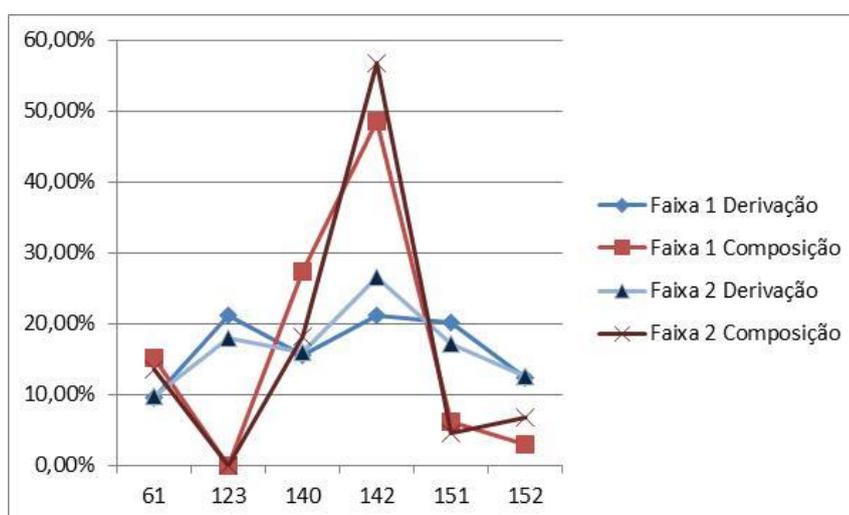
Faixa	QSL	61		123		140		142		151		152		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Faixa 1 18-30	Derivação	21	9,6%	46	21,1%	34	15,6%	46	21,1%	44	20,2%	27	12,4%	218	100%
	Composição	5	15,2%	0	0%	9	27,3%	16	48,5%	2	6,1%	1	3%	33	100%
Faixa 2 50-65	Derivação	25	9,8%	46	18%	41	16%	68	26,6%	44	17,2%	32	12,5%	256	100%
	Composição	6	13,6%	0	0%	8	18,2%	25	56,8%	2	4,5%	3	6,8%	44	100%

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com Tabela 3 podemos observar que a sufixação e a composição são processos regulares entre as duas faixas etárias, todavia, a composição ainda é o processo com um número menor de ocorrências em comparado com a sufixação.

A derivação se mostrou bem distribuída entre as questões, de forma que apresentou percentuais parecidos entre ambas as faixas etárias, diferindo apenas de uma Questão para com a outra.

Gráfico 3 - Correlação faixa etária e processo formativo



Fonte: Elaboração própria.

¹³ Os quantitativos nesta tabela contabilizam todos as formações derivadas, incluindo-se prefixação e sufixos não contemplados na Tabela 2.

Conforme observamos no Gráfico 3 a derivação se mostrou semelhante entre ambas as faixas, a exceção da QSL 142 em que a derivação na faixa 2 se mostrou muito mais produtiva do que na 1, o mesmo ocorre na composição nessa Questão, que foi mais produtiva na faixa 2 do que na 1.

No entanto, a composição se delineou de modo um pouco distinto da derivação, tendo em conta que foi um processo mais produtivo na faixa 2 em quase todas as questões, exceto no caso da QSL 140, em que na faixa 1 foi ligeiramente mais recorrente que na faixa 2.

A partir dos recortes realizados nesta pesquisa é possível verificar que o fator idade parece influenciar, ainda que não categoricamente, na escolha do processo de formação de palavras, de modo que os falantes da faixa 2 parecem se utilizar mais da composição do que os da faixa 1, necessitamos, contudo, de um estudo diageracional com volume maior dados para analisar este fenômeno.

5 REFLEXÕES FINAIS

A partir do que foi exposto nos dados, é possível asseverar que várias são as maneiras de designar os agentes de atividade atestados no *corpus* deste trabalho, que vão desde sentenças, chegando a formas derivadas, compostas, ou seja, tanto formas simples quanto complexas.

Outra reflexão que podemos levantar é o fato de que, em diversas questões, foram encontrados indícios da concorrência de morfemas, especialmente nos casos do *-dor* em que a forma equivalente feminina se dá em *-deira*, e há casos também em que o *-eiro* concorre com as mesmas formas base dos sufixos citados, como exemplo podemos citar as QSL 151-Rezadeira e 152-Curandeiro.

O sufixo *-deira*, que verificamos ser autônomo conforme analisam Villalva e Correia (1999), parece ser dotado de um padrão formativo regular; (a) ocorre em oposição ao *-dor*, (b) se liga a uma base verbal, aparentemente com verbos de ação, (c) produz nomes femininos de agentes, tanto habituais, eventuais quanto profissionais, (d) produz a leitura de “que V” e (e) foi bastante produtivo, especialmente em agentivos que dizem respeito a atividades mais antigas na sociedade. Podendo ser, desta feita, um sufixo que está na língua desde períodos recuados em períodos recuados historicamente. Necessitaríamos, contudo, de um estudo diacrônico para analisar este fenômeno.

Alguns dos nomes de agentes carregam marcas de pejoratividade de acordo com a proposta de Sandmann (1989). Esses nomes não parecem estar relacionados com a semântica dos sufixos analisados, mas sim com o sentido denotado pela(s) forma(s) base que o compõem, refletindo diretamente os aspectos socioculturais que se articulam na formação da língua.

Refutando a hipótese inicial da pesquisa, alguns sufixos não foram tão produtivos para formar nomes de agente, é o caso dos sufixos *-nte* e *-ista*, que ocorreram em poucas formas e em poucas QSL.

Já no caso dos sufixos *-eiro* e *-dor* a hipótese se confirmou, tendo em conta a produtividade em quase todas as questões e em formações diversas. A hipótese de ausência de produtividade do *-ão* também foi confirmada, pois esteve presente apenas na forma indecomponível *peão* na QSL61.

Acerca do sufixo *-deira* podemos afirmar que dada a alta produtividade desse afixo no *corpus*, este é produtivo para formação de agentivos, uma recorrência não prevista nas hipóteses iniciais.

Vários processos que não estavam registrados pelos teóricos de referência como produtivos para formação de nomes de agente foram encontrados no *corpus* deste trabalho, como a derivação regressiva, a parassintética e a prefixal, o que torna evidente o fato de que os falantes são capazes de mobilizar uma série de processos para dar nomes aos agentes profissionais, uns mais prototípicos, como observamos ser a derivação sufixal, outros menos prototípicos, como a parassíntese, as sentenças etc.

Nos dados a composição sintática foi a mais produtiva, com a estrutura “N + prep. + N”, como já havia sido apontado por Gassenferth (1990), que atestou em seu trabalho que nos compostos que denominam seres ou coisas esse modelo estrutural de composição é mais produtivo que os demais.

Parece não ser possível determinar de maneira categórica, destarte, quais processos podem prototipicamente formar nomes agentivos profissionais, em virtude de neste trabalho constarem registrados diferentes modos de expressão da agentividade, ora por composição, que foi surpreendentemente bastante produtivo, ora por derivação, que foi o processo mais recorrente, e ainda por meio de sentenças.

REFERÊNCIAS

ARONOFF, M. **Word formation in generative grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

AULETTE, C. **Aulete Digital** - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete versão online, Acesso em 01 julho 2023.

BACELLAR, K. A. **As formações em –dor: Uma Análise Sintático-Semântica**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019.

BARRETO, T. **Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares?**. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012.

BARTHES, R. **Fragments de um Discurso Amoroso**. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BASILIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. BASILIO, M. *Estruturas Lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **Substantivação plena e substantivação precária: um estudo de classes de palavras em português**. In: Gonçalves, C. A.; Almeida, M. L. L. de. (orgs.) *Diadorim*. Rio de Janeiro, Ed. 4, páginas 11-24, 1982, 2008.

_____. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BLOOMFIELD, L. **Language History from Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston. (1933), 1965. CARDOSO, S. A. *Geolinguística, tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

BOOIJ, G. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYE, P.; SVENONIUS, P. **Non-concatenative morphology as epiphenomenon**. In: TROMMER, J. (ed.). *The Morphology and Phonology of Exponence*. Oxford University Press, 2012.

CARDOSO, S. A. M. **A dialectologia no Brasil: perspectivas**. In: D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999.

_____. **A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?** Revista do GELNE, v. 4, n. 1/2, 2002.

_____. **Atlas Lingüístico de Sergipe-II**, Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. **Percursos da Geolinguística no Brasil**. *Linguística*, Montevideo, v. 29, n. 1, p. 115-142, jun. 2013. Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2013000100006&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 13 jun. 2023.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 41.ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

CHAMBERS J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge University Press, Cambridge, 1980

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**. Questionários. Londrina: Editora da UEL, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FÁBREGAS, A. A syntactic account of suffix rivalry in Spanish. In: A. Alexiadou & M. Rathert. **The syntax of nominalisations across languages and frameworks**. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 67-91, 2010.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FERREIRA, C. et al. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: UFBA – Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FROTA, M. P. **A expressão do pejorativo em construções morfológicas**. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1985.

GASSENFERTH. D. **Produtividade Lexical: Compostos Metafóricos e Metonímicos**. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1990.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LEE, Seung-Hwa. **Sobre os Compostos do PB**. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 17-33, 1997.

LEOCADIO, L. C. **Memórias “Esquecidas” da Guerra de Porecatu: História e Historiografia de Atores Sociais Silenciados (1940-2011)**. In: V Congresso Internacional de História, 2011, Jataí, anais, Jataí: UFJ. Disponível em < <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/292.pdf>>

MELO, H. S. **Análise Do Uso Dos Sufixos -ista e -eiro Na Região De Itaúna - MG**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da UFMG. Minas Gerais, 2006.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NÓBREGA, V. A. **Tópicos em composição: estrutura, formação e acento**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, A. A. G. J. **Os sufixos agentivos -nte e-(d/t/s)or no português: um estudo semântico-diacrônico**. Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

OLIVEIRA SILVA, F. O trabalhador de enxada em roça alheia: processos morfológicos. In: GONÇALVES, E. C. B. et al. (org.) **História e funcionamento das línguas naturais: raízes e sementes da pesquisa acadêmica em Letras**. Salvador: EDUFBA, 2023. p. 271-287. Disponível em < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36972/3/historia-e-funcionamento-RI.pdf>> Acesso em 10 out 2023.

PRUDENCIO, S. C. P. **Derivação e oralidade na experiência de falantes de Salvador**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2001.

RIO-TORTO, G; RODRIGUES, A. S.; PEREIRA, I.; PEREIRA, R.; RIBEIRO, S. **Gramática derivacional do português**. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

RIO-TORTO, G. **Estrutura categorial e formatação derivacional**. In: Revista Portuguesa de Filologia, in memoriam José Gonçalo Herculano de Carvalho, vol. VVX, tomo I, 2006.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROMANO, A. **A preliminary contribution to the study of phonetic variation of /r/ in Italian and Italo-Romance**. In: SPREAFICO, L.; VIETTI, A. (org.). *Rhotics: new data and perspectives*. Bolzano: Bolzano University Press, 2013.

ROSSI, N.; ISENSÉE, D. M.; FERREIRA, C. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANDMANN, A. J. **A expressão da pejoratividade**. Letras: Curitiba- UFPR v. 38, p. 67- 82, 1989.

_____. **Morfologia lexical**. Curitiba: UFPR, 2020a.

_____. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo** [1988]. Curitiba: UFPR, 2020b.

SANTOS LOPES, M. **A prefixação na primeira fase do português arcaico**: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV. 2013. 943p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. **O morfema –eir– no português contemporâneo**. *Linguística y Literatura*, v. 1, n. 65, pp. 87-111, mar. 2014.

SIMÕES NETO, N. A. **Um Enfoque Construcional Sobre as Formações X-eir- : Da Origem Latina ao Português Arcaico**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

SIMÕES NETO, N. **Variação morfológica**: aproximações entre dialetologia e diacronia. *Miguilim –Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 7, n. 1, p. 39-54, jan.-abr, 2018.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1986.

TEIXEIRA DA SILVA, I. **O uso do participio em formações verbais no português do sul do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008

VAL ÁLVARO, J. **La composición**. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (dir.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol. III: Entre la oración y el discurso/Morfología. Madrid: Editorial Espasa/Calpe, 1999

VIARO, M. E. **Etimologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2011:

VILLALVA, A. **Estruturas morfológicas**: unidades e hierarquias nas palavras do português. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1994.

_____. **Formação de palavras: composição**; MATEUS, M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 6.^a ed., Lisboa: Caminho, p. 971-983, 2003.

_____. **Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.

_____. **Talking about women**. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Portugal, 2020.

VILLALVA, A. ; CORREIA, C. **Morfologia e Semântica dos Nomes-sujeito**. Comunicação apresentada ao XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Faro, 1999.

ANEXOS

ANEXO I – Quadro de Respostas às QSL

QUESTÃO 61 - TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA				
PONTO	H 1	M 1	H 3	M 3
81	Trabalhador rural	Diarista	Diarista	Trabalhador
82	0	0	Trabalhador alugado/Trabalhador de aluguel	Diarista
83	0	0	0	Diarista
84	Diarista	diarista	pião/trabaiadô braçal/diarista	0
85	0	0	Diarista	pinhão (pião)
86	Diarista	Bóia fria	trabaiadô diário/trabaiadô da zona rural	Dia de macaco/macaquêro/diarista
87	Peão	pião	pião	0
88	Diarista	Diarista	diarista	Trabalhadô/trabalhadô braçal
89	Trabalhadô diário	Diarista	0	pião
90	trabalhadô de Impeitada	trabalhador	0	Diarista
91	Impeitada	Diarista	Diarista	diarista
92	trabalhadô	Ajudante	Diarista	Peão/trabalhador de roça
93A	0	diarista	diarista	vaquêro/diarista
93B	diarista/peão	Bóia-fria/Lavradô/	Diarista/pião	0
94	pião	0	0	Trabalha no rural
95	Diarista	0	diarista	Diarista
96	0	Diarista	trabaiadô por dia/trabaiadô de macaco/macaquêro	diarista
97	Diarista	0	trabalhê diário/trabalhadô por dia/pião	0
98	Contratado	0	operário/bóia fria	Diarista
99	Piã	0	Diarista	trabalhadô/empregado
100	pião	Diarista	Contratado	Empreitêro
101	diarista	diaristas	0	Diarista
102	0	Trabalhadô rural	trabalhado braçal	contratado
TOTAL	23	23	23	23

QUESTÃO 123 - PARTEIRA				
PONTO	H 1	M 1	H 2	M 2
81	Partera	Partera	Parteira	Partera
82	Partêra	partêra	Partêra	Partera
83	partera	partera	Partera	Parteira
84	partera	Partera	Partera	Partera
85	Partera	partera	Partêra	Parteira
86	Partêra	partêra	Partera	Partera
87		0 Partera	partera/enfermera	Partera
88	partera	Parteira	Partera	partêra/aparadêra
89	Partera	Partera	Parteira	Pahtera
90		0 Parteira	Partêra	Pahtera
91		0 Partera	Pahtera	Partera/paradera
92	Partera	Partera	Partera	Partera
93A	partêra	partera	partera	Partera/aparadera
93B	partêra	partera	Partera/aparadera	Partera
94	Partêra	Partêra	Partêra	Partera
95	Partêra	Partêra	partêra	Parteira
96	Partêra/Infermêra	Partêra	partêra	Partêra
97	Partera	Parteira	Partera	Partera
98	Partêra	Partêra	Partêra	Parteira
99	Pahtera	Partêra	Partêra	Partera
100	Partêra	Partêra	Partêra	Partêra
101	Partêra	Partera	Partera	partera
102	Partêra	Partera	Partera	Partera
TOTAL		23	23	23

QUESTÃO 140 - PISTOLEIRO				
PONTO	H 1	M 1	H 2	M 2
81	Pistolero	Criminoso	Pistolêro	Pistolêro
82	Pistolêro		pistolêro/matador de aluguel/matador	bandido/malfeitor
83	Pistolero		0 pistolero	0
84	assassino		0 pistolero/Matadô de aluguel	pistolero
85	Pistolêro		0 Pistolêro	0
86	Pistolero	Matador	Pistolêro	Assassino
87	Pistolêro	Pistolêro/Matador	cangacero	Pistolero
88	Assassino	Assassino particular/capanga	pistolero/malfazejo	pistolêro/matadô
89	Matadô/Criminoso		0 Pistoleiro	Matadô/Bandido
90	Capanga	matador de gente	Pistolêro	0

91	Pistolero	Matadô de aluguel	assassino/pistolero/capanga	Assassino/matadô de aluguel
92	Pistolêra	Pistolero/Bandido	Pistolero	Pistolero
93A	matadô/ matador de aluguel	assasino de aluguel	Pistolêro	assassino
93B	pistolêro/matadô	Assassino/Matadô de aluguel	matadô de aluguel/assassino de aluguel	matadô por incumenda
94	Criminoso	0	Pistolero	0
95	0	Matadô	Pistolêro	Pistolero
96	Capanga/comparsa	Assassino	pistolêro	pistolêro
97	pistolero/fez uma quebra de milho	Jagunço/matadô	matadô	Criminoso/pistolero
98	Pistolêro/Capanga	Matador de aluguel	Pistolêro	Criminoso
99	Matadô/Assassino	Matadô de aluguel	pistolêro	criminoso/jagunçu
100	pistoleiro	Assassino	Criminoso	Matador de aluguel/Pistolêro
101	Pistolero	Pistolero/matador de aluguel	Pistolero/Matador de aluguel	Pistolero
102	Pistolêro	0	0	Criminoso
TOTAL	23	23	23	23

QUESTÃO 142 - PROSTITUTA				
PONTO	H 1	M 1	H 2	M 2
81	Prostituta/rapariga/rameira	Prostituta/galinha	prostituta/rapariga	Protistuta
82	meretriz/prostituta /puta /alça de caxão	prostituta/garota de progama	protistuta/puta/vagabunda /cachorra	protistuta/rapariga
83	Putagalinha	Prostituta/garota de progama/garota da vida	prostituta/puta	protituta
84	Prostituta/rapariga/vagabunda	vagabunda/Rapariga /quenga	Protistuta /Rapariga	prostituta/que tá se vendeno
85	Prostituta/mulhé safada /Vagabunda	Mulhé da vida	Putagalinha /Rapariga /Prostituta	Prostituta /rapariga /
86	Prostituta/Rapariga	Mulhé da vida	mulé bandida/Mulé viralata	Prostituta
87	Prostituta	Prostituta	mulhé que se protitui	Mué de

	/Rapariga /galinha	/rapariga		programa/Rapariga/pr otistuta/mué sacana/safada
88	prostituta	prostituta/garota de prôgrama	mulhé que se vende/protistuta/Mulhé de programa/mulhé da vida livre	Protistuta /faiz vida/mulhé da vida fácil
89	Prostituta/Ra pariga	muié da vida/prostituta	Protistuta/rapariga	Vadia/Vagabunda/Cac horra
90	Prostituta/Mu lhé de rua	Prostituta	Postituta/rapariga/mulher de rua	Protistuta
91	Piriguetes/Pro stitutas	prostituta/meretri z	meretriz	Proistituta/Mulhé Dama
92	rapariga/puta/ mulhé de pograma	Piranha/Rapariga /Prostituta	pilantra/mulhé fácil/mulhé cumecial/mulhé volúvel/mulhé leviana/puta	Rapariga/puta
93A	prostituta/ mulher de rua	protistuta/piranha	Protistuta/puta/breguera/mu lé da vida livre	Prostituta/mulé vagabunda
93B	Prostituta /puta/piranha	Prostituta/Vadia	Prostituta/meretriz/puta	prostituta/meretriz/rap ariga/puta
94	Mulhé safada	Prostituta/vagabu nda	prostituta/Mulhé sozinha	rapariga
95	Protistuta	Prostituta/garota de programa/Mulhé de vida	prostituta/fazeno vida	piranha/safada
96	Prohtituta/Put a/Rapariga/se m vergonha	Put a/prostituta/se m vergonha/safada	rapariga/Prostituta	0
97	Prostituta/rap ariga/puta	Prostituta/garota de programa	Prostituta/rapariga/quenga/r abugenta/Barbacia	vagabunda/mulher malandra/
98	Prostituta/	Prostituta/raparig a	prostituta	Prostituta
99	Protistuta/Va gabunda	Prostituta/Vagab unda/Garota de programa	Put a/Rapariga/Prostituta	Postituta
100	Prostituta	Prostituta	Prostituta/rapariga	mulé galinha/mulé vivida/mulé de vida fácil
101	Vagabunda/p uta/safada/de scarada	Prostituta	Maria gasulina/biscatera	Piranha
102	Prostituta/Va dia	Prostituta	piranha	Safada/puta
TOT AL	23	23	23	23

QUESTÃO 151 - REZADEIRA				
PONTO	H 1	M 1	H 2	M 2
81	Rezadera	rezadera	Rezadora	Benzendera
82	rezadêra	Rezadêra	Rezadêra/benzedêra	rezaderas /benzederas
83	Rezadera	Rezadera	rezadera	Rezadera
84	Benzendera	Benzendera/curadera/ Curadora	Bezeder/Rezadera	Rezadera/benz endera
85	Rezadêra	Rezadêra	curadêra	Rezadêra
86	Benzedera	Rezadera	rezadera /curadera	benzedêra
87	Rezadêra	Curandera	beata/ cabloca/mãe de santo/candoblezera	Rezadera
88	Rezadera	Rezadeira	rezadera	rezadera
89	Rezadera	rezadera/benzedera	Benzedeira	Rezadera/benz edera
90	mulhé rezadera	rezadeira	Rezadêra/benzedêra	Rezadera
91	Rezadera	Rezadera	Rezadera	rezadera/benze dera
92	benzedera	Benzedera	benzedera	Rezadera
93A	rezadêra	Rezadêra	Rezadêra	rezadera
93B	rezadêra	Rezadêra	rezadêras	benzedêra
94	mãe de santo	Rezadeira	Rezadêra	0
95	Rezadêra	Rezadêra	rezadêra	Benzedera/Ben zadora
96	Rezadera	Rezadêra	rezadêra	Benzedera/reze dera
97	Benzedera/re zadera	rezadô	curadera/Rezadera	rezadera/benze dera
98	Rezadêra	Rezadêra/Benzedêra	Rezadêra/benzedêra	Rezadêra/
99	Curandera/re zadera	Benzedera	curadêra	Rezadeira
100	rezadêra	Rezadeira	Rezadeira	benzedera/reza deira
101	Rezadeira	Rezadera	rezadera/Benzadera	Rezadera
102	Rezadêra	rezadera/benzedera	rezadera	Rezadera
TOTAL	23	23	23	23

QUESTÃO 152 - CURANDEIRA				
PONTO	H 1	M 1	H 2	M 2
81	Curadera	rezadera	macumbero/candomblezero	0
82	Curador/Macumbêro/Maria das ervas	Feiticêra	Rezadêra/benedêra/meisinha	rezaderas/benederas/curadera
83	Curadô	curadô	raizero/meziero	Curador/garrafera
84	curadô	Curadera/Benzendera/Curadora	Raizera/Curandera	curadera
85	Curadô	0	0	raizero
86	Curadô/curadera	0	rezadô/raizero	Raizêro
87	0	rezadêra/curandera	raizera	Rezadera/raizera
88	Curadera	Curadeiro	0	Naturalista
89	Curadera	0	curadera	benedera/rezadera/Curandera/Curadera
90	Curadô	0	curadô	Raizero
91	0	curadera	dotô raiz	0
92	Curadô	0	garraferos	Raizera/curandera
93A	0	Curandêro	Rezadêra	macumberos
93B	0	Curandêro	Curandêro/benedeira	curandêra/macumbera/fitoterapeuta
94	0	Raizera	0	0
95	Rezadêra	Rezadêra	raizêro	Curadô
96	0	rezadeira	curado	0
97	Raizera/Curadera	0	curadera	curadô
98	0	Curadô	curadô	curandêra
99	curadeira	0	0	Raizeira
100	curador	Curadô	Curandero	0
101	0	0	Curador	raizero
102	0	benederas	Curadera	Curadera
TOTAL	23	23	23	23